

INDICE

Prólogo

Definição geral do ocultismo

PRIMEIRA PARTE: O EGITO

O Egito e seus mistérios

Os mistérios de Ísis

A ciência no antigo Egito

A escrita

Os ensinamentos do Templo

A dialética cristã

Fundação do Estado social universal

A ciência antiga estudada

SEGUNDA PARTE: A TRADIÇÃO

O mundo e as raças

As tradições

TERCEIRA PARTE: CIÊNCIA ATUAL E CIÊNCIA ANTIGA

Analogia

A hierarquia no universo

A Terra é um ser vivo

Androgonia

Diversas classificações dos princípios

As faculdades ocultas do homem

QUARTA PARTE: DOCTRINA

Cosmogonia

Zodíaco astronômico e zodíaco astrológico

Teogonia

Isis e a trindade egípcia

Filosofias e religiões

QUINTA PARTE: A CIÊNCIA OCULTA

(REENCOBERTA OU REVELADA)

As razões do simbolismo na antiguidade

O simbolismo egípcio

simbólica e os nomes próprios

Simbolismo e analfabetos

Simbolismo e franco-maçonaria

Ritos maçônicos

Os graus maçônicos
Os números
Os boêmios e os números
As sínteses
Sínteses de origem astronômica e talismãs
Alquimia e química
Sete velhas figuras de correspondências planetárias
Princípios preparativos ou chaves da obra
As artes divinatórias
As gemas da felicidade
A magia
Bibliografia do martinismo
As forças invisíveis da natureza
Os fatos psíquicos

Conclusão

PRÓLOGO

O estudo da Ciência Oculta tem apaixonado cada vez mais as mentes contemporâneas.

Porém, antes de abordar os aspectos técnicos da Cabala hebraica e de seus ensinamentos sobre a alma e suas evoluções, ou antes de estudar os dados da tradição oriental sobre o Carma e a reencarnação, alguns leitores gostariam de um resumo elementar dessas obscuras questões.

Tal resumo requer, em primeiro lugar, uma grande clareza, que pode ser obtida pela explicação preliminar de todos os termos técnicos.

Em segundo lugar, uma grande facilidade de assimilação cerebral. Em nossa época, ninguém tem tempo para longas meditações e profundas reflexões. Quer-se entender imediatamente. O aperfeiçoamento das reproduções gráficas e a facilidade de se ilustrar qualquer explicação técnica resolve este problema.

Finalmente, todo desenvolvimento deve ser resumido em quadros simples e de fácil leitura.

O plano do presente opúsculo consiste em:

- 1) exposições as mais curtas possíveis e desprovidas de termos técnicos;
- 2) ilustrações variadas;
- 3) numerosos quadros e resumos.

É claro que não poderemos resumir perfeitamente, em algumas páginas, os cinquenta volumes que, atualmente, constituem a biblioteca de qualquer estudioso sério, porém nos esforçaremos para dar uma introdução a cada série de volumes, evitando assim apalpadelas no escuro e pesquisas que esgotem rapidamente a paciência e, muitas vezes, também o bolso dos amantes do ocultismo.

DEFINIÇÃO GERAL DO OCULTISMO

O Ocultismo tem por objetivo o estudo da tradição antiga, no que concerne às forças ocultas (metafísicas) da Natureza, do Homem e do Plano Divino.

Esta tradição era ensinada, tanto no antigo Egito como nos velhos santuários da China e da Índia, a uma elite de indivíduos selecionados por uma progressiva iniciação. A ciência não era, portanto, permitida a todo mundo; era oculta nos templos, e assim podemos definir este primeiro aspecto sob o nome de *Ciência Oculta (Scientia occulta)*.

* * *

A ciência ensinada nos mistérios estudava o Plano invisível sob todos seus aspectos:

- 1) no Homem;
- 2) na Natureza, sob seu duplo aspecto de natureza naturante e de natureza naturada;
- 3) no Plano Divino, bem como as relações destes diversos planos ou princípios entre si, seus benefícios e suas diversas manifestações. Pode-se, portanto, definir esta segunda parte da tradição como a Ciência do Invisível ou a *Ciência do Oculto (Scientia occultati)*.

* * *

Enfim, uma vez constituído o ensinamento, um método particular permitia *encobrir* aos profanos as revelações dos mistérios pelo simbolismo, os hieróglifos, as lendas religiosas, os mitos e todos os procedimentos derivados dessas práticas. A Verdade era transmitida ao povo sob os véus apropriados. A Ciência Oculta escondia pois o que descobria; era a *Ciência Reencoberta (Scientia occultans)*.

* * *

Esse é o triplo aspecto da Ciência Oculta e, quando se estuda qualquer um dos numerosos autores que se dedicaram a este assunto, é muito importante saber a que gênero de estudo eles se referem na tripla definição da Ciência Oculta:

- 1) Occulta;
- 2) Occultati;
- 3) Occúltans.

O estudo de cada parte, com efeito, requer um trabalho especial e desenvolvimentos particulares, que vamos resumir rapidamente, da melhor maneira possível.

I

A primeira parte é sobretudo histórica; apoia-se nas descobertas dos sábios contemporâneos relativas à egiptologia, à filologia e à geologia, como também à antropologia e a todas as ciências históricas.

O ocultista, com efeito, deve respeitar os importantes trabalhos da ciência contemporânea; deve elucidar esta ciência à luz dos ensinamentos da tradição antiga, sem contudo ignorar qualquer princípio da ciência contemporânea, sob pena de graves erros. A ciência antiga e a ciência contemporânea constituem de fato os dois pólos da antítese e da tese, dos quais só pode emanar uma verdadeira síntese.

Caminha-se sobre os dois pés antes de se apoiar sobre o báculo do iniciado.

Portanto, serão estudadas, nesta parte, a constituição dos mistérios antigos, a história das diversas iniciações e suas ligações com as diversas raças humanas.

Esses estudos podem dedicar-se principalmente ao Egito, que hoje em dia é bem conhecido e cuja tradição está claramente estabelecida. Os documentos positivos que possuímos sobre o templo egípcio e as práticas realizadas em cada uma de suas salas, sobre a capela funerária e o túmulo (pirâmide) ou hipogeu, permitem estabelecer a tradição sobre bases tão claras quanto sólidas. As poucas palavras escapadas dos antigos iniciados nos mistérios - Jâmblico, Porfírio ou Apuleio -, os escritos de Plutarco ou os ensinamentos dos neoplatônicos, dos gnósticos e dos cabalistas constituem uma valiosa fonte para o estudo desta seção. As narrações de iniciação, veladas sob os contos poéticos de Homero, Virgílio ou Dante, são também uma fonte de valor para essas pesquisas. Enfim, toda a mitologia antiga, em suas relações com a cosmofofia, exigiria também longos estudos. O que podemos adiantar é que a ciência ciosamente guardou seus segredos no interior dos templos, até cerca do ano 500 a.C. Naquela época, em todo o mundo, houve uma tentativa de difusão profana, e alguns alfabetos, até então misteriosos, como o sânscrito (forma escrita), o aramaico e o assírio (hebreu quadrado) foram revelados ao mundo profano. Apenas podemos mencionar essas pesquisas, pois constituem toda uma biblioteca particular.

II

Certos autores só consideram a Ciência Oculta em relação a esta segunda parte e a definem como: "o estudo do invisível".

Esta definição refere-se apenas a uma parte da Ciência Oculta, a mais importante talvez, mas não a única. Estudava-se não só teoricamente mas também vitalmente (permitam-nos esta expressão) e espiritualmente, nos antigos mistérios, cada realidade natural em suas relações visíveis com as outras realidades, e em suas relações com todas as forças que circulam nessas realidades. Este estudo incluía:

- a) o estudo da natureza (segundo Hé do nome divino), natureza naturada;
- b) o estudo da natureza humana (*Vao* do nome divino);
- c) o estudo da natureza naturante (primeiro Hé do nome divino).

Estas três partes reunidas formando a *Vida* (Eva).

Acima desses três estudos naturais estavam as ciências divinas correspondentes ao *Iod* do nome divino.

Soletrar o nome sagrado de *IEVE* era conhecer a Ciência Oculta em todas as suas manifestações. Cada ciência era estudada, por sua vez, da seguinte maneira:

- 1) Estabelecia-se o *Verbo* da Ciência, *nomeava-se* cada um dos elementos que constituíam seus princípios de constituição, ou seja, a lei da ciência, o estudo físico ou anatômico desses elementos. Por exemplo, para o estudo do céu, a *Astronomia*.
- 2) Em seguida, estudava-se para cada ciência o Verbo em ação, o logos vivo e operante; era a fisiologia, ou melhor, a lógica de cada ciência; para a ciência dos astros, essa parte constituía a *Astrologia*.
- 3) Depois, estudava-se a relação de cada ciência com o plano mental, o plano das concepções humanas, das classificações e de tudo o que constitui a ciência cerebral, tão cara às nossas

universidades. Isso constituía o plano da sabedoria, da sofia (de *sophia*). Isto é, para a ciência dos astros, a *Astro-sofia*, cuja chave é toda a mitologia antiga quando transformada em mitosofia.

4) Enfim, a aplicação real das forças secretas escondidas no homem permitia sair do plano mental e de suas terríveis ilusões para transportarse dentro do plano da visão direta, onde se via face a face as forças da criação: era a visão, a *phania* de cada ciência, e, para os astros, constituía a *Astro-phania*, da qual os diversos Apocalipses são um resumo.

Podemos, pois, retomar cada uma das ciências relativas aos princípios Natureza, Homem, Universo e Deus, das quais já falamos, e teremos a seguinte classificação:

Para a natureza astrais

- Astronomia - Astrosofia
- Astrologia - Astrofania

Para a natureza humana:

- Andronomia - Androsafia
 - Andrologia - Androfania
- } (pode-se dizer igualmente Antroposofia ou fania)

Para o universo vivo:

- Cosmonomia - Cosmosofia
- Cosmologia - Cosmofania

Finalmente, *para as forças divinas:*

- Teonomia - Teosofia
- Teologia - Teofania

Aquele que estuda a ciência oculta de uma maneira metódica e verdadeiramente iniciática jamais confundirá um teósofo, variedade especial de filósofo, com um teófano, verdadeiro adepto que vive em dois planos.

Um sufi muçulmano é, às vezes, sob o ponto de vista "sófico", um profundo ignorante; porém, sob o ponto de vista "fánico", ele é um sábio da ciência viva, digno de todo respeito: *não tem nada, mas algo ele é.*

III

A parte precedente é a que requer os mais longos e aprofundados estudos. Vamos agora descrever rapidamente a terceira e última seção da Ciência Oculta.

Uma vez instituído o ensinamento dos mistérios, era necessário transmitir a Verdade para o mundo profano, sem mentiras mas suficientemente velada para evitar as indiscrições e, sobretudo, o manejo das forças divinas pelos mal-intencionados, que se serviriam dela para o mal. Daí a ciência do Simbolismo, ou do véu de Ísis, que permite ora elevar-se de um símbolo a seu princípio celeste, revelando seu mistério, ora descer de um princípio celeste a um simbolismo cada vez mais físico, revelando ou revestindo os mistérios. Os principais elementos desta parte são:

1) O estudo do céu, dos astros, das constelações e de todo o simbolismo que deles deriva para o estabelecimento da união entre a terra e o céu ou da religião (*reli-gare*).

- 2) O estudo dos alfabetos ou do Verbo aplicado ao simbolismo (hieroglifismo e alfabetismo), ciência da teba, ou do alfa-beta.
- 3) O estudo dos símbolos, dos números, das figuras, dos sons, das cores e das formas, relacionados com o Verbo celeste. Trata-se da arqueometria ou medida do princípio.

O leitor possui agora uma definição clara e tão completa quanto possível da Ciência Oculta; será fácil classificar os autores por seção e por gênero de estudos. E será fácil também dar-se conta do valor de cada tradição e entender que a primeira qualidade do ocultista digno deste nome é ser tolerante e jamais querer elevar um princípio acima de outro, já que a harmonia é o fundamento do próprio Universo em todas suas manifestações.

O EGITO E SEUS MISTÉRIOS

Já dissemos que, quando se trata da tradição iniciática, não se deve menosprezar os ensinamentos tão claros da ciência contemporânea.

Ao elaborar-se o mapa dos terrenos primários do nosso planeta, percebe-se que correspondem quase completamente às colônias dos atlantes quando a Atlântida era o continente solar do nosso planeta e os outros continentes formavam, na maior parte, ilhotas ou grandes ilhas perdidas sobre o mar. Vê-se muito bem essa disposição no mapa que elaboramos, esforçando-nos para reconstituir os perfis da Atlântida. Neste mapa, os terrenos primários são indicados em preto.

O Egito, inicialmente habitado por uma raça autóctone, fora conquistado cedo pelos vermelhos, chamados os "ferreiros de Horus". Sabemos que os vermelhos foram, sobre a terra, os mais hábeis na arte do fogo. Neste curto resumo, é evidentemente impossível fornecer as formulações encontradas nos autores especiais. Sobre os atlantes, não podemos deixar de recomendar o volume de Roisel. Sobre o antigo Egito, uma bibliografia resumida encontra-se em nossa brochura *Primeiros elementos de leitura da língua egípcia*, assim como nos notáveis trabalhos de Alexandre Gayet.

O Egito é, portanto, uma colônia de vermelhos. Estes vermelhos estiveram muito cedo em relação com os etíopes, de raça negra; e a tradição egípcia é, em suma, uma tradição atlanto-etíope.

A autêntica história do Egito permite remontar, como monumento, a 5000 anos a.C.; o estudo da astrologia nos permitiria chegar muito além disso.

* * *

O sábio Egito concentrava seu ensinamento em três centros:

- 1) o templo;
- 2) a capela funerária;
- 3) o túmulo ou pirâmide.

A capela funerária e o túmulo eram consagrados especialmente ao estudo do mundo invisível e da vida dos mortos, formando a terceira parte dos mistérios.

Mapa das correntes marítimas e das profundidades. (12)

Reconstituição da Atlântida. (13)

O templo, ao contrário, era dedicado à seleção dos vivos pela iniciação e à assistência social pela ciência.

O templo, com efeito, enviava gratuitamente à sociedade profana os engenheiros, os arquitetos, os médicos, os administradores e até os músicos, os artistas de teatro e as dançarinas necessários à evolução do povo. Vamos estabelecer agora um rápido resumo da organização de um templo egípcio.

O Templo Egípcio - Como se vê pela figura abaixo, o templo era formado por três partes geralmente cercadas por muros.

O TEMPLO EGÍPCIO (visto em perspectiva). (14)

- 1) os jardins com as colunas de entrada correspondendo ao Mundo físico e aos Profanos;
- 2) a sala hipostila, correspondendo ao Mundo Astral e aos Aspirantes dos Mistérios;
- 3) o Santuário e suas dependências, correspondendo ao Céu e aos Iniciados.

Apesar da brevidade de nossa exposição, é indispensável analisar, com alguns detalhes, esses diversos elementos e assinalar desde já a cripta que se estendia sob o templo, na qual se realizavam a maior parte das cerimônias de iniciação.

O Templo Egípcio (reconstituição de Papyrus). (15)

Essa disposição aparece com muita clareza na figura que representa o desenho em corte do templo.

Os **Jardins** - Na entrada dos jardins erguem-se as duas colunas correspondentes às duas montanhas sagradas delicadas a Ísis e a Néftis. Sobre essas colunas, encaixavam-se varas compridas, terminadas em pontas de cobre, que os egiptólogos alemães afirmam terem sido pára-raios e os egiptólogos franceses consideram sobretudo como porta-bandeiras.

As Colunas e as Bandeiras divinas. (16)

Uma vez transpostas as colunas, entrava-se nos jardins.

Muitas vezes, antes ou após as colunas, havia uma alameda de esfinges; estas, imagens da iniciação e dos signos astrológicos do Leão e da Virgem, às vezes do Leão e de Áries, exigem um estudo especial que aqui não podemos realizar.

Nos jardins do templo, ficavam as oficinas onde se fabricavam todos os objetos necessários ao exercício do culto e à magia. Aí também se encontravam as fontes e os esguichos, que forneciam a pressão para a água destinada às muitas máquinas que guarneciam a cripta do templo (ver o desenho em corte).

No fundo desses jardins, ficavam as duas mesas, ou estejas, sobre as quais haviam sido traçados os ensinamentos da Lei, da qual os maus tradutores fizeram a Árvore do Bem e do Mal, descrita por Moisés em sua reconstituição do templo místico ou "Jardim do Éden".

O Templo Egípcio: Corte mostrando a origem... (17)

Os dois obeliscos, que ornavam a entrada dos grandes templos antes das colunas, referem-se, nos parece, às duas colunas primitivas das leis celestes e terrestres, estabelecidas pelo *Toth Hermes Trismegisto* no início da colonização humana. Nesses jardins eram recebidas todas as dádivas trazidas como imposto ao templo e eram classificadas as matérias minerais, vegetais e animais destinadas ora ao culto, ora aos múltiplos usos presididos pelo templo. Não esqueçamos, com efeito, que no Egito a moeda de câmbio não existia e que tudo era feito na base da troca: o agricultor pagava com medidas de trigo e o fidalgo com soldados ou trabalhadores.

A Sala Hipostila - Essa admirável sala, com imensas e múltiplas colunas, era a imagem do Mundo Astral, cujas influências estavam minuciosamente descritas nessa mesma sala. Aí faziam-se as procissões da barca sagrada (*bar ísis*), de onde se originou o nome de Paris.

A Sala Hipostila. (18)

Essa barca era trazida, nos dias de festas, por filas de sacerdotes, que para esse fim a tiravam do santuário em que costumava ficar.

A arca de Moisés, verdadeira garrafa de Leyde para a eletricidade atmosférica, não era outra coisa senão a estrita reconstituição de uma barca dos mistérios egípcios.

Na sala hipostila também eram recebidos os iniciados vindos de outros templos; aí eram interrogados para justificar o seu grau iniciático, antes de franquear a porta de marfim e ouro que separava a sala hipostila do santuário ou o Mundo Astral do Céu.

A Sala Hipostila e Procissão. (18)

O Céu - Uma vez Branqueada a porta da qual acabamos de falar, penetrava-se na primeira sala do Céu ou Santuário. Essa sala era reservada ao exercício do culto. Magnificamente adornada, em seu centro encontrava-se o tabernáculo contendo a estátua misticamente animada do deus e a barca sagrada, ou arca. Do santuário também partiam as escadas que levavam aos terraços, onde ficavam os jardins secretos do templo, reservados às provas morais dos futuros iniciados (mistério de Nêmesis dos gregos).

Ao redor do santuário, encontravam-se várias capelas também destinadas ao exercício do culto.

Após o santuário, indo-se em direção ao fundo do templo, ficava a sala do ofertório" ou *ousekht-kha*, sala da elevação, em que eram expostas as oferendas vegetais e animais feitas ao templo. Aí também, por meio da força vital dos animais sacrificados, os sacerdotes preparavam as aparições e as evocações das salas do mistério, localizadas no fundo do templo e construídas como grutas naturais.

O Templo Egípcio: O Santuário. (20)

OUSEKHT – KHA: A sala de elevação ou ofertório. (21)

Com efeito, olhando-se o perfil do templo egípcio, percebe-se que o solo se eleva à medida que se entra nele: daí as salas localizadas no fundo do templo parecerem verdadeiras grutas de teto baixo. Aí eram feitas as aparições dos deuses invocados e as materializações dos imperadores falecidos. Vendo-se agora como era construído um templo egípcio, percebe-se o que ocorria em cada sala. Esse resultado, devido a nossas pesquisas pessoais, será analisado com maiores detalhes em outros trabalhos nossos sobre o Egito.

* * *

O TEMPLO EGÍPCIO As salas do mistério. (22)

A seleção dos futuros iniciados era feita na cripta do templo, e as provas eram de três tipos:

1) As provas físicas, realizadas em subterrâneos que começavam, segundo a tradição, entre as patas da grande esfinge e que levavam, por um poço (poço da verdade), a longos corredores onde aconteciam as quatro provas físicas (da terra, do fogo, da água e do ar), após as quais tinha lugar a recepção do aspirante entre os futuros iniciados.

2) As provas morais consistiam em dominar as paixões e eram realizadas nos jardins suspensos do templo, acima do santuário.

3) As provas espirituais, precedidas pelo batismo do iniciado na cripta do templo, realizavam-se em geral na sala da elevação. O iniciado, encerrado e adormecido em um sarcófago, através do desdobramento podia ver diretamente o mundo invisível (autópsia ou teofania).

Rapidamente resumido, esse é o ensinamento dos mistérios aos quais temos dado todo o desenvolvimento necessário em nosso estudo sobre Lucius, e que requerem um estudo especial por parte dos estudantes conscienciosos.

Resta-nos agora falar dos ensinamentos filosóficos e teosóficos, da língua sagrada e da ciência astral, que resumiremos rapidamente e da melhor maneira possível.

Atlântida mediterrânea e as colônias. (24)

OS MISTÉRIOS DE ISIS

Poucas questões interessam tanto a Antiguidade como a dos mistérios de Ísis ou dos outros mistérios antigos: Mistérios de Osíris, Iniciação ao templo de Amon.

As informações são tanto mais obscuras, que os iniciados faziam o terrível juramento de jamais revelam o que haviam aprendido nos mistérios ou as cerimônias que os acompanhavam. Porém, como a natureza humana está sempre presente, os iniciados tentaram revelar, através de alegoria ou história simbólica, alguns pontos que permitem aos investigadores, graças a concordâncias, ver esta obscura questão com um pouco mais de clareza.

Lendo-se nas entrelinhas do livro II *das Metamorphoses* de Apuleio, do *De antro Nympharum* de Jâmblico, bem como um excelente resumo dos Mistérios de Ísis feito por M. A. Moret em *Rois et Dieux d'Égypte*, pode-se aprofundar bastante essa questão retirando-se elementos de estudo muito interessantes, sobretudo se juntarmos os ensinamentos da tradição esotérica sobre o desdobramento do ser humano e as informações de Saint-Yves d'Alveydre, em *Mission de l'Indel*, sobre o Mahatma e as iniciações secretas do Argata.

Deixemos de lado as supostas revelações de Boulage sobre os Mistérios de Ísis, que nada mais são do que uma má adaptação da Francomaçonomia moderna a esses antigos mistérios que constituem sua origem.

* * *

Lembraremos rapidamente que foi durante a XV dinastia e egípcia quando houve a invasão dos pastores, que os grandes mistérios foram instituídos pelos sábios do Egito, para ocultar a ciência hermética aos profanos e reservar a iniciação àqueles que fossem julgados dignos dela.

Antes de abordar os mistérios, era preciso mostrar que se era corajoso: havia provas físicas, que encontraremos, deformadas, nas associações de operários da Idade Média e na Francomaçonomia do século XVIII. Essas provas físicas consistiam em atravessar corredores escuros, fogo, torrentes, e em suportar as tonturas ao ser suspenso por duas argolas, acima de um precipício, e ser sacudido por uma violenta corrente de ar.

Delaunay, depois Christian em *Histoire de la Magie*, descreveram longamente esses mistérios. Ao contrário desses dois autores, não cremos que a iniciação tivesse lugar na pirâmide. Segundo as pesquisas dos arqueólogos modernos, a iniciação era feita nas criptas dos templos.

A Esfinge, enfim desenterrada pelos maravilhosos trabalhos de Maspero, mostra uma porta entre suas patas. Segundo todas as probabilidades, esta porta se comunicava, através de uma galeria, com o admirável templo de granito, ligado, por sua vez, à pirâmide.

Era no templo de granito, quase certamente, que tinham lugar as iniciações aos mistérios. Porém, como tudo isso faz sentido, espalhou-se a lenda de que a pirâmide era o centro da transmissão da ciência esotérica.

Destaquemos por fim uma tradição das mais interessantes, que admite a existência, ainda hoje, de certos santuários secretos além das montanhas que cingem os horizontes das pirâmides.

As comunicações secretas entre os templos. (26)

Mas calemo-nos e voltemos aos trabalhos que permitiam ao aprendiz tornar-se um *mista* (iniciado nos mistérios inferiores de Ceres) e, a seguir, um *epopta* (inspetor dos mistérios de

Elêusis), nomes temporais dos soldados da boa deusa para os iniciados nos mistérios de Ísis, dos soldados do deus para os iniciados nos mistérios de Osíris ou de Mitra.

Os pilares e os obeliscos. (27)

Posteriormente, cada templo de Isis tinha suas criptas de iniciação, onde se desenvolviam as mesmas cerimônias para todos os iniciados.

* * *

Pode-se dividir a iniciação em quatro partes:

- 1) o batismo;
- 2) a morte e o renascimento;
- 3) a descida aos infernos;
- 4) a transfiguração em sol.

Essas fases de iniciação, como veremos, nada representam para aqueles que não conhecem os mistérios do plano astral; mas são, ao contrário, de grande interesse para aqueles que penetraram os segredos do desdobramento e da vida espiritual.

Apuleio nos diz que toda iniciação devia ser precedida de uma prova e de um período de jejum e meditação.

O futuro iniciado alugava uma cela nas dependências do templo, e o futuro epopta não podia sair dessa reclusão voluntária antes de ter tido sua primeira visão. O sacerdote era incapaz de dar a iniciação enquanto o invisível não tivesse indicado com uma visão, que o aspirante podia realmente participar dos mistérios.

Daí porque, algumas vezes, os aprendizes aguardavam dez ou doze anos pela revelação do plano invisível.

Com efeito, o sumo sacerdote disse a Apuleio:

"A própria deusa te avisará do momento favorável. Em sua mão estão as chaves dos infernos e a certeza da salvação. A iniciação é como uma morte voluntária, seguida de uma possível salvação e de um renascimento. Por mais ardente que seja a invocação do aspirante, é preciso esperar o aviso formal da deusa."

Esse sistema de seleção direta de seus soldados pelo invisível jamais se alterou através dos tempos; e, ainda hoje, qualquer iniciação que não seja controlada por uma cerimônia astral não é senão orgulho e vaidade temporal.

Sob a influência da oração, da abstinência, mitigada por uma alimentação própria, Lucius (Apuleio) vê a deusa aparecer-lhe, anunciando que o momento tinha chegado.

Há de se crer na existência de uma relação secreta entre a aparição e o sumo sacerdote, já que este, sem que o futuro iniciado lhe diga qualquer coisa ao se apresentar de manhã para o culto, toma-o à parte, lendo-lhe certos textos escritos em caracteres hieráticos.

O aspirante passa a fazer parte do santo rebanho. É conduzido pelo sumo sacerdote, juntamente com os iniciados, à torrente que circula na cripta do templo, onde vai submeter-se ao rito do batismo; ou seja, a purificação simbólica de seu corpo físico pela água vai preceder a purificação de seu astral. Torna-se um novo homem, e nesse mesmo dia começa a sua vida real sobre a terra. Até então, ele não era mais do que um profano entre o rebanho dos profanos.

Os Mistérios de Ísis. (29)

Os Mistérios de Ísis. (30)

Após a purificação por esse batismo físico, Lucius é reconduzido ao templo, onde se prostrava perante a deusa. Recebe a senha do primeiro grau da iniciação, com a observação de que as senhas abriam as portas do invisível assim com as do templo visível.

Mais tarde, vemos os gnósticos revelarem esses mistérios evocando as funções misteriosas dos arcanos, das emanções divinas, no astral.

Após o batismo, durante dez dias, o iniciado nada podia comer que tivesse tido vida e não podia fazer uso de nenhum excitante. Reencontramos aí a sabedoria antiga, que empregava o vegetarianismo por períodos que jamais ultrapassavam quarenta dias, e que reservava essa prática às comunicações entre o invisível e o visível.

Passados os dez dias de abstinência, começava a mais importante de todas as fases, a segunda, que se relaciona com a morte e o renascimento.

A seguir, relatamos na íntegra a citação de Apuleio:

"Sem dúvida perguntas, leitor atento, o que se diz então e o que se faz? Eu diria se fosse permitido dizê-lo, tu o saberias se te fosse permitido ouvi-lo; porém, os ouvidos e a língua cometeriam então semelhante sacrilégio por causa dessa temerária curiosidade.

"Entretanto, tu estás irresoluto em uma expectativa religiosa e não quero mortificar-te com uma demorada angústia. Escuta, mas crê no que é a verdade.

"Cheguei aos confins da morte e, após ter pisado nos umbrais de Proserpina, voltei transportado através de todos os elementos. Vi, no meio da noite, o sol irradiando uma luz branca, os deuses dos infernos e os deuses do céu; aproximei-me deles e os adorei de muito perto.

"Eis o que posso relatar-te e o que tu ouviste; entretanto, é necessário que não o entendas."

Para quem sabe, esta passagem é muito clara e mostra que o iniciado, transformado em sujeito passivo, estava em contato direto com o mundo dos mortos, ou antes, com o mundo daqueles que nós cremos mortos e que vivem em outro plano.

Proserpina, com efeito, é a personificação grega de Ísis, reveladora dos mistérios do plano invisível; além disso, outras informações nos permitem afirmar, quase com certeza, que o iniciado, colocado em um caixão ou sarcófago e fazendo o papel da múmia, era desdobrado através do magnetismo e transportado, sob a condução de guias invisíveis, ao segundo estágio, onde entrava em comunicação com os mortos e os deuses dos mortos.

Aqueles que se interessarem em estudar o grau de Rosa-Cruz de Heredom verão que a segunda câmara de iniciação é a reprodução de quadros astrais. A entrada e a saída dessa câmara, dita infernal, são indicadas por um esqueleto, o que significa, para quem sabe ler, que é preciso atravessar as portas da morte antes de entrar nessa sala, e que é necessário atravessar novamente essas misteriosas portas antes de voltar dessa sala para o plano terrestre.

Os Mistérios de Ísis. (32)

Logo que o mista - este era o nome que o aspirante tomava após o desdobramento astral - percebia este grande mistério das relações com o invisível, era apresentado ao povo, em meio a grande alegria, e tornava-se um sol vivo sobre a terra.

Começava, então, a segunda parte da instrução, na qual o iniciado se exercitava pouco a pouco a provocar, de modo ativo e voluntário, o desdobramento astral que fora provocado de modo passivo por ocasião da primeira parte de sua iniciação.

Os clássicos acham que, nesse momento, o iniciado representava um papel, que se lhe apresentavam sinais pelos quais os sacerdotes expunham, também por um jogo de sinais, algumas histórias tradicionais.

Ora, esta figuração é bem diferente daquela dos teatros exotéricos. São os mistérios da revolução dos astros e da ação destes astros sobre a vida social e sobre a vida humana que são figurados nas representações dos sacerdotes. É a morte de Osíris em seus três sentidos - teogônico, fisiogônico e sociológico - que é revelada ao futuro condutor de povos; é o manejo das forças elétricas permitindo a iluminação, à noite, das criptas do templo pela ação da eletricidade estática; é o manejo das forças astrais, permitindo a evocação dos mortos ao estado de materialização, ou a evocação do deus misterioso, guardião do templo; são, por fim, as palavras misteriosas e os sinais das palavras vivas que possibilitam toda a comunicação entre os mortais e os imortais.

Eis aí o que se ensinava ao iniciado no segundo período de sua iniciação.

O próprio faraó era objeto das provas da iniciação tornava-se um Osíris vivo somente após ter passado, nas criptas do templo e nas câmaras dos mistérios, pelo desdobramento astral, que fazia dele um participante da dupla natureza humana e divina.

Aí está o remédio que dá a imortalidade criada por Ísis, e pode-se entender esta consideração de Moret:

"... que desta prova o mista saía parecido com Osíris. Tão verdade que este Deus vivia para sempre, tão verdade que o iniciado viveria após a morte. Assim como, no Egito, o morto, consagrado pelos ritos, leva o nome e assume o papel de Osíris, o isíaco iniciado se fazia representar com a vestimenta e os atributos de Sérapis."

Plutarco, em seu *Traité d'Ísis et d'Osiris*, também fornece preciosas informações, simbolicamente veladas, sobre este mistério.

Os Mistérios de Ísis. (34)

Os Mistérios de Ísis. (35)

Os Mistérios De Ísis - A prova da terra. (36)

De volta à terra após a iniciação, o neófito era um ressuscitado. E para assinalar que o corpo luminoso estava finalmente livre do corpo imortal, o mista vestia uma roupa brilhante como o dia, semelhante à de Osíris ressuscitado.

Este passeio no mundo astral era simbolicamente representado pela libertação de um homem previamente encerrado em uma pele de animal, em geral uma pele de vaca, ou em uma vaca de madeira, sendo a vaca a Nouite representação do astral, de cujo cortejo o iniciado era chamado a participar.

Como dissemos, o treino e as instruções dadas ao iniciado levavam-no pouco a pouco a exercer, de modo ativo, os ritos que permitiam o desdobramento astral. Era a passagem voluntária pela morte, o chamamento das sensações que todo ser humano experimenta com a morte natural, e a certeza de que a morte não existe e não é senão uma variedade do sono, do qual a alma acorda mais forte.

Os Mistérios de Ísis A prova do fogo. (37)

Com muita precisão, Piutarco pôde dizer:

"A alma, no momento da morte, experimenta a mesma impressão que os iniciados nos grandes mistérios. A palavra e a coisa são semelhantes: diz-se *teleutai* (morrer) e *teleistai* (ser iniciado).

Os Mistérios de Ísis: a água e o ar. (38)

Os Mistérios de Ísis - Fim das provas físicas: chegada na sala de recepção. (39)

"Primeiro, são percorridos ao acaso penosos desvios, marchas inquietantes e sem fim através das trevas. Depois, antes do fim, o terror é o **auge**: o arrepio, o tremor, o suor frio, o pavor.

"Mas, em seguida, uma luz maravilhosa se oferece aos olhos, passase a lugares límpidos e pradarias onde ressoam as vozes e as danças; as **palavras** sagradas, as aparições divinas infundem um respeito religioso."

Os Mistérios de Ísis - As Eumênides (Prova Moral). (40)

Este é o momento em que tem lugar o comparecimento diante do tribunal sagrado, a passagem entre os doze signos zodiacais e a seqüência dos mistérios.

* * *

Nas sociedades orientais de iniciação, os verdadeiros iniciados reconhecem-se, como dissemos, pela maneira com que descrevem os astros que compõem nosso sistema solar. Não há, com efeito, melhor prova de desdobramento astral do que a descrição dos centros astrais aos quais se pôde transportar ou ser transportado, de acordo com seu estado psíquico.

Assim, o iniciado nos mistérios de Ísis transpunha a torrente das forças astrais, simbolizada em todas as iniciações pela serpente. A força da atração do Sol sobre a Terra, insensível ao estado físico, torna-se sensível no plano astral, e é preciso uma energia toda especial para transpor essa torrente. Como essa atração é a origem do tempo do ano, em hebreu *Schanah*, que em língua assíria dá *Nahahs*, foi simbolizada por uma serpente que morde a própria cauda, imagem do destino cínico.

Uma vez transposta essa zona, o iniciado achava-se na presença dos gênios misteriosos que guardam as portas do céu, chamadas pelos seres terrestres de limites zodiacais. Em vinte e quatro

horas, a Terra expõe-se sucessivamente diante de cada um dos 12 signos e, em uma ou duas sessões de exteriorização, o iniciado percebia os seres invisíveis guardando cada uma das doze portas.

De volta à Terra, essa compreensão dos mistérios zodiacais era figurada pelos doze hábitos da iniciação - cada um de uma cor - que o mista vestia.

Juntamente com essa iniciação astral, havia a confissão perante os juizes. Se essa confissão era física, como acredita Christian em sua *Histoire de la Magie*, e se o futuro iniciado devia narrar toda a sua vida anterior e suas angústias morais diante de três juizes de carne e osso, este é um ponto difícil de precisar. A versão de que esse comparecimento diante dos juizes era astral e tratava-se de uma confrontação do iniciado desdobrado com seres espirituais do plano dos julgamentos parece-nos mais provável. A menos que, para conciliar tudo, houvesse dois julgamentos: um 01 sobre a terra, antes da iniciação e na presença dos *elohins* vivos, ou sumos sacerdotes do templo, e outro no mundo invisível, na presença dos misteriosos juizes do tribunal de Proserpina.

* * *

Seja como for, o tribunal dos lugares inferiores dos infernos é uma realidade, em qualquer plano que se encontre; foi citado por todos os reveladores da iniciação: Virgílio, Horácio, Homero, e também foi evocado por Dante.

Os seres astrais encarregados de livrar a alma de seus negros pecados são percebidos nesse estágio da iniciação e são evocados pelos iniciados sob a figura do lambaz cinocéfalo.

Esses quadros apresentados ao iniciado não eram, portanto, de tela pintada, como nos supostos mistérios da atual Franco-maçonaria; eram evocações reais de visões astrais.

Uma vez acabada a iniciação, estudavam-se os mistérios práticos, entre os quais destacava-se o conhecimento da transmutação e dos segredos herméticos. No 33º grau da Franco-maçonaria do Rito Escocês, talvez se encontre uma parte desses mistérios alterados e incompreendidos, claros o bastante, entretanto, para dar-se conta dessa parte dos ensinamentos egípcios.

As danças sacras dos egípcios. (42)

A evocação das forças astrais, materializadas por meio dos fluidos vitais das vítimas sacrificadas no templo, explica como Lucius, "no meio da noite, vê o sol ofuscante de luz", seja porque tenha sido transportado em astral em direção à parte do céu então sob a terra e inundada de luz, ou mais precisamente, porque a luz secreta da natureza tenha sido evocada diante dele e em uma das criptas do templo.

Moret diz muito corretamente: "Tu não serás emendado pelo esplendor da luz que te é mostrada." - Palavras de FirmicLs Maternus a Onisiaque.

Os mistérios de Elêusis incluíam, diz o mesmo autor, essa irrupção teatral da luz na noite.

O apogeu da recompensa para um espírito que recebe do outro mundo o justo salário de suas virtudes era, para o egípcio, a participação na caminhada dos astros. No centro do sol Rã, no barco solar, tornar-se um *dwan-shohan* é para o teósofo um ideal a atingir, e o *dwan-shohan* é um gênio que cuida da marcha dos astros.

Pois, na nossa opinião, não se tratava, nos mistérios de Ísis, de aparições simbólicas, de lições dadas no quadro, mas antes de práticas vivas, de desdobramento real, que permitiam ao espírito tomar 'conhecimento de todos os mistérios da morte: e assim entendemos estas palavras de Porfírio

(*De Abstinentia*): "As almas, ao atravessar as esferas planetárias, revestem-se, como de sucessivas túnicas, das qualidades desses astros."

* * *

Após essas viagens astrais, seu comparecimento diante do tribunal dos deuses dos mortos e seu julgamento, o iniciado é verdadeiramente um Osíris vivo; é o filho de Ísis e, na alegria transbordante de seu coração, se prostra perante a estátua da deusa das cheias, da Maha Maya celeste, daquela que se apresenta a ele radiante na iluminação da luz astral, e exclama: "Ó Mãe celeste, deusa da piedade, tu apagaste do meu coração o temor da morte, tu revelaste para minha alma a beleza da vida eterna, sê bendita agora e sempre."

O desprezo por tudo que os seres da terra consideram como forças invadiu agora a alma do iniciado: o dinheiro, que ele pode fabricar à vontade, os horrores terrestres que não lhe são mais nada, o reconhecimento ou a ingratidão dos homens - tudo isso está afastado de seu coração.

Pode-se mandá-lo reconstituir um povo que se está destroçando: ele reorganizará as leis desse povo segundo a matemática social do hermetismo; depois partirá pobre e tranqüilo, sem exigir nada a não ser uma luz de reconhecimento saída do coração da boa deusa. Para os ignorantes, ele traduzirá a Torah: será o Minotauro ou a torah de Minos, o Numitor ou a torah Numa, o Manoutor ou a revelação da lei de Em-Manou-EL nos Evangelhos; e dessas torahs os profanos farão touros e transformarão o ensinamento iniciático em um instrumento de despotismo.

O que deve mesmo ser entendido é que a vida do iniciado não é mais ele vive realmente em outro plano e tira sua felicidade daí; mas, precisamente por ser iniciado, sabe o que seu dever consiste em intervir em ser crucificado pelas na vida terrestres, em aliviar os ignorantes, em ser crucificado pelas ferozes bestas de forma humana, e ele corre para a morte, quando necessário com a mesma calma com que iria para seu quarto, pois para ele, a morte é um fato insignificante. A cada êxtase, ele atravessa este mundo do qual os ignorantes têm tanto medo, e sabe – o que o Cristo veio revelar a toda humanidade - que a morte não possui um agulhão senão para quem não a conhece.

É nesse momento que tem lugar a apoteose do iniciado. Envolto em magníficas roupas, o rosto iluminado pelo conhecimento do sol imortal, o iniciado era apresentado ao povo com todas as honras reais, embora ele fosse completamente indiferente a elas. Vestindo uma túnica brilhante, era um novo ser, um homem regenerado, que era apresentado à devolução dos fiéis.

Porém, não reside aí sua felicidade. Retirado em sua cela, põe-se a orar, e a deusa do céu aparece-lhe dizendo: "Tu viverás feliz, viverás glorioso sob minha tutela, e quando, no momento prescrito, tu desceres aos Infernos, lá também, no hemisfério subterrâneo, me verás brilhante nas trevas de Aqueronte, comandando o retiro do Estige, e, quando habitares os Campos Elísios, me adorarás como uma divindade favorável. Sabes, aliás, que se tu mereceres nossa proteção pelo teu culto assíduo, pela tua devoção total do tempo fixado pelo destino."

Outro iniciado, Cícero, diz: "Enfim conhecemos as razões de viver, e não temos somente a alegria de viver, mas também uma esperança melhor na morte."

Moret, de quem tomamos todas essas passagens, cita também esta inscrição de um iniciado de Elêusis: "Oh! Certamente, é um belo mistério que nos vem dos bem-aventurados. Para os mortais, a morte não é mais um mal, mas sim um bem."

Plutarco, em seu *Traité sur l'Immortalité de l'âme*, diz também: "Então o homem, desde então perfeito e iniciado, livre e passeando sem constrangimento, celebra os mistérios com uma coroa na cabeça. Vive com os homens sãos e puros, e vê sobre a terra a multidão daqueles que não são iniciados e purificados enterrar-se e esmagar-se no atoleiro e nas trevas e, por medo da morte, demorar-se no mal, por não acreditarem na felicidade do além."

Essa paz do coração, que reencontra, no êxtase e na oração, a fonte vivificante da única felicidade durável neste mundo, é a suprema recompensa do iniciado em todas as épocas; por isso

encontramos sobre a pedra tumular dos iniciados a misteriosa fórmula: "Tem confiança em Osíris", que agora será entendida pelos nossos leitores.

Foi Plutarco quem deu os maiores esclarecimentos sobre os mistérios de Ísis. Se Apuleio nos revela todo o lado exterior dos mistérios, permanecendo fiel ao seu juramento e nada dizendo do lado interior dos mistérios, Plutarco foi mais explícito, e não podemos deixar de agradecer-lhe tudo quanto nos revelou a esse respeito.

Com efeito, em seu *Traité d'isis et d'Osiris*, ele nos diz:

"Ísis comunica sua doutrina sagrada para aqueles que, pela sua perseverança em uma vida sóbria, calma, longe dos prazeres sensuais, das paixões, aspiram a participar da natureza divina; que, nos izam assiduamente essas severas práticas, essas rigorosas abso fim é o conhecimento do primeiro Mestre que só o espírito er, e que a deusa nos convida a procurar em si própria, como onde ela reside."

* * *

Os mistérios de Ísis, como todas as iniciações antigas, como os misadeira Rosa-Cruz, tinham por propósito, pois, fazer do ser novo homem. Claude de Saint-Martin, o Filósofo Desconhereve ou esses mistérios em seus livros *L'Homme de Désir*, *Le Noume*, para quem deseja saber. Se a Franco-maçonaria perdeu o mo sentido das revelações que seus símbolos traduzem, se o Vaticano deu, na procura das honras e da púrpura, a comunicação com o plano ; forças divinas, ainda existem na terra alguns seres simples, humildes, pobres de dinheiro, mas não miseráveis, e cujo coração é bastante elevado para perdoar seus inimigos, para orar pelos profanos e pelos ignorantes, e para evocar, no silêncio dos santuários desconhecidos, a força que do Senhor, Deus vivo vindo em pessoa e que dá ao homem a maior felicidade que ele possa receber aqui na terra: "a paz do coração".

* * *

Munido de seu bastão de iniciado, o novo adepto dos mistérios de podia percorrer todo o mundo. Era recebido como um mestre em todos os templos então existentes; e essa tolerância universal, esse respeito por sua origem, essa ausência das guerras de religião, de criação romana, são para nós um exemplo útil a ser pensado.

Nós percorremos o ciclo dos mistérios de Ísis: vimos a preparação ao batismo e o batismo, assistimos à morte e ao renascimento do iniciado na noite sagrada, à aparição da deusa, à descida aos infernos e, por fim, à transfiguração do iniciado em um sol humano visível. Esse é o fim dos mistérios de Ísis, cujos outros mistérios não são mais do que imagens mais ou menos bem adaptadas.

A CIÊNCIA NO ANTIGO EGITO

As provas da iniciação tinham por fim dar ao templo os instrumentos humanos necessários à constituição do quadro de todos os "intelectuais" a serviço do Estado.

A instrução, portanto, abrangia, assim como to as as Instruções possíveis em qualquer povo, primeiro um ensino geral; a seguir, uma especialização com um ensino técnico determinado.

O ensino geral comportava o estudo das quatro naturezas, isto é:

1) Estudo da *natureza naturada* (*segundo* Hé do nome divino, escrito em sírio-caldaico ou hebreu). Este estudo incluía um ensino sobre a história natural e suas principais divisões.

2) Estudo da *natureza humana* em todos seus planos, com experiências magnéticas e desdobramento do indivíduo atuando como sujeito (letra *Vao* do nome divino).

3) Estudo da *natureza naturante* ou criadora, do verbo divino agindo nos astros, chave de toda a simbólica astral aplicada às verdades que deviam ser ensinadas sob o véu de Isis à massa profana (Primeiro Hé do nome divino).

4) Existia, também, uma seção especializada para os profetas e os sumos sacerdotes; era o estudo da *natureza divina*, indicada pela letra *Iod* do nome divino.

No livro *La Mission des Juifs* (*La Mission des Juifs*, por St-Yves d'Alveydre. Paris, 1884, vol. in-8.) de Saint-Yves d'Alveydre, serão encontrados todos os detalhes concernentes a essa ciência dos mistérios, e no livro *L'Archéomètre* (*L'Archéomètre: chave de todas as religiões e de todas as ciências da Antiguidade*, Saint-Yves d'Alveydre, Paris, Dorbon-Ainé, 191 I, in-4, com 5 pranchas em cores, 10 retratos e 100 figuras.), do mesmo autor, as chaves da seção reservada a esse ensinamento.

O instrumento capital do ensino em todos os graus consistia no conhecimento das diversas escritas empregadas para gravar os mistérios em graus diferentes.

A ESCRITA

AS TRÊS ESCRITAS DO ANTIGO EGITO

Um abismo de obscuridade foi criado em torno das diversas escritas egípcias. Para esclarecer a questão, estudaremos primeiro nossas escritas

Contemporâneas.

a) Temos uma escrita à pena, ou cursiva, com a qual o pequeno comerciante faz suas contas e escreve suas notas fiscais, e com a qual o soldo pede auxílio a seus pais. Somente a ortografia divide as classes de escreventes e estabelece entre eles uma hierarquia.

b) Além dessa escrita cursiva, possuímos uma letra para livros, formada por caracteres claros e facilmente legíveis, chamados de "caracteres impressão".

c) Por fim, a instrução superior possui uma série de escritas puramente simbólicas, em que signos substituem os caracteres e os próprios atuam em função de signos.

Por exemplo, quando o químico escreve H_2O ou traça os hexagramas da composição química de um corpo orgânico, usa uma linguagem um simbolismo especial, incompreensível para o camponês e clara apenas para o bacharel, que deve saber ler essa língua, ainda que não a entenda mais profundamente.

Quando o matemático escreve a fórmula $x = \frac{-p}{2} + \frac{\sqrt{p^2}}{4} - q$, que e, no entanto, uma fórmula muito elementar de redução de equação, é inegável que pelo menos 60% dos leitores nada

entenderão; é uma escrita que, em contrapartida, será imediatamente entendida por um matemático alemão, russo, francês ou japonês, pois é formada de sinais saís, usados nas mesmas especificações pelos sábios de todos os povos contemporâneos.

Acrescentemos, por fim, que existe também um alfabeto hieroglífico muito elementar, composto por barras e pontos e entendido pelos telegrafistas do mundo inteiro: é o alfabeto Morse, mais uma escrita simbólica e universal.

Sendo bem entendido o atual estado da escrita no século XX, compreender-se-á com facilidade o manejo da instrumentação intelectual da palavra entre os egípcios.

1) Primeiro, havia uma escrita cursiva, na língua popular, usada por toda a administração egípcia nas suas relações com o comércio e os contribuintes: essa escrita era análoga à nossa escrita cursiva contemporânea.

2) Além dessa escrita dita *demótica* ou profana (na Índia se diria *prakrit*), havia uma outra escrita, usada para transcrever os ensinamentos científicos das três primeiras ordens de ciências (natureza naturada, humana e naturante). Essa escrita, formada por signos alfabéticos, era chamada *hierdtica* ou sagrada.

3) Finalmente, a seção reservada de cada ciência (seção do *Iod*) e a transcrição, para os humanos, das revelações divinas e dos editos imperiais eram o objeto de duas escritas especiais ou, melhor dizendo, de uma escrita com vários graus de simbolismo: a escrita *hieroglífica*.

(escrita hierática, pág 50)

Escrita hierática

(se escreve da direita para a esquerda)

1ª linha: XI dinastia; - 2ª linha: XIX dinastia; - 3ª linha: época greco-romana; - 4ª linha: escrita demótica (segundo Ph. Berger, op. cit., pp. 103 e 104).

Portanto, o uso da escrita corrente deve preceder o uso das escritas hieroglíficas: foi por essa também que Pitágoras começou seus estudos. Para compreender os hieróglifos e usá-los, era preciso primeiro saber a linguagem que eles reproduziam. Isso prova que a escrita sagrada não era nem alfabética, nem ideográfica. Para pronunciá-la, era preciso conhecer o idioma: é exatamente o contrário do que os sábios de hoje fazem. (*Nota de De Brière.*)

(Os três gêneros de caracteres, pág. 51)

Esta escrita compreende várias seções, a saber:

1) o estudo das 22 chaves hieroglíficas, a imagem de cada uma delas respondendo a uma chave alfabética;

2) o estudo dos agrupamentos de letras para formar sílabas, representadas, por sua vez, por um sinal hieroglífico distinto;

3) o estudo das grandes imagens ou figurações simbólicas dos mais profundos mistérios.

Misturando-se essas diversas escritas é que se obscureceu tudo. O estado atual de importantes trabalhos concluídos pelos egiptólogos estabelece a questão assim:

a) A escrita demótica, com o copta como linguagem profana, é conhecida quase completamente.

b) A escrita hierática, com suas chaves hieroglíficas, também foi elucidada.

Passagem do hieroglífico ao hierático. Alguns exemplos, segundo Ph. Berger (pág. 52)

c) Os admiráveis trabalhos de Champollion e sua escola esclareceram quase completamente a tradução da escrita hieroglífica em tudo aquilo que se relaciona ora aos hieróglifos alfabéticos, ora aos hieróglifos silábicos. (Sobre este assunto, ver nosso estudo "Primeiros elementos de leitura da língua egípcia".)

HIERÓGLIFOS EGÍPCIOS (pág. 53)

Escrita hieroglífica, pedra de Rosetta, pág. 54)

Origem e transformação dos alfabetos. O alfabeto do quadro da página 55 resume tudo que o precede. Vê-se primeiro o alfabeto hebraico (assírio) quadrado, com os números atribuídos a cada letra: depois, o alfabeto hieroglífico, origem de todos os outros; depois os caracteres derivados do hierático, e que serviram para constituir quase todos os alfabetos (até o sânscrito, segundo Ph. Berger), e sobretudo o alfabeto hebreu, por um lado, o árabe e o grego, por outro. Observar-se-ão algumas versões diferentes entre este alfabeto e o precedente nas relações entre os hieróglifos e os caracteres hebraicos. Essas relações, por nós estabelecidas, ainda são hipotéticas para vários sinais. Porém, é preciso dar-se conta de que toda a seção simbólica relativa às grandes figuras e aos quadros permaneceu muito obscura, e não se possui mais do que algumas chaves elementares derivadas dos Comentários de Horapollon. Somente um egiptólogo contemporâneo, A. L. Gayet, começou a elucidar de maneira verdadeiramente clara essa seção da escrita egípcia que requer um estudo totalmente especial.

(figura pág. 55)

Entretanto, é nessa seção das grandes figuras simbólicas que estão contidos os mais profundos mistérios da ciência do antigo Egito. O que acabamos de dizer permitirá, na espera de detalhes que estamos preparando para uma grande obra que virá (*Encyclopédie méthodique de la tradition initiatique*), entender completamente essa questão das escritas do antigo Egito.

Escrita Cuneiforme

M. de Sarzec encontrou um dos mais antigos centros da dominação caldense e trouxe um conjunto de estátuas cobertas de inscrições feitas com o mais antigo caráter, remontando a não menos que 3000 a 4500 anos antes de nossa era; é todo o antigo Império Caldeu que volta à luz. (Ph. Berger, *Histoire de l'Écriture* (cuneiformes), páginas 63, 64 e 78.)

O princípio da escrita cuneiforme é o mesmo que o da escrita chinesa e o dos hieróglifos egípcios: uma pintura das idéias ou dos objetos.

Na origem, a escrita cuneiforme era ideográfica, porém, logo uma parte dela tornou-se silábica. A escrita assíria não faz mais uso dos ideogramas, a não ser para os nomes próprios. Em um ponto essencial, todavia, difere do chinês: enquanto no chinês todas as palavras são monossílabas, no assírio, que como todos os idiomas semíticos é uma língua de flexões, as palavras podem ter várias sílabas.

Os assírios procuraram remediar os inconvenientes da polifania com complementos fonéticos. Após escrever uma palavra por meio de um ideograma, reescrevem foneticamente a última sílaba.

Os complementos fonéticos correspondem, pois, às chaves dos chineses, com a diferença de que, ao invés de indicar entre muitos homônimos qual é o certo, indicam a pronúncia correta de um sinal ideográfico.

Além disso, os nomes próprios de homens, de deuses ou de países são precedidos por sinais ideográficos que não se pronunciam. O cravo vertical é colocado diante dos nomes de homens; o sinal , diante dos nomes de deuses; o sinal diante dos nomes de países.

Assim, o nome de Assur, quando designa o grande deus dos assírios, se escreve:
Se, ao contrário, designa o país dos

assírios, se escreve

Em suma, o elemento fundamental da escrita cuneiforme assíria não é a palavra: é a sílaba (Ph. Berger, *Histoire de l'Écriture* (cuneiformes), páginas 63, 64 e 78.).

A ESFINGE

(tal qual era em 1886) com a Porta dos Mistérios entre as patas (pág. 57)

OS ENSINAMIENTOS DO TEMPLO

No templo, estudavam-se pois todas essas ciências e todas as adaptações do Verbo.

Aqueles que queriam investigar os mistérios da morte formavam uma seção especial com numerosas ramificações. Desde os preparadores de múmias até os profetas evocadores, passando pelas carpideiras e as encantadoras do duplo, uma multidão de iniciados se dedicava às relações entre o plano invisível e o plano visível. Os exercícios práticos para esses estudos começavam nas criptas do templo, com o batismo e o desdobramento astral, mas tinham prosseguimento em dois outros centros, que não podemos citar aqui, senão rapidamente.

a) Na capela funerária, anexa ao túmulo: ligação entre o Osíris enterrado - ou, mais exatamente, encerrado e mumificado - e os vivos que regularmente vinham à capela.

O encantamento dos objetos desenhados no muro, a astralização dos alimentos, das cenas da vida do duplo e de tudo quanto constituía a existência astral desse duplo formavam uma seção de estudos especiais, onde o iniciado desempenhava o duplo papel de encantador e de vivificador.

Esse desempenho começava abrindo-se a boca da múmia e insuflando nela os "fluidos de vida", e terminava com a ressurreição do duplo nas pequenas figuras que lhe serviam de suporte e a ressurreição de todas as imagens gravadas na capela funerária.

Seria necessário um volume inteiro para estudar com alguns detalhes essa questão tão importante.

b) Enfim, existia um culto muito secreto da ressurreição e da evocação dos espíritos dos faraós e dos sumos sacerdotes. Esse culto tinha a pirâmide como centro de ação.

Se estudarmos a construção de uma pirâmide, veremos primeiro que nela não havia lugar para provas iniciáticas, como acreditaram alguns autores ocultistas, que jamais se detiveram suficientemente no estudo da egiptologia.

Em seu interior, a pirâmide compreende três câmaras:

1) Uma câmara central, com dois condutos de arejamento e um admirável corredor que lhe dá acesso. Essa câmara, ou melhor, essa sala é chamada, pelos egiptólogos, não se sabe por quê, de "a câmara da rainha". Era protegida por um sistema especial de grades. Estava colocada 22 metros acima do solo e 54 metros acima da câmara subterrânea de que falaremos a seguir; 118 metros separavam a câmara da rainha do topo da pirâmide.

Pirâmide de Quéops (A e B: Câmaras) (pág. 60)

2) Uma outra câmara, em geral chamada de "a câmara do rei", está localizada abaixo da câmara precedente (estamos descrevendo a pirâmide de Quéops ou de Khufu); um corredor horizontal se liga em ângulo reto com o referido corredor ascendente.

3) Finalmente, sob essas duas câmaras e subterraneamente, 32 metros abaixo do solo, existe um compartimento misterioso, cuja razão de ser ainda não foi descoberta. Particularmente, acreditamos ser a entrada subterrânea da pirâmide e a sala de evocação direta do espírito e do duplo, ligada por subterrâneos a todos os templos próximos às pirâmides. Trata-se de uma hipótese toda pessoal, é claro, que não damos como palavra final; mas temos a firme convicção de que cedo ou tarde serão descobertos os corredores que ligavam as pirâmides aos demais centros de estudos.

Além do seu papel de centro de evocação e de estudo para os mistérios da Morte e da ressurreição astral, a pirâmide é uma prova construída da Ciência do antigo Egito. Os trabalhos de vários pesquisadores permitiram a constatação de que a pirâmide revela as grandes medidas do raio terrestre, o conhecimento pelos antigos do número *Pi*.

M. Mayou pôde concluir que os corredores e as câmaras reconstituem exatamente as nascentes e o curso do Nilo.

Seria fácil encontrar outras adaptações desse admirável monumento. É claro que a pirâmide era bem diferente de um simples túmulo. Sua orientação, suas chaves de construção formam um ensinamento completo, tanto do ponto de vista astronômico - o corredor correspondia diretamente à

direção da estrela polar de então (Alfa, do Dragão) -, como pela chave matemática do número Pi assim como a determinou o abade Moreux em seus trabalhos.

Foi por causa dessa admirável ciência que a tradição do Egito teve um influência tão considerável sobre as tradições ulteriores, e foi assim que se constituiu, para a raça branca, essa *dialética*, com seus três elementos de evolução: tese, antítese e síntese, segundo a bela expressão de Malfatti, de Montereaggio.

Recomendamos aos leitores um bom estudo de tudo o que se refere ao antigo Egito, e, antes de passarmos a outro assunto, queremos citar dois extratos de Saint-Yves, um consagrado à Dialética Cristã, o outro à Fundação do Estado Social Universal.

A DIALETICA CRISTÃ

L'Archéomètre, de Saint-Yves d'Alveydre, pp. 46-7. (pág. 62/63)

FUNDAÇÃO DO ESTADO SOCIAL UNIVERSAL

(*L'Archéomètre*, de Saint-Yves d'Alveydre, p 26)

"Os diferentes cultos étnicos procedentes da religião universal só concediam aos melhores, e somente no seu trigésimo ano, como o vimos para o copta Samien, a formidável revelação do invisível, a reintegração da existência humana na vida absoluta, através do estado de arrebatamento tão pouco conhecido dos europeus modernos quanto a validade de todos os outros mistérios religiosos. Mesmo nas Iniciações mais ou menos puras das três ramificações da Deuto-síntese, o duas vezes nascido do Evangelho, o Dwija das Torahs patriarcais trazia do outro mundo a este as três certezas fundamentais que seguem: a Existência de Deus, de seu Verbo e de sua Potência; a Imortalidade da Alma, em outras palavras a Existência Humana; e finalmente sua responsabilidade diante do tribunal desse mesmo Verbo e dessas mesmas Potências: o Osíris do Amenti, segundo os sacerdotes egípcios; o Mahadeva Ishvara, segundo os sacerdotes arianos. Era a esse grande juiz, cujo nome Contém o de Jesus, que o iniciado, durante o seu duplo nascimento, prestava o juramento: o Arcos, o Orcus dos Orficos da Grécia e da Itália patriarcais. E esse nome, Orcus, designava também o Grande Juiz, o Senhor do Triloka védico.

Sobre a tripla certeza acima, fundou-se o primeiro estado social universal, e sempre que se tentar retirar-lhe essa tripla base sagrada, se estará retomando ao espírito da Besta, à Lei de Guerra e de Anarquia e a todos os castigos do Mundo invisível.

(figura pág. 65)

A CIÊNCIA ANTIGA ESTUDADA

A *CIÊNCIA ANTIGA* estudava quatro ordens de conhecimentos que, no Egito, versavam sobre quatro objetos:

- 1) a Terra ou as ciências fisiogônicas (*2º Hé* do nome divino);
- 2) o Homem, ciência androgônica (*Vao*);
- 3) o Universo, ciência cosmogônica (*1º Hé* do nome divino).

Esses três primeiros objetos constituíam o estudo que analisava Ísis ou Eva.
4) Deus ou ciências teogônicas (*Iod*), constituindo a análise de Osíris.

Aí estava a resposta à questão: O que é a Verdade? (Saint-Yves, *Mission des Juifs*, p. 38).

A psicurgia é uma das seções das ciências androgônicas, indicada pela letra *Vao*, elo entre os diversos mundos.

Uma seção especial dedicava-se, portanto, ao estudo da alma humana em seus diversos movimentos. Vamos, pois, estudar:

- 1) a circulação do espírito humano no universo;
- 2) a fixação momentânea desses espíritos humanos em um corpo de carne, para cumprir voluntária ou forçadamente um dos objetivos do universo.

Não havia uma só ordem apenas, a ordem natural, estudada na ciência antiga: havia quatro, conforme foi indicado nos capítulos anteriores.

Três delas compreendiam a Natureza naturante, a Natureza naturada e a Natureza humana, que lhes serve de ligação; seu hierograma era *EVA*, a Vida.

A quarta, representada na tradição mosaica pela primeira letra do nome *Ieve*, correspondia a uma diferente hierarquia de conhecimentos, indicada pelo número dez.

Esta última década foi, sobretudo, a divisão das iniciações dóricas da Índia, do Egito, da Caldéia, da Pérsia, da Palestina, da Grécia, da Etrúria, etc., etc.

SEGUNDA PARTE A TRADIÇÃO

O MUNDO E AS RAÇAS

A questão das raças humanas que habitam a terra foi embaralhada como que de propósito. É semelhante ao que acontece com uma jardineira de legumes: uma vez misturados, fica difícil reconhecer a origem de cada legume. Com efeito, divide-se a humanidade atual em raças primitivas, sub-raças e subdivisões de sub-raças, que confundiriam o melhor calculador.

Se, ao contrário, remontarmos aos princípios gerais, verificaremos que a terra foi povoada por quatro raças primitivas, cada uma com *uma cor de pele diferente* e ligada a um continente terrestre. Cada continente terrestre gerou seus minérios, sua flora, sua fauna e sua *raça humana*. As leis da evolução de cada continente fizeram-se sucessivamente e não simultaneamente, de modo que cada raça humana dominou sucessivamente a terra e as outras raças. Enquanto uma raça estava em um plano dominante, as outras estavam ou em via de desaparecimento, ou em via de ascensão, tudo isso estando ligado à história de cada continente terrestre.

Assim, atualmente, a raça branca domina e constitui a raça solar, tendo como satélites a raça negra, a precedente dominadora, a raça vermelha, em via de extinção, e a raça amarela, em evolução e em vias de dominar o planeta futuramente. Como as leis universais são estritamente as mesmas em todos os planos, basta saber o que é um continente terrestre para esclarecer, de uma vez por todas, essa questão das raças que se encontram hoje intimamente misturadas umas com as outras sobre a terra.

Como acabamos de ver, o Ocultismo ensina que uma única e mesma lei preside a constituição do universo, denominado pela tradição: Cosmos, segundo o termo grego.

Há um *Pequeno Universo* que encerra em si todas as leis do grande universo e através do qual, por analogia, podem ser redescobertas todas as leis gerais. Esse pequeno universo é o microcosmos ou Microcosmo: é o homem.

Ao lado desse resumo, feito à imagem do grande universo, há esse *Grande Universo, o Omnivers*, de Michel de Figanières, ou o macrocosmos, Macrocosmo, ou grande universo da tradição iniciática. É este que vamos estudar rapidamente em sua constituição anatômica geral.

O Macrocosmo forma o corpo de Deus. Esse corpo de Deus, do qual os sóis são os órgãos centrais e os planetas, as células, não é mais Deus em si mesmo do que nosso corpo é nosso eu. É o suporte das forças divinas ou astrais em circulação, e o Ocultismo está longe de ser um grosseiro panteísmo. Com efeito, quando eu estiver morto, meu corpo físico retornará à terra, que o emprestou a mim para uma existência, enquanto *EU* evoluirei em outro lugar. Cada órgão-sol, com seu cortejo de planetas, gira em torno de um centro mais ou menos determinado, que é o coração do grande homem-universo. É assim que nosso sol se dirige para a constelação de Hércules.

Ora, em cada sistema orgânico do grande cosmos, o sol em atividade ocupa um dos pólos de uma elipse na qual se movem os planetas desse sol.

Sol branco e Sol negro (os dois pólos da elipse) (pág. 72)

O outro pólo da elipse é ocupado por um aglomerado de matérias em estado fluídico ou etéreo: é o *sol negro* de cada sistema, destinado a brilhar, com seu novo grupo de planetas, atualmente também etéreo, quando o sol branco se extinguir. Assim se encontra realizado, em cada sistema, o equilíbrio particular que impede a ruptura do equilíbrio geral.

Assim, em cada órgão-sol, há uma seção em inércia (*pralaya*) e uma seção em atividade (*manvantara*), uma acordando enquanto a outra adormece em períodos que atingem freqüentemente bilhões de anos. Mas nesse caso o tempo pouco importa.

A lei é igual para cada planeta.

Quando o sol negro brilha, recolhe os elementos ainda não totalmente evoluídos do sol branco e termina sua evolução. Cada planeta é formado de vários continentes; cada um desses continentes provém de um planeta anterior que vem terminar sua evolução no planeta recentemente constituído.

Assim, para sermos claros, falemos da Terra.

A Terra tem uma direita e uma esquerda, cujas leis de evolução serão sucessivas; esse fato é indicado pelo dia e pela noite, que não existem ao mesmo tempo por toda a Terra. A metade da Terra iluminada pelo Sol é o dia, enquanto a outra metade, iluminada pela Lua, é a noite, e reciprocamente.

Seria infantil não se dar conta desta lei e querer atribuir, ao continente asiático, por exemplo, as mesmas leis que ao europeu quando o próprio Sol se encarrega de nos mostrar, grosseiramente, que as leis, neles, não são diferentes em sua essência, mas sucessivas em sua aplicação. A Terra é pois constituída pela reunião, em um mesmo globo, de vários continentes que, outrora, eram os satélites de um outro sol.

Da mesma maneira que, quando um sol negro brilha, um sol branco se extingue, quando um continente sobre a terra torna-se solar e diretor dos outros em um hemisfério, um outro continente desaparece ou torna-se satélite do hemisfério oposto.

Assim, houve outrora um grande continente pacífico, chamado Lemúria, segundo a tradição. Naquela época, algumas ilhas estavam disseminadas pelo Atlântico e a raça lemuriana era solar, isto é, dominava a Terra.

Depois, a Lemúria se desmoronou em um desses dilúvios que voltam periodicamente (para as datas, ver o capítulo astrológico) e foi substituída por pequenas ilhas múltiplas (a atual Oceania), ao mesmo tempo que um novo continente nascia e se constituía no Atlântico. Esse novo continente, habitado por uma raça de pele vermelha, foi denominado Atlântida e ocupava quase todo o espaço do atual oceano Atlântico, enquanto a futura Europa e a futura América existiam apenas sob forma de ilhas constituídas por terrenos primários.

Os atlantes, cuja história mitológica de Atlas é uma lembrança, povoaram com numerosas colônias a Terra de então.

O Egito é uma antiga colônia atlante.

Por volta de 10.000 a.C., um fantástico dilúvio abalou a Terra; a Atlântida foi tragada pelas águas e a atual Europa fez a sua aparição. Foi nesse momento que os negros, originários do continente africano, assumiram o domínio do planeta terrestre, e sua metrópole cobriu a Terra de imensas cidades esculpidas em plena rocha. A raça branca, em sua origem, foi completamente subjugada pela raça negra, nas imensas florestas que então cobriam o que mais tarde se transformou na Europa.

(figura pág. 74)

O Império da Terra foi tomado dos negros na Índia, por uma grande invasão de brancos, vindos da Europa sob o comando de Ram.

Nesse momento, a Europa tornou-se o continente solar da Terra e a Ásia e a África tornaram-se continentes satélites. A América, vestígio da Atlântida¹, faz o papel de sol negro, tendo a América do sul e a Austrália como satélites. A China e o Japão são o ponto de evolução que atualmente está despertando e que se tornará o sol continental futuro.

A solda dos principais continentes se fez na Judéia e nas proximidades do Egito; daí a importância desses países para a Terra.

Assim, cada continente terrestre é, a seu devido tempo, o sol dos outros. Passa por uma sucessão de ascensões e quedas da civilização de sua raça, enquanto os outros continentes têm uma evolução diferente.

Cada raça humana leva às outras o produto de sua evolução pessoal. Houve para cada raça, pois, uma idade da pedra, uma idade do ferro, uma idade do bronze, uma idade do aço, sem contar a idade da prata e a idade do ouro. Uma vez mais, porém, é antiiniciático pretender que todas as raças de todos os continentes terrestres evoluam ao mesmo tempo.

1. *A questão da Atlântida.* Hoje praticamente já se admite como verídica a muito antiga lenda de que teria existido, no Atlântico equatorial, um continente que teria afundado no princípio dos tempos históricos, e cuja localização corresponde à das ilhas do Cabo Verde. Em notável artigo dos *Annales de Géographie* (15 de maio de 1913), Germain reúne um certo número de argumentos, tirados da geografia zoológica, que parecem ser perfeitamente concludentes. A fauna dessas ilhas, notadamente no que tange aos moluscos terciários e quaternários, é não somente muito homogênea como, além disso, apresenta semelhanças com as faunas das Antilhas ou da América Central, do sudoeste da Europa e da África do Norte, mas nenhuma com a da África tropical. Observações análogas se aplicam à flora. Assim, segundo Germain, o arquipélago de Cabo Verde teria sido reunido outrora em uma única massa tropical. Esse continente seria ligado, de um lado, à Mauritânia e a Portugal e, de outro, a uma linha limite meridional, partindo das proximidades de Cabo Verde a um ponto indeterminado do continente americano, provavelmente a Venezuela. Sabidamente, Germain apresenta essa descrição como hipotética. Há um interesse especial em aproximar esse estudo daquele, particularmente impressionante, feito por Termier, da Academia de Ciências, o sábio diretor da carta geológica (conferência de 30 de novembro de 1912, no Instituto Oceanográfico, publicado pela *Revue scientifique de l'I* de janeiro de 1913). Termier explica por que considera perfeitamente verossímil a narração de Platão em *Timée*. Lembrou sobretudo que, em 1898, ao norte dos Açores, um operário empregado na instalação de um cabo telegráfico submarino retirou, de 3.100 m de profundidade, fragmentos de lava vitrificada que "não poderia ter atingido esse estado senão sob a pressão atmosférica". Portanto, esse fundo do Atlântico estava emergido na época da erupção, e afundou a mais de 3.000 metros, bruscamente e pouco tempo após a emissão das lavas, pois seus acidentes ainda estão muito alterados. Aliás, o próprio Termier destacou a importância do paralelo traçado entre esses dados e os analisados por Germain. Porém, resta demonstrar que, à época do cataclismo, a humanidade já ocupava a Europa Ocidental.
(*La Nature*)

Os atlantes foram, por toda parte, maravilhosos manejadores de fogo, e a eles se deve a difusão do bronze por toda a Terra, mas eles chegaram a conhecer o aço ou, pelo menos, o ferro². Descrever aqui a imensa civilização atlante seria fugir de nosso tema. O que podemos dizer, para terminar nosso estudo, é que cada continente terrestre tem tido sua raça de forma e de cor especiais, e que esse continente ainda marca com seu caráter as raças dos demais continentes que nele vêm se estabelecer.

Assim, a Ásia, pátria dos amarelos, amarelece a pele dos imigrantes de todas as outras raças; a Europa, pátria dos brancos, branqueia a pele dos imigrantes; a África, pátria dos negros, enegrece a pele dos que vêm habitá-la, e a América, pátria dos vermelhos, impõe sua marca no queixo de todos os imigrantes.

De todas essas raças, a que particularmente nos interessa é a nossa, a raça branca, que tomou a sucessão como raça solar dos negros que, por sua vez, tinham sucedido aos vermelhos.

Para a raça branca, a história da Terra se resume em duas épocas:

1) História da Terra e das raças que a habitavam antes do grande dilúvio, ou *PROTO-SINTESE*.

2) História da Terra e de suas raças, ou *DEUTO-SINTESE*.

A raça branca primeiro se lançou em direção à Ásia, que ela conquistou, para depois retornar à Europa, trazendo o produto da civilização anterior que assimilara; é pois um enxerto sobre a civilização amarela que ela trouxe de volta.

Por outro lado, através de Moisés e dos caldeus, a raça branca enxertou sua tradição na antiga tradição dos vermelhos (iniciação de Moisés no Egito) e também dos negros (iniciação de Moisés por Jetro).

2. Antiguidade de Ferro: Ao fazer saltar uma camada de pedra junto da famosa pirâmide de Quéops, perto de Gizé, encontrou-se uma lasca de enorme ferramenta de ferro fundido, em uma brecha da muralha, onde tinha sido preservada da ferrugem. Esse pedaço de ferro fundido, que se encontra no British Museum, tem pois 5.000 anos. Encontrou-se em Karnak, entre as garras de uma Esfinge, um pedaço de foice que pode remontar a 2.800 anos. (Heltinger. Evolution de l'huinané, p. 682)

Tal é a constituição da origem da tradição iniciática da raça branca da qual o Egito nos fornecerá uma das principais chaves.

"Paremos aqui, para indicar algumas fases importantes da antiga Unidade religiosa. Comportava ela várias Sínteses e Alianças superpostas, a saber:

- 1) A Universal d'ISh Va-Ra;
- 2) A indiana das raças morenas e douradas, a do Bharat d'ISh Va-Ra;
- 3) A ariana conquistadora, a de Pavan, do Hanounan cita de Rama;
- 4) O sistema de Nared ligado à Proto-síntese;

5) A bramanista concordatária, a de Krishna, nascente do Abrahamismo dos Cashidim, sendo estes um ramo dos lyotishikas de Caçi, Cashi. O egípcianismo concordatário segue os Pouranikas de Tirohita.

Essa superposição de sistemas, ante e pós-diluvianos, de seus ciclos e de suas doutrinas, é quase impossível de ser entendida devido à inversão do selo de AMaTh, que, realizada por Krishna 3.000 anos antes de Pitágoras, causou a da Palavra do Verbo BRA-ShlTh, de seu ShéMa e de seu SéPheR. Porém, com o Arqueômetro, é relativamente fácil entender, e a superposição acima indicada tornar-se então muito clara.

Não é menos certo que os sacerdotes egípcios conservaram, sob o nome de Thois, livros provenientes da Proto-síntese - a antediluviana do Verbo -, e, sob o nome de Thoth, os provenientes da Deuto-síntese, a pós-diluviana. É fora de dúvida que os fundamentos desses livros eram comuns às unidades religiosas da Europa, Ásia, África e inclusive da América, até a revolução filosófica e política que, 3.100 anos antes da Encarnação, quebrou essa Santa Aliança e a forçou a ocultar-se. É inegável que entre os títulos miriônimos do Verbo, esparsos entre essas duas sínteses, figura desde a mais remota Antiguidade seu Nome direto ou invertido: em etíope ShOu-I, em zend IOSh, em caldeu ISho, em veda lShVa, em sânscrito ISOua, em chinês ShOul e SOul. É o léshu, Rei dos Patriarcas de nossas litâneas. Esse mesmo nome é o de Moisés escrito como o que a infante Thermouthis lhe deu: M'OShl dedicado a OS hl.

Os cabalistas têm razão, portanto, ao dizer pela rotina da tradição: O Nome de Deus está no de Moisés; mas eles não podem fornecer nenhuma prova disso: essa prova está no que os precede." (*L'Archéomètre*, de Saint-Yves, pp. 19 e 21).

* * *

Quando se estuda a história da tradição hermética de uma maneira muito geral, chega-se ao antigo Egito como a primeira origem dessa mesma tradição.

Através dos atuais iniciados e dos maçons, infiéis depositários dessa tradição, e pelos alquimistas, os templários, os iniciados das confrarias árabes e das sociedades pitagóricas de Constantinopla, depois pela Escola de Alexandria e as sociedades iniciáticas do Oriente e do

Ocidente, das quais ela foi conseqüência, as sociedades anteriores de iniciados pitagóricos leigos ou os iniciados regulares dos templos gregos ou egípcios de Apolo e Ísis, chegamos aos mistérios egípcios e à sua criação 22 séculos antes de nossa era.

Os próprios egípcios nos dizem ser os depositários de uma tradição atlante anterior ao Dilúvio.

Pelo estudo dos planisférios e dos zodíacos, ao fazer falar o Céu, chegamos às mesmas conclusões.

Pelo estudo dos alfabetos e de suas transformações, remontamos através dos alfabetos atuais até o grego e o árabe; daí às chaves hebraicas que nos levam aos 22 tipos do fenício e do aramaico, assim como às múltiplas chaves do sânscrito Devanägari. Remontando mais ainda, encontramos o hierático egípcio, o cuneiforme abreviado dos persas e as chaves chinesas antigas; enfim, remontando mais longe ainda, chegamos aos três sistemas hieroglíficos puros, o cuneiforme primitivo, o chinês hieroglífico igualmente primitivo e, finalmente, o egípcio hieroglífico, que parece ser o mais antigo de todos.

Assim, por todos os caminhos - e não falamos dos monumentos chegamos a considerar a colônia atlante do Egito como sendo a verdadeira origem das tradições herméticas.

AS TRADIÇÕES

A constituição intelectual de uma raça deriva das aquisições feitas pelas raças que dominaram antes o planeta, adaptadas pelas qualidades especiais da nova raça dominadora. A raça branca é herdeira, intelectualmente, de duas raças anteriores, a vermelha e a negra, e sua espiritualidade foi ligada ao plano invisível por um enviado direto do centro divino: o Cristo.

Relatar a história de cada povo, ou mesmo de cada corrente que tenha servido para criar as condições intelectuais da raça branca, é impossível neste curto resumo.

Saint-Yves d'Alveydre dedicou vários volumes, um dos quais com mais de mil páginas, *La Mission des Juifs*, à história de nossa tradição. Fabre d'Olivet, igualmente, em sua *Histoire Philosophique du Genre Humain*, tentou reconstituir em dois volumes as grandes linhas dessa tradição; compreende-se por que só podemos estimular o leitor a estudar essa questão nos textos.

Apenas devemos lembrar aqui que, enquanto os autores clássicos iniciam a história da raça branca com a partida dos arianos do planalto de Pamir, as tradições escritas, monumentais ou orais, chegadas até nós permitem-nos remontar muito mais no tempo.

Quando os arianos retomaram para o oeste, partindo da Índia, tinham antes vindo do leste, isto é, da Europa, e haviam ocupado a Índia, então dominada pelos negros.

O que temos a descrever aqui não é a história oficial. Em todos os povos, existe uma tradição escrita ou oral que se liga aos antigos Mistérios da Antiguidade. Vamos mostrar os vestígios dessa tradição em algumas páginas e alguns quadros, para permitir ao estudante que realize estudos sérios junto aos autores clássicos do Ocultismo.

A tradição dita "esotérica" da raça branca deve ser estudada em três correntes principais:

1) A corrente de origem egípcia que, através de Moisés, iniciado nos templos do Egito, e divulgada, por Jetro, da antiga iniciação etíope, e através de Daniel, grande chefe dos magos caldeus, foi sintetizada no Séher Béreschith ou Gênesis.

2) A corrente dita "oriental" que, pelo Vedismo, o Bramanismo e o Budismo, constituiu uma tradição muito próxima, em linhas gerais, da tradição do Egito.

A tradição caldense também é interessante, no sentido de que está ligada a cada uma das duas tradições precedentes.

3) Enfim a China, que conservou quase pura uma das mais antigas tradições da Terra, e é nos planisférios chineses que se encontram os mais importantes dados de astrosofia.

* * *

Diremos, para sermos claros, que o esoterismo da corrente tradicional egípcia encontra-se encerrado na cabala hebraica, além de nos hieróglifos, evidentemente.

Daniel transmitiu a Esdras uma tradução do livro escrito por Moisés. Este último escrevera seu livro em caracteres hieráticos ou talvez em hieróglifos egípcios. Daniel traduziu cada um desses caracteres por um novo sinal sírio-caldeu, popularmente chamado "hebreu quadrado", porém de tal forma que cada sinal hebraico corresponde estritamente a um sinal hierático.

Eis por que o estudo do hebreu quadrado tem tanta importância para o pesquisador sério. Mais adiante, damos um quadro das 22 chaves hebraicas, a seguir um quadro das relações dessas chaves com o alfabeto hieroglífico egípcio e, por fim, um último quadro explicativo da posição da Cabala na tradição israelita.

Em nossos *Premiers Éléments de Lecture de la Langue Hébraïque e Lecture de la Langue Egyptienne*, encontram-se todas as informações úteis para as primeiras formulações sobre essa questão. Nosso livro sobre a Cabala fornecerá o complemento técnico e bibliográfico para estudos mais aprofundados.

A característica desta tradição cabalística é a importância dada pelos seus criadores ao número e aos nomes divinos. As relações do Macrocosmo e do Microcosmo desempenham um papel muito relevante na Cabala. Fornecemos o quadro das dez sefirótes que constituem a corrente analógica mais importante da Cabala.

Essa tradição esotérica do Egito teve ainda uma grande influência sobre os diversos sistemas que vieram a constituir a Escola de Alexandrin, a seguir a gnose e, finalmente, o misticismo ativo do Cristianismo no Apocalipse.

Relação do alfabeto hebraico. (81)

As relações das letras e dos números. (82)

Tradições diversas se reportando a Torah. (83)

O macrocosmo e as sefirótes. (84)

É perfeitamente claro que os quatro Evangelhos, manifestações exteriores das quatro grandes correntes que presidem toda evolução humana, são, para a nossa raça branca, a mais elevada síntese

jamais revelada, em seguimento à manifestação em nossa raça de seu iluminador ou salvador: o Cristo, Deus vivo vindo em pessoa.

A gnose e o neoplatonismo tiveram uma influência muito grande sobre quase todos os ramos das religiões terrestres. Assim é que os *sutis*, ou "iniciados do Islão", estão diretamente ligados à influência neoplatônica. Alguns livros atribuídos a Hermes Trismegisto e outros Apocalipses, como o de Daniel, estão ligados também a essa corrente de origem egípcia.

* * *

Tradição Oriental

A corrente oriental da tradição, que inicialmente se manifestou na Escola de Alexandria com as missões budistas, tem tido uma grande repercussão na Europa, nos últimos anos sob a influência dos ensinamentos ditos "teosóficos".

Na página 86, apresentamos um quadro resumindo a história da tradição oriental, feito por nós e extraído do belo livro de Lafont sobre o Budismo.

O quadro compreende três divisões:

a) uma divisão superior, que encerra todos os sistemas da tradição oriental, verdadeiramente espiriflualista e mística;

b) uma divisão média, dedicada à seção filosófica e científica e às leis morais de cada sistema;

c) uma divisão inferior, dedicada à seção materialista dos sistemas religiosos do Oriente.

Além disso, esse quadro segue a marcha histórica, começando pelos Vedas, cuja Antiguidade remonta às raças anteriores à raça branca, continuando pelo Bramanismo, cujas castas foram criadas para evitar a fusão dos conquistadores brancos com os povos negros ou amarelos conquistados. As flechas indicam as várias divisões das grandes seções do Bramanismo.

Enfim, o Budismo derivado da Sankya de Kapila, com todas suas divisões posteriores, depois a yoga puramente mística de Krishna, que constituiu os Yogatcharas mágicos e teúrgicos, de onde são derivadas as escolas ditas teosóficas contemporâneas.

Quadro sintético da tradição oriental. (86)

Esse quadro, que será desenvolvido e comentado em uma de nossas mais importantes obras, tem o mérito de esclarecer muito essa questão da tradição oriental.

Não podemos fazer críticas em uma exposição tão sucinta, pois cada sistema pode ter suas qualidades e seus defeitos. Apenas colocaremos o estudante sério em guarda contra a tendência dos neobudistas para classificar tudo segundo o sistema setenário.

A natureza não é sectária e emprega cada número de acordo com suas necessidades.

O Sépher Jésirah, do qual demos a primeira tradução integral em francês, é um dos dois livros mais importantes da tradição cabalística. Ele mostra que todo Setenário é formado de "dois Ternários", no meio dos quais encontra-se a Unidade. Na terceira parte desta pequena obra, encontraremos as tradições dos boêmios relativas aos números. Essa tradição boêmia é curiosa, na medida em que estabelece a ligação entre a antiga tradição oriental, de onde são oriundos esses

boêmios, e a tradição egípcia moderna, porque os boêmios, vindos da Índia, permaneceram vários séculos no Egito antes de chegarem à Europa.

Para concluir com o que está ligado a essa tradição oriental, damos a seguir um quadro do ensinamento dito "teosófico" e, na página 89, um quadro das grandes religiões da terra, elaborado há alguns anos por Amaravella, em nossa revista *L'Initiation*.

* * *

O BUDISMO

As grandes escolas filosóficas. "Eis o desenvolvimento desse sistema segundo Burnouf e Hodgson. Os budistas distinguem os sábios de origem humana, que chegaram à posição de Buda por suas próprias forças, e os seres cuja natureza e origem são puramente imateriais; estes são os Budas celestes. Os primeiros, chamados Budas humanos ou Manúchis-Buddhas, são sete. Cakyimuni é o último desses sete Budas, pois sabe-se que antes dele seis Budas vieram pregar a doutrina. Os segundos são chamados Budas "sem pais" ou Budas da contemplação; vamos ver a razão dessa denominação. Acima de todo trono, Adibuddha, o Buda primordial que existe por si mesmo, infinito e onisciente, que cria, através de cinco atos de seu poder contemplativo, esses cinco Budas celestes. Cada um desses Budas, por sua vez, recebe ao nascer a dupla energia da ciência e da contemplação, origem de sua existência, e por essa mesma energia da ciência e da contemplação, cada um desses Budas engendra um Bodhisattva divino.

Quadro de ensinamento teosófico. (88)

Quadro das grandes religiões da terra. (89)

Imagem página. (90)

Assim, Budas e Bodhisattvas celestes são os frutos da contemplação do ideal Adibuddha.

Os Bodhisattvas são considerados como os verdadeiros criadores do mundo, e, como suas obras são perecíveis, a cada destruição do mundo sucede a criação de uma nova obra de um desses sete Bodhisattvas. Os budistas admitem que, já havendo ocorrido três períodos de criação, estamos atualmente no quarto, cujo Bodhisattva criador é Padmapani, que os tibetanos e os nepaleses consideram, por essa razão, seu Deus único e supremo. No Tibet, ele tem o nome de *Avalokitecyara*, ou o Senhor contemplado" (G. de Lafont, p.237.).

As três primeiras Verdades da Salvação. "Da ignorância nascem as formações ou Samskaras; das formações, o conhecimento; do conhecimento, o corpo e o espírito; do corpo e do espírito, os seis órgãos dos sentidos; dos seis órgãos dos sentidos, o tato (ou contato); do contato, o desejo; do

desejo, a sensação (prazer ou dor); da sensação, a união (ou a afeição) aos objetos existentes; da afeição aos objetos existentes, a renovação da existência (ou reprodução após a morte); da reprodução da existência, nascimento; do nascimento, decrepitude, morte, tristezas, dores, desgosto e forte descontentamento. Assim produz-se a completa corrente dos males”.

Figura da página 91

"Da completa separação e da cessação da ignorância decorre a cessação das formações; desta, a cessação do conhecimento; desta, a do corpo e do espírito; daí, a da produção dos seis órgãos; desta, a do tato; sem o tato, nada de desejo; sem desejo, nada de sensação (quer agradável, quer penosa); abolida a sensação, não há mais apego aos objetos existentes; com isso, não há mais reprodução da existência, que leva à supressão do nascimento; sem nascimento, decrepitude e morte desaparecem. Apagase assim o curso completo dos males."(*G. de Lafont*, p. 166)

Figura da página 92.

A tradição chinesa ainda é pouco conhecida pelo Ocidente. É importante constatar que quatro povos fizeram uso simultaneamente dos caracteres hieroglíficos:

- 1) o povo egípcio, com os hieróglifos propriamente ditos;
- 2) os povos do Irã, com os caracteres cuneiformes;
- 3) os povos da Índia antiga, com os caracteres *watan*, redescobertos por Saint-Yves d'Alveydre;
- 4) e o povo chinês, com os hieróglifos chineses primitivos.

A história da transformação desses diversos caracteres hieroglíficos para constituir os alfabetos posteriores é muito importante e merece algumas páginas, que concluirão esta seção de nosso trabalho.

* * *

O estudo do céu teve um papel considerável em todas as pesquisas dos sábios, tanto os antigos quanto os modernos.

Imagem da página 93.

Já destacamos, em nossas pesquisas anteriores sobre os alfabetos, duas frases curiosas: uma afirmando que *Fo-Hi* constituíra a escrita reproduzindo, por meio de hieróglifos de imagens terrestres, os signos do Céu, e a outra dizendo a mesma coisa de *Thot-Hermes* no Egito.

Continuando nossas pesquisas sobre a história da escrita, reconhecemos que "os hieróglifos primitivos" do egípcio, do caldeu e do chinês *"tinham, como verdadeira origem, as figuras das constelações do céu."*

Chegamos assim à mesma conclusão que M. de Paravey, de um lado, e Moreau de Dammartin, de outro.

O céu é, portanto, o museu das formas primitivas de qualquer alfabeto, e mesmo que os vândalos destruam todas as bibliotecas da Terra, bastará um só iniciado para reconstituir, olhando para o céu, todos os instrumentos de trabalho- intelectual.

Saint-Yves d'Alveydre, em seu Arqueômetro, tem razão ao dizer que "o Céu fala", e temos a esperança de fornecer muitas provas disso em nossa futura enciclopédia.

Por ora, sigamos a história de uma letra qualquer, por exemplo a letra B.

A figura da página seguinte nos mostra, na parte inferior, uma sala de aula moderna, com um professor mostrando no quadro-negro a letra B para os alunos.

Acima, podemos ver as modalidades da letra B em grego e romano.

Também vemos o caráter hebraico Beth, que, segundo os autores clássicos, tais como Ph. Berger, tem origem no aramaico e no fenício.

Entretanto, todos os alfabetos--são a transformação do antigo alfabeto do Egito: hierático, oriundo do hieroglífico.

O chinês, o caldeu e o egípcio são os três alfabetos hieroglíficos mais antigos.

Porém, os sinais da letra B provêm das linhas traçadas no céu físico pelas estrelas da constelação de Capricórnio (segundo Paravey) ou de Áries (segundo Moreau de Dammartin). Escolhemos a opinião de Paravey.

Esses signos das constelações não serão, por acaso, a materialização, no plano físico, do Mundo Verbal?

Por isso escolhemos representar esse mundo pelo hieróglifo I-Sho, tal como os egípcios o desenhavam, para representar o Deus único e Absoluto, origem de Tudo.

Essa história da letra B elucidará o que nos falta expor.

A história da Humanidade pode ser determinada de muitas maneiras. O homem, com efeito, escreve sua história, ora pelos objetos materiais que deixa em seu túmulo, ou que ficam soterrados na sua morada abandonada, ora pela tradição que -os povos se transmitem, ora, também, pela escrita e pelas gravuras.

As constelações do céu, fontes de todos os alfabetos. (95)

Várias ciências procuram, através de complexas análises, remontar até essas diversas origens da história da humanidade. Deixaremos para os técnicos o que tange à geologia em suas relações com o homem primitivo, ressaltando, entretanto, que cada continente teve uma evolução própria.

Da mesma maneira, não falaremos das pesquisas antropológicas, e nos contentaremos com uma rápida revisão da história da escrita.

Nada caracteriza melhor a inteligência humana do que essa história.

Segundo todos os autores antigos, a origem da escrita erigida em sistema gráfico é a representação, por meio de objetos terrestres, dos signos

As diversas constelações que traçam na noite linhas de fogo são, portanto, a origem real de qualquer grafismo ulterior.

As primeiras escritas utilizadas na humanidade foram os hieróglifos.

Pessoalmente, supomos que os hieróglifos constituíam o sistema de escrita dos Vermelhos, que pode ser encontrado em todas as colônias derivadas de migrações atlantes. Qualquer que seja a nossa opinião, concordamos com Philippe Berger que as três mais antigas escritas primitivas conhecidas são o chinês hieroglífico, o caldeu cuneiforme e o egípcio hieroglífico.

Desses hieróglifos derivam os alfabetos. A questão de saber se esses alfabetos foram criados ao mesmo tempo que o sistema hieroglífico, ou se foram derivados mais tarde desse sistema, ainda não está resolvida sob o ponto de vista científico, embora: os sábios opinem a favor da segunda solução.

Além desses sistemas hieroglíficos posteriores ao grande dilúvio, SaintYves d'Alveydre nos mostra, em seu Arqueômetro, que existiu uma escrita antediluviana, da qual os atuais signos astrológicos são uma lembrança. Essa escrita, chamada por ele de *Watan* ou "adâmica" foi a que provavelmente serviu à redação dos Vedas.

Por outro lado, Lacour, em seu livro sobre os Elohins, também nos mostra uma escrita zodiacal do mesmo gênero.

Durante muito tempo, a escrita foi um segredo de iniciação, e ficou reservada ao ensinamento dos templos.

Subitamente, por volta do ano 500 a.C., foi permitido aos profanos o uso de uma série de sistemas alfabéticos derivados dos hieróglifos, alfabetizados porém para serem usados pela classe média dos diversos povos.

Parece que a palavra de ordem dessa revolução intelectual, considerável pelas suas conseqüências, partiu da Babilônia. A história oficial nos mostra que o alfabeto aramaico, do qual deriva diretamente o alfabeto fenício, foi levado então a diversos pontos da terra por navegadores que faziam comércio com a maior parte das regiões então civilizadas.

O alfabeto sânscrito. (97)

Quadro cronológico e sintético da tradição. (98 e 99)

Os fenícios, como povo, não criaram qualquer alfabeto ou religião, foram escolhidos e delegados como agentes de difusão desse admirável meio de evolução intelectual. O alfabeto fenício é uma cópia do hierático egípcio.

Na mesma época, Daniel, sumo sacerdote dos magos caldeus, dá a Esdras uma cópia dos livros de Moisés em sírio-caldeu, ou hebreu quadrado. O interessante, neste alfabeto, é que ele corresponde estritamente ao antigo hieroglífico egípcio.

Por outro lado, exatamente na mesma época, o primeiro alfabeto sagado universitário é exoterizado na Índia, sob o nome de "sânscrito" Devanâgari (sobre este assunto, ver nosso estudo: *Premiers éléments de lecture de la langue sanscrite*). Se associamos essa corrente de exoterismo dos ensinamentos dos templos à existência, na mesma época, de uma multidão de enviados a diversos países dos centros religiosos, reconheceremos uma relação bastante estranha entre esses eventos.

É nesse momento, com efeito, que surgem em toda a terra homens que tentam colocar ao alcance dos profanos certos ensinamentos até então reservados apenas aos iniciados.

Em nosso quadro das diversas tradições, encontram-se informações positivas sobre esse tema. Destacaremos a existência, nessa época, de Confúcio (Koung-Fou-Tzeu) na China; de Gautama Buda na Índia; de Daniel na Caldéia; de Esdras entre os judeus; de Pitágoras na Grécia e de Numa em Roma.

A constituição dos alfabetos grego, romano, rúnico e, mais tarde, árabe não oferece outro interesse do que um interesse puramente histórico, quando se conhece a origem de todos os sinais que servem para manifestar a inteligência humana pelo gesto fixo ou escrito.

Seja como for, o estudo dessa escrita nos permite remontar desde a humilde escola de aldeia até o próprio céu, passando pelos maiores povos que a humanidade produziu. Não podíamos senão lançar um olhar rápido sobre essa importante questão, cuja grandeza nossos leitores saberão avaliar. Podemos agora abordar o estudo das grandes doutrinas ensinadas nas diversas tradições da Antiguidade.

Ciência Atual E Ciência Antiga

Analogia

A ciência atual dedica-se sobretudo à análise e aos estudos dos detalhes. Há pouca coesão entre seus diversos ramos, e a necessidade de uma síntese se faz sentir fortemente.

A origem dessa divisão da ciência em ciência prática ou analítica e ciência filosófica (ou mística) remonta à Renascença.

Nessa época, houve uma verdadeira cisão entre os dois gêneros de estudos, e os filósofos foram postos de lado por aqueles que quiseram instituir completamente a chamada ciência "experimental".

Assim foram criadas, entre muitas outras, as seguintes seções:

Seção analítica e experimental

Química
Física e História Natural
Astronomia
Medicina
Matemática

Seção sintética e filosófica

Alquimia
Magia
Astrologia
Hermetismo
Cabala

A segunda seção provocou a rejeição de todo o ramo filosófico das ciências numa espécie de caos, estigmatizado sob o nome de "ciências ocultas".

* * *

Antes da Renascença, as ciências formavam um todo, que chegara até o Ocidente, pelos seguintes caminhos:

- os árabes e as Universidades árabes da Espanha;
- a Teologia da Idade Média, em todas suas divisões;
- Bizâncio, herdeiro da Escola de Alexandria;
- Roma; Atenas e a iniciação laica pitagórica neoplatônica; tudo remontado ao *Egito* e seus mistérios, com dois ramos especiais, um na Caldéia, outro na Índia e na China.

O que nos interessa, pois, é o estudo da ciência antiga dos grandes mistérios egípcios.

Os trabalhos dos egiptólogos modernos provaram a existência dessa ciência, da qual os livros de Moisés constituem uma derivação direta.

Porém, enquanto nossa ciência atual é permitida a todos aqueles que querem dedicar-se a seu estudo, a ciência egípcia estava à disposição apenas daqueles que haviam sido submetidos aos três tipos de provas: *provas físicas*, para garantir que o candidato possuía sangue-frio corporal e a prática dos esportes (*Querer*); *provas morais*, para garantir o ensinamento de qualquer transmissão fora do círculo e para aprender a *Calar*; *provas intelectuais ou mentais*, para conhecer a organização do Universo (cosmogonia) ou do Homem (androgonia), e da dupla natureza física e metafísica (*Saber*); *as provas espirituais*, reservadas a certos iniciados e destinadas a colocar o ser humano face a face com o mundo invisível, estavam fora dos três tipos de provas precedentes, e seu estudo se referia à teogonia e às práticas mais elevadas que um ser humano podia atingir sobre a Terra (*Ousar*).

A Esfinge, que data de 5000 anos a.C., era o resumo, juntamente com a grande pirâmide, da admirável ciência egípcia. A Esfinge tem flancos de touro, garras de leão e uma cabeça humana. No quadro A Tábua Isíaca (ver pp. 188-9), ela tem asas de águia. Como toda a ciência egípcia, este símbolo tem várias significações:

1) Sob o ponto de vista agrícola, servia para indicar a enchente do Nilo e a conduta dos agricultores; era uma medida da inundaçãõ.

2) Sob o ponto de vista científico, indicava as quatro classes de seres humanos, segundo os temperamentos; as quatro faculdades desenvolvidas no homem pela iniciação: saber, ousar, querer, calar-se; as quatro idades da vida humana - infância, juventude, idade madura, velhice - Ver figura da p. 206; as quatro partes do dia e as quatro estações do ano comum e do grande ano.

3) Sob o ponto de vista astronômico, indicava as relações dos signos de Virgem e Leão, com a referência zodiacal da construção desse símbolo, quando o Leão era o meio-do-céu, o Touro o equinócio de primavera, o que dá 4300 anos a.C.

Nós falamos desse símbolo porque ele mostra o caráter do ensinamento na ciência antiga, que era sempre *analógico*.

* * *

Com efeito, essa ciência antiga achava que existia no Invisível um tipo dos diferentes seres que vivem sobre a terra, e que esse tipo era um pouco modificado pelo meio em que vivia o ser em questão.

Assim, o tipo "cão" se encontrava ligeiramente modificado:

- 1) sobre a terra, como "cão de terra";
- 2) na água, como "peixe-cão" ou "cão-do-mar";
- 3) no ar, como "pássaro-cão";
- 4) e, enfim, no éter, ou mundo das forças estelares, ditas "astrais",

mundo do fogo, não o fogo físico, mas a energia. Nesse plano, o tipo se tornava o "cão-de-fogo" ou "dragão astral", tão bem conhecido dos chineses.

Para a ciência antiga, todo objeto terrestre faz parte de uma cadeia analógica que parte desse objeto em direção a um astro, de onde vêm as forças, das quais uma faísca é materializada no objeto terrestre.

Portanto, a ciência antiga é constituída sobretudo por quadros, que estabelecem as relações entre todos os seres e todos os objetos do Universo.

Esta é a origem do símbolo da Escada de Jacó e de todos os livros místicos da Antiguidade.

Em geral, ligam-se todos os seres do Universo a sete centros, cuja imagem física é constituída pelas sete zonas planetárias que se estendem entre o sol e as estrelas fixas.

Devemos dizer que os astros físicos que circulam nessas zonas nada têm a ver com as leis primordiais do Universo. Assim, Urano e Netuno estão ligados ao plano de ação de Saturno, do mesmo modo que os asteróides que circulam entre Marte e Júpiter estão ligados ao plano de ação desses dois astros.

Todo astrólogo que computa em seus cálculos a influência de Netuno ou de Urano mostra que não entende nada da iniciação antiga, e que é um profano para a ciência sagrada.

O alvo da iniciação antiga era, definitivamente, a colocação em relação direta do ser humano desdobrado com o mundo das *forças-princípios*. Essa viagem da alma, ou melhor, do espírito, na parte invisível dos planetas, do zodíaco e do céu da palavra, foi a origem de vários textos, dos quais alguns fragmentos chegaram até nós. Atu mente, esses agmentos constituem as seguintes obras:

- 1) Resumo da iniciação egípcia, conhecida pelo nome de Hermes Trismegisto (*Pimandre dhermès*).
- 2) O Sépher de Moisés, resumo verdadeiro da iniciação egípcia e de seus hieróglifos.
- 3) As visões de Ezequiel e de Daniel, com a descrição do céu e dos animais zodiacais simbólicos.
- 4) O Apocalipse de São João, que é um resumo frígio das iniciações antigas, como os escritos dos doutores gnósticos e, sobretudo, a *Pistis Sophia* de Valentim.

Saint-Yves d'Alveydre, em seu Arqueômetro, deu a chave do céu da palavra e de suas múltiplas adaptações.

O que um ocultista deve evitar, antes de tudo, é o sectarismo, indício certo das paixões profanas.

Assim, nas suas diversas manifestações, a natureza emprega todos os números.

O setenário é constituído por dois ternários, no meio dos quais está a unidade (Sépher Jésirah).

Da mesma maneira, todo ternário é constituído por um dual sintetizado pela unidade.

O duodenário (doze) é constituído por quatro ternários ou três quaternários.

Voltaremos com maiores detalhes a esta questão dos números. É preciso saber que toda tradição que não se apóia claramente sobre a solidez, o número e a harmonia, é incompleta e não sintética.

A HIERARQUIA NO UNIVERSO

Jean-Jacques Bourcart, em sua tão notável obra, *Esquisse du Tout Universel (Esquisse hermétique du Tout Universel*, por Jacob, primeira edição prefaciada por J. H. D. (Dunan); segunda edição prefaciada por Papyrus), fez uma análise das mais interessantes das forças-princípios em ação no Universo. Esse livro destina-se sobretudo aos iniciados e permanece fechado para os profanos. Contudo, resumimos em um quadro (p. 108) a hierarquia dos seres e das forças, tal qual a exporia a Rosa-Cruz. Faremos o melhor para desenvolver os quadros assim constituídos.

Este quadro está dividido em três seções:

- 1) embaixo, a seção material;
- 2) no centro, a seção do plano vital;
- 3) no alto, a seção do plano espiritual e divino.

Observaremos que as diversas forças tomam sucessivamente sua origem em diversos planos.

O primeiro reino é o reino dos números, incluindo o algarismo, a forma geométrica e o som; em nosso plano, só damos o a garismo.

Observe que, na região superior, os algarismos são simples; na região média ou astral, são elevados ao quadrado; na região inferior, são elevados ao cubo.

Com efeito, em nosso mundo, quando se encerra um ser físico, se é obrigado a colocá-lo em um cubo (quarto fechado ou prisão). Encerram-se os seres astrais em figuras planas (o pentagrama, que encerra Mefistófeles em *Fausto*) e se comandam os seres espirituais pelos números e os pontos.

O segundo reino é o reino mineral, no qual os elementos crescem de todos os lados, porém sem poder mover-se.

O terceiro reino é o reino das forças espirituais, forças astrais e forças físicas, que formam a origem de toda *energia*.

O quarto reino é o reino vegetal, caracterizado pelo crescimento e o movimento em um só sentido, sem poder deslocar-se.

O quinto reino é o reino asterismal, ou astral; neste reino, os seres só se deslocam quando outro se desloca ao mesmo tempo. A lei desse reino é a lei da reciprocidade.

A hierarquia do Universo. (108)

O sexto reino é o reino animal, em que cada ser pode se locomover à vontade, sem que seu deslocamento influa em outros; não pode mudar sua forma, que é imutável.

O sétimo reino, que só é conhecido pelas escolas de ocultismo, é o reino genial, que Bourcart assim define:

“O reino genial (gênio elementar, gênio corporal, gênio poderoso, gênio espírito, gênio anjo, gênio querubim, gênio arcanjo) é a criação formada pela associação dos seres inferiores, independentes um do outro, sob a impulsão de uma vontade que os dirige”.

"O Gênio (ou falso deus) é um ser criado, encarregado de velar pelos outros seres inferiores a ele, mais ou menos independentes, e de governá-los, fazendo de algum modo sua carne *espiritual*."

A todo estudante sério, aconselhamos a leitura e o estudo desse livro; é a verdadeira introdução aos elevados estudos do ocultismo.

A Terra E Um Ser Vivo

Em um primeiro momento, essa idéia parece estranha, entretanto, refletindo-se um pouco, vê-se que ela é muito plausível.

À primeira vista, o que choca é a questão da forma. O ser humano tende a acreditar que todo ser vivo deve ter uma forma semelhante à dos vertebrados. Contudo, os minerais são seres vivos que se caracterizam pela ausência quase total de formas determinadas. Os vegetais, desde as bactérias até o magnífico carvalho ou o majestoso baobá, também apresentam uma notável multiplicidade de formas. O mesmo aconteceu com os animais.

Segundo as grandes classificações, todo astro se coloca entre os vegetais, que não podem locomover-se, e os animais, que se locomovem livremente.

Essa classificação, devida a J. J. Jacob (Bourcart) em sua *Esquisse du Tout Universel*, mostra que os astros só se deslocam à medida que outro astro se desloca com eles. Há aí deslocação por reciprocidade.

A questão da massa da Terra não tem importância, já que não há limite à grandeza de um ser vivo.

Os sábios contemporâneos tendem a considerar os astros como massas inertes que forças exteriores, sozinhas, põem em movimento. São as tradições do Ocultismo, sintetizadas pelas revelações de Louis Michel de Figanières (*Clef de la vie*), que deram corpo a essa idéia de que a Terra é um ser vivo, idéia que resumiremos da melhor maneira possível.

Um ser vivo se caracteriza por diversas funções, das quais as principais são: digestão, respiração, circulação e, para os seres superiores, inervação. É preciso acrescentar as funções de relação para os seres que se relacionam com outros seres, da mesma espécie ou de espécies diferentes. - Recordaremos primeiro o que ocorre no homem, para depois aplicarmos analogicamente esses dados à Terra.

No homem, o coração é o órgão que manifesta os movimentos mais rápidos, considerando-se apenas a vida orgânica do ser e não a vida do sistema nervoso consciente. O coração bate sessenta vezes por minuto e comanda a circulação do sangue.

O pulmão funciona à razão de vinte vezes por minuto, com seus tempos de inspiração e de expiração; o coração, em seu movimento, também apresenta dois períodos: um de contração, ou sístole, e outro de dilatação, ou diástole.

O pulmão preside as funções da respiração, que pode ser concebida como uma assimilação ou uma digestão do ar atmosférico; eis por que os pulmões se ligam, embriologicamente, à endoderme e aos folhetos digestivos.

Por fim, a digestão, cuja duração é variável, mas que normalmente acontece a cada seis horas, ou quatro vezes em vinte e quatro horas, com refeições mais ou menos abundantes segundo as horas e os indivíduos; além disso, a absorção dos líquidos pode ser feita de maneira quase contínua.

Para os seres superiores, do qual o corpo humano é um exemplo, a essas funções vêm juntar-se as de inervação, ou do funcionamento do sistema nervoso, caracterizado, a *grosso modo*, pela vigília e pelo sono, dos quais dezesseis horas de vigília e oito horas de sono.

A todas essas funções é preciso acrescentar, para o ser vivo estudado, a duração de sua vida física sobre o planeta onde ele está encarnado, duração que pode ser considerada, em média, de setenta e dois anos para o homem, e muito variável para os outros animais. Essa função encerra-se entre quatro períodos: infância, juventude, idade madura e velhice. Bem estabelecidos esses pontos, voltemos à Terra.

Digamos, inicialmente, que todos os movimentos da Terra são mais lentos que o do ser humano, e que um minuto de tempo do homem corresponde mais ou menos a um dia da Terra, e que um dia do homem corresponde mais ou menos a um ano da Terra. As iniciações antigas estudaram de muito perto esses números que aqui apenas indicamos grosseiramente.

Circulação. Em uma jornada de vinte e quatro horas, a Terra gira em torno de si mesma segundo o ciclo conhecido: manhã, meio-dia, tarde e noite. Durante esse período, uma metade da Terra está na escuridão, enquanto a outra é banhada pela luz solar. No mesmo tempo, o oceano, ou coração terrestre, apresenta uma dilatação, ou diástole, caracterizada pela maré alta, e uma contração, ou sístole, caracterizada pela maré baixa.

A água, que é o verdadeiro sangue terrestre, é aspirada do oceano para a atmosfera; circula como corrente arterial acima das terras, onde cai sob forma de orvalho ou de chuva. Indo condensar-se nas geleiras que constituem as reservas aquáticas ou vitais do planeta, essa água retorna ao oceano pelos arroios e os rios, formando a corrente venosa. Tal é o ciclo da circulação terrestre.

Constituição orgânica da Terra. (113)

Respiração. Ao mesmo tempo que a circulação se faz sobre a Terra, este astro absorve e fixa os raios solares em sua atmosfera, que constitui o seu pulmão. A cada período de irradiação solar, ou dia, e de irradiação lunar, ou noite, corresponde um aspirar e um expirar dos raios solares. Mas o verdadeiro período do ciclo respiratório completo é de quatro semanas, cada uma sendo caracterizada pela influência lunar.

Assim, da lua nova até a lua cheia, realiza-se a fixação nos veios metálicos da aspiração dos raios solares, e no período da lua cheia até a lua nova, faz-se a separação ou expiração de tudo quanto a Terra devolve como forças e seres fora de seu domínio.

Digestão. As funções da digestão terrestre caracterizam-se pelas seguintes etapas:

- 1) ingestão dos alimentos pelo humo terrestre;
- 2) separação das partes absorvíveis e das partes inúteis, ou digestão propriamente dita;
- 3) fixação no organismo terrestre e transformação das partes digeridas em novos produtos ou assimilação e-utilização;
- 4) transformação dos produtos digeridos em substâncias inertes ou excreção.

A todo instante, o humo ou o estômago terrestre é suscetível de receber os cadáveres ou aglomerados de células terrestres, confiadas a um ser vivo para formar seu corpo. Quando a vida vinda dos astros deixa esse corpo, essas células retornam ao estômago terrestre, que as transforma. Quando, em lugar de um cadáver, se confia uma semente a esse estômago terrestre, é preciso primeiro que essa semente seja transformada, pela fermentação, em cadáver vegetal, antes de se reproduzir em vários exemplares, sob a influência da digestão terrestre.

Digamos que, em certos momentos, a Terra tem fome, mais do que em outros, e que, nesses momentos, ela sempre se organiza para aumentar sua fonte de alimentos, através de epidemias,

cataclismos ou guerras entre animais ou entre os seres humanos. Esta é uma noção importante que deve ser guardada.

Michel de Figanières mostra que a digestão é uma renovação, pela Terra, do que ele chama *lixreira do planeta*, e toda a agricultura se baseia no ciclo da digestão terrestre, que agora analisaremos. Com efeito, fora a digestão diária ou corrente, as grandes transformações dos germes são feitas em um ano, assim dividido:

- 1) ingestão dos germes e preparação destes para a sua digestão (setembro a dezembro, para nosso clima);
- 2) assimilação pelo humo dos germes ingeridos, ou digestão real da terra, triunfo da fermentação e das forças negras, mas início da vitória das forças da evolução solar (dezembro a março);
- 3) produção e saída dos germes transformados, união dos sucos terrestres e dos raios solares, constituindo a seiva, triunfo de todas as forças evolutivas sobre as forças da involução, a primavera (março a junho);
- 4) fim da evolução dos novos seres terrestres; o fruto ou a semente, produto vivo dessa evolução, é constituído, ao mesmo tempo que todos os subprodutos retornam para a terra sob a forma de cadáveres vegetais (junho a setembro).

Figura da página 115.

Para os animais e os minerais, há períodos iguais, mas não entraremos nesses detalhes.

Inervação. As forças que a Terra tira do sol e que não foram aproveitadas são concentradas nos veios metálicos, que formam um verdadeiro sistema nervoso ganglionário e que são a verdadeira origem do calor do planeta, **já** que quanto mais se desce até o centro da Terra, maior o calor, e quanto mais se aproxima do sol, maior o frio. O fogo terrestre central é uma utopia; não existe. As erupções vulcânicas são produzidas por curto-circuitos da eletricidade vital terrestre, e o centro da Terra é habitado por seres de forma humana, mas com brânquias. Isso não importa no momento; vamos deixá-lo de lado, portanto.

O tempo atribuído ao ciclo da inervação terrestre é bastante difícil de determinar. Um ano da Terra equivale a trezentos e sessenta anos terrestres comuns. O período de vida e morte dos continentes terrestres se cumpre em 25.000 anos, em números redondos, dos quais 12.500 anos são de absorção das forças cósmicas e 12.500 de expiração dessas forças, com transformações continentais e dilúvio. Quisemos apenas dar uma olhada sobre a vida orgânica da Terra; o estudo da vida espiritual nos levaria longe demais.

Imagem da página 116.

ANDROGONIA

CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

A questão da constituição do ser humano tem uma grande importância para o estudo do Ocultismo. Precisa ser tratada simplesmente, mas com clareza. Deve-se lembrar, primeiro', que na tradição do Ocultismo o Homem não está separado do resto do Universo. Ele forma um de seus princípios constituintes e constitui em si mesmo um resumo de todo o Universo, isto é, o que se encontra no Homem, *analogicamente*, encontra-se também no Universo ou Cosmos. Por isso, chamou-se o ser humano de "pequeno mundo, micro-cosmos, microcosmo ou pequeno universo".

Claude de Saint-Martin disse, com muita razão, que é melhor determinar a constituição do Universo pelo estudo do Homem do que determinar a constituição do Homem pelo estudo do Universo. Um trabalho completo sobre a constituição do Homem exigiria pelo menos um volume, e, por isso, faremos o melhor possível para resumir a questão em algumas páginas, remetendo o leitor, no que tange aos desenvolvimentos, às obras clássicas do Ocultismo.

* * *

Sumariamente, o homem compõe-se dos seguintes elementos:

1) Uma vestimenta de carne formada por terra e produtos da terra transformados.	O CORPO FÍSICO	A terra em nós
2) Um princípio de vida formado pela fixação, no corpo de carne, da força universal que circula nos astros e no mundo astral.	A VIDA O corpo dos astros ou corpo astral.	A alma universal em nós. Os astros em nós
3) Um princípio espiritual e imortal, formado pela fixação em nós da centelha divina emanada diretamente dos planos mais altos do Universo.	O ESPÍRITO	A centelha divina em nós.

Esses são os três elementos que constituem esse pequeno mundo que é o homem, com suas duas polaridades: macho e fêmea, ou direita e esquerda da humanidade.

Relação analógica das três divisões do homem. (118)

No indivíduo, a direita não é superior, nem inferior à esquerda; ela é *polarizada* de outra maneira, é simplesmente *complementar*.

Na humanidade, a mulher não é superior nem inferior ao homem; ela é polarizada de outra maneira, é *complementar*, é a esquerda cuja direita é formada pelo homem na humanidade.

Entendendo bem a simplicidade dessa constituição do ser humano, será fácil localizar-se entre as diversas tradições do Ocultismo que analisaram em detalhe as relações dos três princípios entre si.

* * *

Como tudo, na natureza, funciona analogicamente, cada um desses princípios está representado nos outros, o que de imediato nos dá nove elementos analíticos, a saber:

O Físico e o Astral. (119)

Imagem analógica dos três princípios de constituição do ser humano, analisado em 7 elementos. (120)

1) *No Corpo físico.* O Corpo representado pelo ventre e a digestão.

O Astral, representado pelo peito e a respiração (fixação no indivíduo da atmosfera que fixou ou respirou os raios solares).

O Espírito, representado pela cabeça e a inervação.

Certas tradições estudam esses três elementos sob o nome de *três corpos*: corpo físico, corpo astral, corpo mental.

2) *Na vida.* Vida do Corpo astral inferior.

Vida da Vida, astral médio ou vida do astral, vida orgânica distribuída pelo nervo grande-simpático.

Vida do Espírito ou astral superior; ou seja, vida intelectual, plano mental, ou funções cérebro-espinhais.

3) *No Espírito.* Espírito no Corpo. Corpo mental ou suporte do espírito, manifestado pelo *instinto* e pela *sensação*.

Espírito na Vida ou inteligência orgânica, manifestada pelo *sentimento*.

Espírito no Espírito, faísca divina em si, consciência universal individualizada no ser humano, manifestada pela *inteligência*.

* * *

Ao estudar as divisões do ser humano, é indispensável estudar as leis dos Números. Sem o estudo dos Números, qualquer classificação tornase sectarismo, e tende-se a acreditar que a Natureza tem uma predileção por um número determinado, o que é completamente falso.

As relações analógicas. (121)

A natureza utiliza todos os números em todos os planos, e o autor que força a mente para colocar setenários por toda a parte mostra que não compreendeu muita coisa sobre a verdadeira tradição iniciática.

Os três elementos, ou princípios, que constituem o homem podem, com efeito, ser analisados em nove elementos, em sete elementos e até em vinte e um elementos ou mais. Basta conhecer a lei dos números e tudo se torna claro; ignorando-se essa lei, tudo ficará obscuro.

Terminaremos este estudo lembrando algumas páginas extraídas de um de nossos trabalhos, intitulado: *Comment est constitue l'être humain*, Paris, Chamuel, 1900. Outros detalhes também podem ser encontrados em todos os autores clássicos do Ocultismo.

DIVERSAS CLASSIFICAÇÕES DOS PRINCÍPIOS

Classificação a 9, 7 e 3 elementos

Partindo dessa classificação natural, pode-se analisar o homem de uma maneira mais profunda ainda, observando que cada Princípio tem, ele mesmo, três adaptações. Assim, o corpo físico se adapta a três seções para suportar os outros Princípios (ventre ou suporte do físico, tórax ou suporte do astral, e cabeça ou suporte do Espírito). O corpo astral também se manifesta sob três modalidades, conforme esteja em relação com o Corpo físico, com seu próprio Centro ou com o Espírito. O Espírito, por fim, se polariza sob três aspectos, conforme espiritualiza o corpo físico, o astral ou aja sobre seu próprio centro.

Para sermos claros, vamos empregar termos gerais e evitar todos os vocábulos técnicos. Rompemos assim o vidro que se apresenta como clarabóia aos estrepantes nesses estudos.

Os três princípios constituintes do homem são: o Princípio Físico, o Princípio Astral e o Princípio Espiritual, que chamaremos de *Físico, Astral e Espiritual*.

Esses princípios unem-se uns aos outros. Uma só palavra nos é necessária: a palavra *União*.

Assim, aplicando ao nosso estudo a disposição do Tarô e das Sephiroths, que só a Tradição ocidental permite, obtemos:

Para o Físico:

Centro do Físico
União do Físico e do Astral
União do Físico e do Espiritual

Para o Astral.

União do Astral e do Físico
Centro Astral
União do Astral e do Espiritual

Para o Espiritual.

União do Espiritual e do Físico
União do Espiritual e do Astral
Centro Espiritual

O que nos dá *nove divisões ou nove Elementos*, dos quais três Princípios primordiais e seis elementos derivados.

Querem dar-lhes nomes? Permanecendo ocidentais, quer dizer, claros e metódicos, emprestaremos à Cabala e ao Tarô tal rigor e todos esses elementos vão denominar-se por si mesmos com simplicidade.

Para isso, olhemos o quadro seguinte, onde está resumido o que acabamos de dizer. As colunas *horizontais* indicam as modalidades de um mesmo Princípio e as *verticais*, as representações de um Princípio nos outros.

União do Espiritual e do Físico	União do Espiritual e do Astral	Centro Espiritual
União do Astral e do Físico	Centro Astral	União do Astral e do Espiritual
Centro Físico	União do Físico e do Astral	União do Físico e do Espiritual

A primeira coluna vertical será a dos *Corpos*

A segunda coluna vertical será a das *Almas*.

A terceira, a dos *Espíritos*.

Assim temos: o centro físico ou *corpo físico*; a união do astral e do físico ou *corpo astral* (parte corporal do astral); a união do espiritual e do físico ou *corpo espiritual*. Eis o corpo espiritual de São Paulo, esse carro da Alma de Pitágoras, esse elemento da compreensão tão difícil quando não se estuda a sua origem.

Vejamos as almas.

A união do físico e do astral será a *alma física* (ou a parte física da alma).

O centro astral constituirá a *alma astral* ou centro real do princípio anímico.

A união do espiritual e do astral constituirá a *alma espiritual*.

Do mesmo modo se definiria o *espíritofísico* (união do físico e do espiritual), o *espírito anímico* (centro de espiritualização da alma) e o *espírito espiritual* (centro pessoal do espírito).

* * *

Considerando o ser humano constituído, veremos que cada um dos Grandes Princípios age como uma corrente elétrica, que encontrando outra corrente produz uma faísca. Essas faíscas foram erradamente fundidas com o princípio, pois geralmente não duram senão algum tempo mais do que a vida terrestre.

Além disso, os elementos de União muitas vezes se confundem, de maneira que a união do físico e do astral e a do astral com o físico, por exemplo, constituem um só elemento, em vez de dois. É assim que o ser humano aparece sob o aspecto de *sete elementos*, como ensinam certas seitas budistas, e de *cinco elementos*, como afirmam várias escolas bramânicas.

O pequeno quadro a seguir permitirá reconstituir essas divisões:

Porém, nenhum ocultista sério deixará passar, sem protestar, a afirmação infundada de que o sistema setenário é a única chave da constituição do homem, pois isso contradiz totalmente a anatomia, a fisiologia e a mais elementar observação.

Um setenário é, em geral, o ponto de desdobramento de um sistema do qual o ternário é a base; e tudo se torna obscuro, difuso e incompreensível, quando não se parte do estudo primordial do ternário criador.

Este é o caminho seguido por Jacob Boehme, o mestre dos teósofos cristãos; este é o caminho de todos aqueles que preferem a ordem e a lógica aos ensinamentos sem método e impossíveis de serem claramente expostos.

Cabeça Nervos	ESPÍRITO	Ser Psíquico Vida Intelectual
Peito Sangue	SENTIMENTO	Vida Orgânica
Ventre Linha	INSTINTO	Vida Celular

Mesoderme	Endoderme Ovo Fecundado Ectoderme
-----------	---

CABEÇA ectoderme	Nervos	Cérebro	Fluido nervoso
PEITO mesoderme	Vasos	Coração	Sangue
VENTRE endoderme	Intestinos	Estômago	Linfa

Aparelhos de Geração

	Princípio criador DEUS	
Cabeça	ESPÍRITO	Ser psíquico
Peito	SENTIMENTO	Vida orgânica
Ventre	INSTINTO	Vida celular
	GERAÇÃO Reflexo do Princípio criador na Matéria	

Eis que caímos nós mesmos na obscuridade. Pois muitos leitores acharão muito árida essa última parte de nosso estudo. Somente mais tarde perceberão toda a sua importância.

Para tentar explicar como todos esses termos passam do três ao nove, depois do nove ao sete, vamos tomar um exemplo muito simples, aquele da carroçeria, do cavalo e do cocheiro, através dessa imagem se darão conta da maneira como se podem estudar os elementos constituintes do homem durante a vida. Em um outro trabalho, aprenderemos o que tudo isso será após a morte.

Uma carruagem se compõe de três princípios constitutivos: uma carroçeria, um cavalo, um cocheiro. A carroçeria passiva e movida é a imagem do corpo físico: o cavalo, passivo e motor, é a imagem do corpo astral; e o cocheiro, ativo e diretor, é a imagem do espírito.

A ATRELAGEM (Imagem analógica da constituição humana)

Grandes números: 1. O cocheiro (diretor), imagem do espírito.

2. O cavalo (motor), imagem do astral.

3. A carroçeria (movida), imagem do corpo.

(Os números pequenos indicam as subdivisões) (127)

O cocheiro, por sua vez, se compõe de três partes: a cabeça, os braços e o corpo. O cavalo também: a cabeça, o corpo e as patas. E igualmente a carroçeria: a boléia, o corpo e as rodas.

Eis nossos nove princípios, que existem quando a carroçeria está na cocheira, o cavalo na estrebaria e o cocheiro no seu aposento.

Imagem analógica da constituição do homem. (128)

Saída do Astral. (128)

O Magnetismo. (129)

O MAGNETISMO *Um estranho conduz o cavalo (129)*

Mas reunamos esses três elementos e vejamos o que acontece: os *braços do cocheiro* vão fazer corpo com a *cabeça do cavalo* para constituir, pelas rédeas, o sistema diretor da carruagem.

Por outro lado, o *corpo do cavalo* vai unir-se ao *corpo da carroceria*, através dos varais, para constituir o sistema motor da carruagem.

Eis nove elementos reduzidos a sete, como segue:

<i>Carruagem não constituída</i>			<i>Carruagem constituída</i>		
Cocheiro	Cabeça do cocheiro	9	Cabeça do cocheiro	7	
	Braço do cocheiro	8			
	Corpo do cocheiro	7	Corpo do cocheiro	6	
Cavalo			Rédeas. - Sistema de direção. União dos braços do cocheiro e da cabeça do cavalo	5	
	Cabeça do cavalo	6			
	Corpo do cavalo	5			
Viatura	Patas do cavalo	4	Patas do cavalo	4	
			Varais. - Sistema Motor	3	
	Boléia da carroçeria	2	Boléia da carroçeria	2	
	Corpo da carroçeria	2			
	Rodas da carroçeria	1	Rodas da carroçeria	1	

Já dissemos que a maioria das discussões provinham do fato de diversos filósofos, ou diversas escolas, darem *nomes diferentes* a um *mesmo princípio*.

Sendo esse pequeno resumo da constituição humana destinado, sobretudo, aos debutantes nos estudos do Oculto, acreditamos prestar-lhes um serviço ao sintetizar em um quadro os diferentes nomes dados a cada **princípio** por diversos autores e em diversas épocas, bem como em Tradições diferentes.

OS TRES PRINCIPIOS DO HOMEM

Quadro de concordância dos nomes nas diversas escolas e tradições

	Princípio Material E Inferior	Princípio Intermediário	Princípio Superior
Ocultismo Contemporâneo ... id.	Corpo Corpo físico	Alma Corpo astral	Espírito Espírito
Filósofos hermetistas	Corpo	Mediador plástico	Espírito
Alguns Rosa-Cruzes e Certos ocultistas	Corpo	Vida ou Espírito	Alma imortal
Escolas espíritas (Allan Kardec)	Corpo	Perispírito	Espírito
Antigos Egípcios	Khat	Ka e Khou	Bai
Cabala	Nephesch (ou Gaph)	Rouach ou Imago	Neschaniah
Pitagorismo	A Carne	Sombra e Manes	Espírito
Paracelso	Corpo elementar	Arcada: Homem astral Evestrum	Alma imortal
Hindus	Rupa	Kama Rupa (ou Linga Sharira)	Arma
Chineses	Xuong	Khi	Wun
São Paulo	Corpus	Anima	Spirits

Esse quadro é bastante incompleto; seu único objetivo é mostrar ao estudante como é necessário, antes de tudo, investigar onde se coloca o **p** rincípio de que fala um autor. Enfim, é preciso também que o estudante se habitue a reduzir ao ternário, isto é, a três termos, as enumerações em 5, 7 ou 9 princípios com as quais poderá defrontar-se.

Enfim, jamais esquecer que o princípio intermediário, sendo duplo em sua ação, muitas vezes tem dois nomes.

Para facilitar a redução ao Ternário dos Sete Termos, vamos tomar emprestada de Barlet uma chave da classificação em sete Princípios, que será muito útil para quem deseja voltar à Divisão natural, sintetizando os detalhes de análise. (Os detalhes de análise podem ser encontrados no *Tratado Elementar de Ciência Oculta*, 5ª edição.)

Chave da Classificação em 7 Princípios (Segundo Barlet)(131)

Conclusão

A maior parte das discussões que se levantam entre os homens que pensam nos grandes problemas que agitam a humanidade provêm de uma confusão de termos ou de uma falha de observação.

Nesta rápida exposição da constituição do ser humano, fugimos do último detalhe tanto quanto das afirmações dogmáticas.

À mais elementar anatomia, aos primeiros rudimentos da fisiologia, à observação corrente, por fim, é que nos dirigimos para procurar a solução de nosso problema.

Interrogadas, todas as ciências nos respondem que o *Homem é uma Trindade sintetizada em uma admirável Unidade*.

O homem, como o têm afirmado os velhos sábios do antigo Egito, como o têm sustentado sobretudo os cabalistas e os filósofos hermetistas, como o declara São Paulo, é pois triplo e um, feito à imagem do Verbo criador, do Cristo divino cuja lei é proclamada pela forma humana.

Deixemos, pois, que os filósofos clássicos e os teólogos se perguntem se um termo intermediário entre o princípio da matéria, que é o corpo, e o princípio divino, que é o espírito imortal, é necessário à beleza ou ao equilíbrio do raciocínio. A natureza responde brutalmente a essa, questão com o fato, ao estabelecer *órgãos especiais* para a ação desse princípio intermediário que chamamos o *corpo astral*, mas que tem recebido uma grande quantidade de outros nomes.

Corpo físico, Alma, Espírito, esta é a trindade da constituição do ser humano que nos esforçamos para esclarecer da melhor forma possível.

Maiores detalhes serão encontrados nas obras especiais sobre esse assunto, citadas no final desta exposição. Do mesmo modo, nos reservamos a possibilidade de publicar, em breve, outros estudos sobre o mundo invisível e sobre as faculdades do corpo astral, ainda pouco estudadas aqui.

O Homem é verdadeiramente o Pequeno mundo, o *Microcosmo*, reproduzindo em si todas as leis do Universo; assim, Claude de Saint-Martin tem razão ao dizer que se deve sempre explicar a Natureza pelo Homem e não o Homem pela Natureza.

A Terra em que estamos tem doze movimentos, dos quais três são os mais importantes:

1) A rotação em torno de si mesma, em um dia (24 horas), que pode ser considerada como um movimento *pessoal*, acompanhado pelo satélite lunar.

2) A translação em volta do Sol, em um ano (365 dias e uma fração). Aí está o movimento pessoal de todo o sistema planetário, em que a Terra desempenha apenas o papel de engrenagem. Com o perdão da expressão, é o movimento planetário social.

Constituição psicológica do homem (segundo Fabre d'Olivet). (133)

3) Enfim, a queda com o Sol e toda sua comitiva em direção à constelação de Hércules. Esse é um movimento em que nossa pobre Terra desaparece quase completamente como fator e em que o Sol faz, por sua vez, o papel de simples engrenagem.

Todas essas leis do Grande Mundo, Macrocosmo ou Universo nos são reveladas pelo estudo do Microcosmo ou Ser Humano.

Com efeito, encontramos no Homem:

1) Um movimento pessoal, no qual o indivíduo vive segundo a sua vontade e exerce a sua liberdade: é a imagem da rotação da Terra em torno de si mesma.

As duas existências do ser humano
I - Existência pessoal e familiar
(Movimento da Terra sobre ela mesma). (134)

Esse movimento é o resultado de uma oposição da vontade humana o andamento geral das coisas, ao redor, e exige uma grande tensão voluntária, apoiada em numerosas provas.

2) Um movimento geral, em que o homem desaparece como fator individual: torna-se simplesmente um fator social, cujo trabalho é mais ou menos útil à coletividade, conforme o homem seja uma engrenagem ou uma mola: é a imagem do movimento anual da Terra, caracterizado no homem por uma existência em uma encarnação material.

3) Finalmente, existe um movimento de toda a Humanidade em todos os planos da encarnação, em que cada ser humano nada mais é do que um fator da marcha da evolução do Universo. E a imagem da marcha do sistema solar em direção à constelação de Hércules, caracterizada no ser humano pelos ciclos de várias existências com reencarnação.

Ora, dessas três existências, muito poucos seres humanos realizam a primeira: não se preocupam com sua evolução pessoal; submetem-se passivamente a todos os impulsos exteriores; são máquinas revestidas de formas humanas, não são seres livres; pode-se chamá-los "mortos em grande número no meio de alguns vivos".

As duas existências do ser humano
II - Existência social
(Movimento da Terra ao redor do Sol). (135)

A vida, para esses seres, é totalmente concentrada nas formas exteriores: belas roupas, a consideração dos vizinhos, condecorações para os homens e jóias para as mulheres, enfim, nada de interior, nada realmente vivo; é um cemitério visto por quem sabe ver, não é mais uma verdadeira sociedade humana em comunicação com o Invisível.

Com efeito, a única vida real é a interior: ocorre longe do mundo; melhor dizendo, o mundo é apenas um *suporte externo* dessa comunhão, viva e constante, entre a nossa existência e o Invisível.

Como nos faz entrever o Grande Mestre da Mística moderna, "O Cemitério de Amboise" está onde a morte do espírito estende seu domínio.

* * *

Estudemos detalhadamente os diversos planos da existência humana. O homem tem três existências, que caminham juntas:

1) Uma existência individual e pessoal, destinada a conservar e propagar o corpo físico, com o mundo físico e terrestre como campo e três corpos como meio de ação: um corpo físico, um corpo astral e um corpo espiritual.

2) A vida social, com a vida universal ou, melhor, a vida astral como elemento, tendo como alvo a conservação dos princípios vitais ou astrais e sua multiplicação e sua espiritualização, e depois, como domínio, todo o plano astral.

3) A vida espiritual, correspondendo à marcha do sistema solar em direção à constelação de Hércules. É o plano do espírito, que compreende várias seções: primeiro, as relações do espírito com o corpo físico; a seguir, as relações do espírito com o plano astral; finalmente, a santificação do espírito pelas provas e a ascensão à teofania, com todo o universo como domínio.

Pode-se dizer, portanto, que o homem tem três corpos, três especificações astrais ou vitais e três adaptações espirituais. Esses nove elementos se reduzem a sete, como se pode ver em nosso estudo anterior sobre a Constituição do Homem. Abordaremos apenas alguns detalhes sobre os diversos domínios do ser humano.

O domínio do corpo físico compreende os meios de conservar esse corpo e a defesa contra as doenças físicas.

A constituição do corpo físico, segundo a predominância de um dos folhetos embrionários e a determinação dos temperamentos, forma o primeiro elemento de estudo desse domínio. A conservação do corpo físico, com os diversos regimes segundo as regiões e a diferente constituição de cada atmosfera e cada continente, forma a segunda seção de estudos, que era chamada por Hipócrates de "ares, águas e lugares".

A multiplicação do corpo físico pela geração, a constituição da família, as questões do amor físico, do amor filial e do amor paternal formam a seção de estudos dessa divisão. Seria necessário escrever um volume para cada uma dessas seções.

Também seria útil falar aqui de um mistério: o domínio do corpo físico compreende ainda minerais, vegetais e animais ligados a esse domínio e evoluindo com ele. Nesse caso, o corpo físico do homem é um verdadeiro sol, com satélites nos três planos, minerais, vegetais e animais do corpo físico.

Os antigos totens, dos Vermelhos e dos lemurianos, eram uma simbolização desses diversos domínios para cada tribo.

* * *

Passando-se para o plano astral, desaparece a individualidade humana com a vida social. O homem não é, na natureza, mais do que uma máquina produtora dos sentimentos e das forças astrais de que a natureza necessita. O plano humano, no caso, é simplesmente um centro de evolução necessário para criar prudência, caridade, atividade, inteligência e unir multidão de forças necessárias aos gênios que dirigem a humanidade. Todo ser humano que não desempenha mais o seu papel na engrenagem social torna-se inútil e passa para outro lado. Essa é a vantagem imediata da aposentadoria para o funcionário e da ociosidade não produtiva para a aristocracia. Um homem rico que dedica seu tempo a ornamentar sua sala de visitas com objetos caros, a vestir os seres femininos com vestidos valiosos e encaixá-los como jóias bonitas em móveis preciosos e casas construídas para esse fim, esse homem rico tem uma grande utilidade social: faz viver uma multidão de satélites dedicados ao exercício de ofícios de luxo, desde o corretor da bolsa que faz com que ele

jogue, até a simples empregada da casa, que borda as delicadas roupas de sua esposa. Portanto, seria errado acreditar que a alta sociedade não serve para nada.

Essa seção deveria abordar a constituição social e a organização das sociedades, com a sinarquia (ver Saint-Yves d'Alveydre) como o ideal a ser atingido.

Em seguida, seria preciso tratar das relações da vida social humana com o plano astral físico. A astronomia, a astrologia, a astrosófia são divisões dessa seção; a astrofania estabeleceu a ligação dessa seção com a seguinte, totalmente espiritual.

Enfim, a dedicação do individual ao coletivo, a prática da assistência e da caridade, o estudo das provas como meio de evolução e os primeiros elementos de mística prática levando às reuniões das sociedades astrais constituem o campo reservado do estudo dessa seção.

* * *

A certeza de que no invisível existem seres superiores ao homem e de que ele não está só, é um primeiro ponto de acesso à vida espiritual.

Se o Homem está sozinho no Universo, tendo somente como guias alguns de seus semelhantes mais evoluídos, a vida espiritual torna-se bruscamente mental; a oração não tem mais razão de ser, pois é inútil orar para si mesmo, e o alvo da vida toma-se pálido em sua evolução tão egoísta; aí está o perigo do mentalismo e de todas as teosofias. É um plano de luz refletida ou lunar, em que as paisagens espirituais são formosas; porém frias.

A antiga religião egípcia, retomada e vivificada pelo Cristo, traz, ao contrário, a verdade nesse campo: a certeza, pela autópsia e a teofania, de que existem no plano divino seres superiores ao homem, agindo em um outro plano que não o próprio. Em consequência, a oração, a devoção à hierarquia divina e o abandono de tudo quanto for físico para

A atmosfera astral - A atmosfera espiritual (138)

sacrificá-lo conscientemente à evolução do espírito constituem os estudos importantes dessa seção que trata do elo que liga o espírito encarnado a seu centro divino (*religare*) e que permite, entre cada existência física, rever e reler todos os esforços feitos em uma existência anterior (*religere*). Esses dois aspectos da ligação entre o plano divino e o plano humano, e de chamamento pelas provas e a oração da evolução anterior, formam os dois pilares de qualquer religião.

Uma religião sempre chega à visão direta no plano divino (teofania) e possui, portanto, raízes vivas no invisível.

Em contrapartida, toda filosofia limita-se a fazer girar a caixa cerebral do esquilo humano, funcionando no plano mental. A filosofia, com seu séquito de filologia e teosofia, não tem nenhuma raiz no invisível, e os sistemas dos filósofos, por mais engenhosos que sejam, desaparecem com seu autor, quando não se ligam a um plano de religião.

Com isso, entende-se o campo a que está sujeito o estudo da vida espiritual, e só podemos, aqui, mencionar rapidamente os elementos mais gerais desse estudo.

* * *

Como conclusão, vê-se que a análise do campo dos corpos físicos, dos planos astrais e dos elementos espirituais do ser humano permitiria desenvolver temas cuja existência constitui a razão de ser da presença do homem não só no plano físico da encarnação, mas ainda em todos os campos do invisível, onde as diversas faculdades da natureza humana podem entrar em relação com a natureza universal, por um lado, e com a natureza divina, por outro.

AS FACULDADES OCULTAS DO HOMEM

O ser humano é, em suma, uma máquina produtora de força nervosa. Com efeito, o interessante, em uma fábrica, é ver o que entra como matéria-prima e o que sai como matéria transformada.

No ser humano, entram alimentos sólidos e líquidos, ar atmosférico e também sensações. Tudo isso se transforma, origina subprodutos (excrementos, urina, ar expirado) e produz a força nervosa que coloca toda a máquina em movimento, desde a mais simples artéria ou veia, até os próprios membros do ser humano.

Ora, a partir de múltiplas experiências, detalhadas pelos especialistas, constatou-se que essa força nervosa, que preside aos movimentos no ser humano e à vida consciente, pode irradiar-se fora do ser humano, produzindo fenômenos conhecidos como magnetismo, fenômenos psíquicos ou espiritismo.

Algumas palavras sobre as faculdades ocultas do homem parecem-nos indispensáveis aqui.

* * *

Primeiro, é preciso lembrar que há, no ser humano, vários seres, vários aposentos, vários deuses ou vários anjos, segundo as escolas e as tradições. Repetimos que jamais se deve ter medo das palavras, pois elas são espantalhos apenas para os ignorantes.

Em todo ser humano, há dois seres principais, com diversas subordens.

1) Um ser consciente, encarnação e manifestação do espírito imortal, que age na pessoa acordada e comanda diretamente os seguintes órgãos:

a) o cérebro e o sistema cérebro-espinhal;

b) todos os músculos de fibras estriadas, isto é, os que dependem da vontade; músculos dos braços e das pernas, alguns músculos do tórax, músculos da bexiga e do intestino, assim como os diversos sistemas ligados ao aparelho reprodutor.

2) Dentro desse homem acordado, contudo, existe um outro ser, escondido durante a vigília, que retoma toda sua autoridade durante o sono.

Imagem analógica da ação do espírito sobre o corpo.

Espírito: telegrafista,- Astral.- eletricidade,- Corpo Físico: telégrafo. A ruptura do cabo telegráfico causa uma doença física (paralisia) (140)

Esse segundo ser é o homem dos astros, que está em constante relação com a força universal e através do qual o ser humano se comunica diretamente com todas as potências secretas da natureza. Esse ser, é claro, recebeu inúmeros nomes; Paracelso o chamava "a faxineira do organismo", ou corpo astral. Esse é o nome conservado pelos ocultistas. Os espíritas chamam-no "o perispírl o". Qualquer que seja seu nome, o certo é que esse ser existe.

Para os fisiologistas, ele está localizado no sistema nervoso do grandesimpático ou da vida orgânica. Esse sistema nervoso comanda todos os órgãos que escapam à ação direta da vontade. Preside às funções de todos os órgãos esplâncnicos: coração e pulmões, estômago, fígado, baço, intestinos; à circulação de todo o organismo, agindo sobre as artérias e veias, através dos nervos vasomotores; comanda todas as glândulas do organismo, que ele defende, por um lado, por meio das secreções glandulares e, por outro, colocando em movimento os fagócitos. Age diretamente sobre os músculos de fibras lisas. A figura anexa mostra esquematicamente esses dois seres que estão em nós. Na figura da esquerda, vê-se o homem acordado: o ser consciente está em branco e o ser astral em preto. Na figura da direita, ao contrário, o ser consciente está em preto e o astral em branco. Observe que a inteligência do ser astral está localizada no plexo cardíaco. Isso tem uma grande importância para o estudo dos fenômenos magnéticos e espíritas.

* * *

Também há, em cada ser humano consciente, um homem direito e um homem esquerdo, cada um com seu cérebro determinado, sendo o hemisfério direito para o homem esquerdo e o hemisfério esquerdo para o homem direito. Stanislas de Guaita descreveu maravilhosamente a dupla polaridade desses dois seres, no homem e na mulher.

A hemiplegia, ou paralisia da metade do corpo, encarrega-se de mostrar que é possível a separação desses dois seres sem causar a morte. Cada uma dessas metades do ser humano corresponde aos hemisférios de cada planeta, iluminados alternadamente pelo Sol e pela Lua, e aos dois sóis de cada sistema solar: o sol branco, ou "aceso", que é o centro da elipse, e o sol negro, ou "astralizado", que é o outro centro. Sem dúvida, em outra ocasião voltaremos a esse ponto, que ilustramos com algumas figuras.

* * *

Para produzir, fora do ser humano, a manifestação das faculdades ocultas, entende-se que basta estabelecer um equilíbrio, frequentemente instável, no qual o ser astral dominará os fenômenos, enquanto o ser consciente servirá apenas de controle. E isso ocorre no êxtase religioso ou em outro, durante o qual o homem astral entra diretamente em relação com seu lugar de origem e oferece à sensibilidade do ser consciente imagens relativas a esse novo plano de existência.

Essa era a finalidade de todas as cerimônias iniciáticas da Antiguidade, e, após um treinamento progressivo, o iniciado era capaz, por seus próprios meios, de transportar-se diretamente ao plano astral, depois ao plano divino, e de trazer de volta os mais elevados ensinamentos positivos.

A certeza da imortalidade após a morte física tornava-se então um fato tão positivo, que a morte era considerada apenas como uma libertação, e não como um sofrimento. Essa ação direta do ser encarnado no plano invisível requer a assistência de muitos seres desse plano. Por isso, nos primeiros treinamentos realizados nos templos egípcios, o aspirante ficava completamente adormecido; ao despertar, o ser consciente se lembra dos fenômenos experimentados da mesma forma que uma pessoa, ao acordar, se lembra dos sonhos lúcidos que porventura tenha tido.

Com efeito, o sonho pode ter três origens: primeiro, uma origem apenas orgânica, ou seja, os sonhos são produzidos pelo movimento do sangue no cérebro ou pelos efeitos da digestão ou da vida puramente orgânica; segundo, sonhos diretamente astrais, em que se tem a impressão de estar voando pelos ares, flutuando na luz, e que não indicam senão a renovação das forças astrais dentro de nós; enfim, sonhos verdadeiros, em que os seres invisíveis colocam o ser consciente em comunicação com os planos superiores da existência. Este é o único meio através do qual esses seres invisíveis conseguem fazer o ser humano encarnado comunicar-se com os mundos superiores, e qualquer ser humano, desde o último dos carroceiros até o maior dos sábios, pode participar dessa misteriosa comunicação, embora os seres sejam classificados no outro mundo de uma maneira bem diferente do que na Terra. Com efeito, um homem pode *ter* muito aqui embaixo e *não ser* nada no além; outro pode *ser* muito no invisível e *não ter* nada neste mundo. Por isso, os sonhos da luz são enviados àqueles que são alguma coisa, ao passo que não existem para aqueles que têm muito e não são nada.

* * *

Ao lado dessas manifestações, as mais elevadas dos planos superiores, existem muitas faculdades cuja análise será mais fácil. Assim, a força astral se irradia sob a influência da oração ou do treinamento voluntário, fora do ser humano acordado.

Portanto, pode-se produzir curas, com muita facilidade, nos casos em que a transfusão de força nervosa basta para repor em seu estado o ser humano física ou psiquicamente desequilibrado; essa é a chave das curas obtidas pelos magnetizadores, curandeiros, teurgos e todos aqueles que entenderam que a teofania é sempre uma ciência viva, enquanto a teosofia é uma ciência meramente mental e morta quanto a seus resultados práticos.

* * *

Além desses casos, em que o ser humano preserva sua consciência na produção dos fenômenos psíquicos, há muitos outros em que se age servindo-se de seres adormecidos, sujeitos ou médiuns. Na quarta parte, trataremos desses casos.

Figura na página 142.

DOCTRINA

COSMOGONIA

O UNIVERSO E A ASTROLOGIA

As primeiras revelações feitas aos homens pelo Invisível tratam das relações entre este mundo material e os outros mundos. A Terra está integrada ao resto do mundo celeste físico. Quer se considere esta Terra como o centro do mundo, ou, ao contrário, somente como um planeta que gira ao redor do Sol, as leis gerais permanecem mais ou menos as mesmas para um observador terrestre.

Os egípcios avançaram muito no estudo dos movimentos dos corpos celestes, e as observações da ascensão de Sírio, os cálculos do deslocamento dos pólos levaram os sábios do Egito à elaboração de esferas celestes e calendários, que apenas foram aperfeiçoados desde essa longínqua época.

A astrosfia, a astronomia, a astrologia e a astrofania constituem a base dos mais importantes estudos científicos de toda a tradição antiga. Os caldeus, aos quais a ciência profana atribui a invenção (?) da astronomia, eram apenas um corpo de sábios astrônomos vindos da Índia, como demonstra Saint-Yves em seu *Arqueômetro*. A história dos pastores que criaram a astronomia entre duas tosquias é um conto destinado a satisfazer os ideais evolucionistas dos primatas ou professores de escolas primárias.

Seja como for, o estudo da ciência dos astros, tal como a concebiam os antigos, é fundamental para o estudante que deseja entender alguma coisa da Ciência Oculta. Esse estudo requer a leitura de muitos livros. Em *nosso Premiers éléments d'astrosophie*, encontram-se alguns desenvolvimentos a esse respeito, assim como em nosso estudo sobre o Zodíaco, publicado na revista *Mysteria*.

Faremos uma breve introdução à leitura dos tratados técnicos da astrologia.

* * *

Supomos que o leitor jamais abriu um livro de astrologia. Até é possível que, como muitos contemporâneos e, infelizmente, alguns astrólogos, não tenha qualquer noção de astronomia. Lembramos, portanto, que o mundo animado se compõe, sob o ponto de vista dos sentidos físicos, de astros que circulam em um espaço chamado "céu".

Esses astros, que em geral são esféricos, circulam uns ao redor dos outros; os menores ao redor dos maiores. Um sistema astral é formado, segundo a ciência atual, de um astro central, que parece luminoso e se chama "sol", ao redor do qual circulam astros errantes, chamados "planetas", e que recebem o movimento, o calor e a luz do sol central.

Ao redor de cada planeta circulam astros menores, chamados "satélites"; cada planeta tem um ou mais satélites.

Assim, em nosso sistema, a Terra é um planeta que tem como satélite a Lua.

Entende-se que para os observadores superficiais, a Terra, o Sol e a Lua tenham constituído os mais importantes centros de observação.

Os antigos dividiram o espaço que se estende entre o nosso sol e o sol mais próximo em sete círculos ou planos astrais, a cada um dos quais atribuíram o nome de um dos planetas que circulam nesses planos.

Lembramos que todas as estrelas que vemos no céu, chamadas de "estrelas fixas" porque o seu movimento não é senão o movimento geral da esfera celeste em torno do pólo, são outros tantos sóis, cada um tendo seus planetas; porém, seu afastamento é tal que não se percebe mais do que o sol de cada sistema. Assim, é insuficiente tratar de nosso próprio sistema solar.

Os antigos, pois, dividiram esse sistema em sete círculos, que outrora tinham a Terra como centro, e que foram chamados como se segue, começando pelos mais afastados em relação ao centro:

- 1) o círculo de Saturno;
- 2) Jupiter;
- 3) Marte;
- 4) o Sol;
- 5) Vênus;
- 6) Mercúrio;
- 7) a Lua.

Aconselhamos a todos os estudantes que decorem essa ordem da divisão dos círculos planetários, pois constituem a base de todos os estudos da astrologia antiga.

É preciso notar que cada um desses círculos pode abranger vários planetas. Os novos planetas descobertos pelos astrônomos, Netuno e Urano, fazem parte do círculo ou plano de Saturno. Assim como os múltiplos asteróides, provavelmente oriundos da explosão de um planeta e que circulam entre Marte e Júpiter, fazem parte de um desses dois planos.

Lembramos que, para a ciência atual, a ordem dos planetas é a seguinte, tendo o Sol como centro: primeiro, os mais afastados (Netuno e Urano); depois, aproximando-se do Sol, Saturno, Júpiter, Marte, a Terra e a Lua, Vênus, Mercúrio e o Sol. Segundo a tradição bramânica, Vênus e Mercúrio seriam luas do Sol. Cabe à ciência atual desmentir ou confirmar esta afirmação.

Uma vez que a astrologia antiga era baseada no sistema egípcio exotérico, tendo a Terra como centro, o estudante de astrologia deve esquecer por um momento o atual ensinamento sobre a ordem dos planetas e fixar-se apenas no ensinamento antigo, isto é, Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e a Lua.

Cada um desses planetas é designado nos tratados de astrologia por um hieróglifo derivado da antiga língua dos mistérios ou Watan, que Saint-Yves d'Alveydre descreveu no seu Arqueômetro. É muito importante exercitar-se a desenhar corretamente, e, conseqüentemente, a ler mais corretamente ainda esses sete sinais hieroglíficos dos planetas, que aliás foram integralmente conservados pelos astrônomos modernos.

Relação página 147.

Jean Déé, um famoso alquimista do final da Idade Média, estabeleceu que cada um desses sinais hieroglíficos era ornado por três elementos constitutivos:

- 1) a cruz, indício do encontro das linhas equinociais e das linhas da eclíptica, relativa aos quatro elementos da ciência antiga que representam a Terra;
- 2) o Sol, indicado hieroglificamente por um círculo;
- 3) a Lua, indicada hieroglificamente por um crescente.

Assim, o hieróglifo de Saturno indica a cruz dominando o crescente lunar. Júpiter, pelo contrário, é indicado pelo crescente lunar dominando a cruz; Marte é indicado pelo disco solar dominado pela cruz transformada em flecha; o Sol tem como signo o círculo, com o ponto no centro; o Sol dominando a cruz indica Vênus; Mercúrio tem como hieróglifo a Lua dominando o Sol, que, por sua vez, domina a cruz; enfim, a Lua tem como indicador o conhecidíssimo crescente.

As formas hieroglíficas dos planetas (teoria do alquimista Jean Déé) (148)

Repetimos que, se não conhecemos completamente os sete signos hieroglíficos, ficará impossível entender a ciência antiga.

* * *

O céu visível é uma constelação de inúmeras estrelas fixas. Estrelas que formam grupos aos quais a imaginação deu formas de animais ou objetos terrestres. Assim, o céu foi povoado de numerosas figuras que constituíram as chamadas "constelações celestes".

Figuras simbólicas (149 e 150).

Essas constelações aparecem ou desaparecem, para a Terra, em horas diferentes, segundo a região e a estação do ano; existe, porém, uma regularidade nesse aparecer e desaparecer, e se pôde estabelecer uma medida do tempo das mais justas, de acordo com essas observações. Quase todas as histórias ditas "mitológicas" que constituem a astrosfia derivam das relações das constelações entre si ou das relações da marcha do Sol com essas mesmas constelações. Chama-se paranaleptom a uma constelação que desaparece quando outra aparece, ou que aparece quando outra desaparece, sendo o espaço celeste considerado um oceano. Daí a idéia *das grandes cheias* e da virgem que caminha sobre as águas. *Shamaim*, que quer dizer "grandes cheias", é o nome do céu em hebreu; *Maha Maya*, pronúncia oriental de Maria, é o nome da grande Virgem do céu em veda e, mais tarde, em sânscrito.

Nesse imenso oceano aéreo do céu, observou-se que os astros errantes de nosso sistema solar seguem sempre a mesma rota, isto é, sempre passam pelas mesmas constelações.

A essa rota deu-se o nome de "Caminho dos Deuses" ou Tzada Deva, de onde surgiu o nome "zodíaco" ou, com a deformação grega, "rota dos animais celestes", visto que cada constelação tomou o nome de um animal.

Doze são as constelações por que passam, com maior ou menor rapidez, todos os astros de nosso sistema, começando pelo mais importante: o Sol.

O Sol demora um mês percorrendo cada uma das constelações do Zodíaco, e aí está a primeira grande divisão do tempo introduzida em todos os estudos astronômicos.

Assim, é tão importante conhecer esses doze signos do Zodíaco, e seus hieróglifos, quanto conhecer os sete hieróglifos dos planetas. O ano astrológico começa com a entrada do Sol no signo de Áries (2000 anos a.C.), isto é, a entrada do Sol no equinócio da primavera. A nomenclatura dos signos do Zodíaco começa, portanto, em 21 de março, e é preciso conhecê-la de cor, assim como seus hieróglifos. Eis os signos e seus hieróglifos.

Os Signos do Zodíaco (151)

Uma vez bem conhecidos esses doze signos, deve-se colocá-los no céu.

Para isso, desenha-se sobre um papel um círculo representando o céu; divide-se esse círculo em doze seções, assim como um mostrador de relógio é dividido em doze horas.

Gráfico na página 151.

A primavera e o Oriente estão à direita da figura, olhando como se o relógio marcasse três horas. O Norte está no alto da figura (como o meio-dia no relógio, ou a meia-noite), o Ocidente, ou o oceano, está à esquerda da figura, como as nove horas do relógio, e, para terminar, o Meio-Dia, ou o Sul, está na parte de baixo da figura (como as seis horas do relógio).

O céu forma, pois, um imenso mostrador de relógio, no qual cada hora dura um mês, sendo o Sol o ponteiro de cada uma dessas horas mensais, ou o ponteiro pequeno, e a Lua o ponteiro grande, pois enquanto ela leva um mês para dar a volta no mostrador do relógio celeste, o Sol leva um ano, ou doze meses, para fazer o mesmo. Existe uma ligeira diferença entre o tempo que a Lua leva para dar a volta no mostrador e o tempo levado pelo Sol, mas isso é um assunto para os autores dos calendários.

Uma vez que os signos estejam inscritos em um círculo de 360 graus, cada subdivisão, portanto, tendo 30 graus, veremos como os antigos astrólogos colocaram os sete planetas nesses doze signos.

Zodíaco Astronômico E Zodíaco Astrológico

Como vimos no capítulo anterior, o Zodíaco é o caminho dos astros. É um grande círculo que não é paralelo ao Equador celeste, o círculo horizontal que divide a esfera celeste em duas partes: uma superior, ou boreal, e uma inferior, ou meridional, austral.

O Zodíaco corta o Equador em duas partes, de modo que uma metade do caminho dos astros está situada na metade da esfera que fica ao norte ou hemisfério boreal, e a outra metade desse caminho dos astros está situada no hemisfério austral.

O caminho que os astros errantes seguem é marcado por grupos de estrelas fixas chamados Constelações zodiacais. Esses grupos de estrelas **ixas** são em número de doze e, como issemos anteriormente, cada um deles recebeu o nome de um animal ou objeto, segundo a forma imaginária das estrelas que os compõem.

Ao leitor interessado em estudar proveitosamente esses dados indispensáveis da astronomia, sugerimos procurar uma esfera celeste e seguir com atenção sobre essa esfera tudo quanto se relaciona com o Zodíaco.

Uma observação fundamental, para a qual chamamos a atenção do leitor, é que na Natureza, assim como mostra a esfera celeste, o Norte está colocado no alto da esfera e o Sul na parte de baixo, como nas cartas geográficas.

Assim, quando se representa o Zodíaco como está no céu, Áries estará no Oriente, isto é, à direita da figura (Leste), e Libra no Ocidente, isto é, à esquerda da figura (Oeste ou Ocaso).

Câncer estará no Norte e Capricórnio ao Sul. Como os astros andam no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio, vão da direita para a esquerda, de Leste para Norte e, partindo de Áries, percorrem sucessivamente Touro, Gêmeos, etc. até Libra, passando por Câncer.

A figura da página 157 mostra muito bem essa disposição natural do Zodíaco, que é reproduzida da mesma forma em todos os bons tratados de astronomia (veja Flammarion, *Astronomie Populaire*, pp. 416 e 417).

Chamamos essa disposição do Zodíaco de Zodíaco astronômico; compreende-se por quê.

Signo zodiacal (154).

Mas, se abriremos um tratado qualquer de astrologia, ficaremos imediatamente confusos. O Norte está embaixo em todas as figuras astrológicas. (Veja a figura na página 156.)

Os astrólogos, em suas representações do céu, colocam o Leste à esquerda, o Oeste à direita e o Sul na parte superior. Essa é a disposição do céu ao meio-dia, mas para o estudante acostumado com a astronomia normal, é uma considerável obscuridade.

É indispensável, portanto, no início de qualquer estudo zodiacal, que se faça essa distinção entre o Zodíaco astronômico, que tem Áries à direita e Câncer no alto da figura, e o Zodíaco astrológico, onde Áries está à esquerda e Câncer no alto da figura.

Uma outra consideração decorre dessa divisão entre os dois Zodíacos.

O Zodíaco dos astrônomos apresenta seis signos que ascendem realmente do Oriente em direção ao Norte, antes de irem ao Ocaso, a saber: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem.

Ora, esses signos são chamados signos ascendentes até pelos astrólogos.

No próprio Zodíaco astronômico, os seis outros signos são colocados abaixo do Equador: Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Esses são os signos descendentes dos astrólogos e, de fato, eles descem no Zodíaco astronômico.

Ao contrário, no Zodíaco dos astrólogos, os signos ascendentes são colocados abaixo do Equador e os descendentes acima, devido à colocação da esfera a 180' de rotação. Isso não perturbará um matemático, mas é um quebra-cabeça chinês para o estudante que deseja entender as relações do estado físico do céu com os ensinamentos dos astrólogos.

Antes de prosseguir, será útil rever muito bem todas as figuras acima.

Como há doze signos no Zodíaco e apenas sete planetas, eis como se estabeleceu astrologicamente o domicílio de cada planeta.

1) Considera-se, é claro, o zodíaco astrológico, esse em que Áries (o signo N° 1) está no Oriente e o Norte encontra-se na parte baixa da figura.

2) Cada planeta possui dois domicílios: um diurno, à esquerda da figura, e um noturno, à direita.

3) Finalmente, o Sol e a Lua possuem apenas um domicílio: o Sol em Leão (signo N° 5) e a Lua em Câncer (signo N° 4).

Uma vez tudo isso bem entendido, eis os domicílios ou casas de cada planeta, segundo os astrólogos.

<i>Saturno</i>	domicílio diurno.....	(signo N° 11)	<i>Aquário</i>
	domicílio noturno.....	(signo N° 10)	<i>Capricórnio</i>

O Zodíaco dos Astrólogos (156)

O Zodíaco dos Astrólogos (157)

Figura na página 158

<i>Júpiter</i>	domicílio diurno	(signo N.º. 12)	<i>Peixes</i>
	domicílio noturno	(signo N.º. 9)	<i>Sagitário</i>
<i>Marte</i>	domicílio diurno	(signo N.º. 1)	<i>Áries</i>
	domicílio noturno	(signo N.º. 8)	<i>Escorpião</i>
<i>Vênus</i>	domicílio diurno	(signo N.º. 2)	<i>Touro</i>
	domicílio noturno	(signo N.º. 7)	<i>Libra</i>
<i>Mercúrio</i>	domicílio diurno	(signo N.º. 3)	<i>Gêmeos</i>
	domicílio noturno	(signo N.º. 6)	<i>Virgem</i>
O Sol	um só domicílio	(signo N.º. 5)	<i>Leão</i>
A Lua	um só domicílio	(signo N.º. 4)	<i>Câncer</i>

Esses são os domicílios dos planetas que nossos leitores devem estudar com muita atenção.

Se os planetas fossem astros fixos, esses elementos de astrologia seriam suficientes, porém não é assim. Os planetas deslocam-se e passeiam uns pelas casas dos outros. Da mesma forma que, em qualquer sociedade bem organizada, há sempre amizades e inimizades, assim é com os seres astrais, e pode-se entender por que, em certos domicílios, os planetas visitantes têm ótimas relações com os moradores ou com outro planeta que seja domiciliado nesse signo, e por que, por outro lado, em outros domicílios, os visitantes não estejam em bons termos com a casa visitada.

Figura na página 159.

Chama-se "exaltação" a agradável situação de visita entre um planeta e outro, e de queda" uma visita desagradável casa de um inimigo.

Esses conhecimentos da queda e da exaltação de cada planeta são muito úteis ao conhecimento dos horóscopos e também para o estudo da mitologia astrológica da Antiguidade. Vamos resumi-los da melhor maneira possível, e pedimos ao leitor que, quanto ao resto, consulte o quadro latino a seguir.

Tabela na página 160.

Planetas:	<i>Saturno</i>	Exaltação: <i>Libra</i>	Queda: <i>Áries</i>
	<i>Júpiter</i>	- <i>Câncer</i>	- <i>Capricórnio</i>
	<i>Marte</i>	- <i>Capricórnio</i>	- <i>Câncer</i>
	<i>Sol</i>	- <i>Peixes</i>	- <i>Libra</i>
	<i>Vênus</i>	- <i>Áries</i>	- <i>Virgem</i>
	<i>Mercúrio</i>	- <i>Virgem</i>	- <i>Peixes</i>
	<i>Lua</i>	- <i>Touro</i>	- <i>Escorpião</i>

Esses diferentes aspectos planetários também podem ser estudados em cada signo; cada signo terá então um planeta em domicílio, um planeta em exaltação e um planeta em queda. A situação desses três planetas em cada signo foi chamada por Ptolomeu de *triplicidade planetária*. O quadro latino acima, tirado de uma antiga obra de astrologia, será de consulta útil aos que desejam aprofundar-se nessa ciência.

Repetimos que não é possível fazer estudos sérios no Ocultismo sem conhecer esses elementos de astrologia, cujo desenvolvimento pode ser encontrado em nossa brochura *Premiers éléments d' Astrosophie*, com toda a bibliografia necessária.

* * *

O estudo precedente permite inteirar-se dos diversos movimentos dos planetas no zodíaco. Não se deve esquecer que a influência da Terra como ser vivo era indicada, na astrologia antiga, por: a Terra, correspondendo ao reino mineral; a Água, correspondendo ao reino vegetal; o Ar, correspondendo ao reino animal; e finalmente o Fogo, que corresponde ao mundo das forças e das inteligências.

Cada signo do Zodíaco corresponde, portanto, a um desses quatro elementos; cada elemento está ligado a três signos do Zodíaco, formando um triângulo; há um triângulo de Terra, um triângulo de Água, um triângulo de Ar e um triângulo de Fogo. As figuras a seguir esclarecerão convenientemente essas relações, cujo conhecimento é muito importante para o estudo da alquimia,

que contém uma seção inteira de astrologia aplicada às operações alquímicas. Ao mesmo tempo, daremos a representação simbólica dos quatro elementos.

Essas são as relações do Zodíaco, primeiro com o mundo astral, depois com o mundo da natureza terrestre e desses quatro elementos. Resta-nos falar agora das relações do mundo astral zodiacal com a natureza humana.

Duas representações dos quatro elementos (162).

Figura na página 163.

*OS SIGNOS DO ZODÍACO
em suas relações com os diversos órgãos do corpo humano (164).*

Da mesma forma que, para a ciência oculta, tudo se corresponde no Universo por grandes cadeias astrológicas, o corpo humano também não escapava a esta regra, e cada órgão do corpo correspondia a signo do Zodíaco. Essa correspondência é a chave dos temperamentos e da medicina astrológica, uma parte muito importante da medicina hermética. questão é amplamente esclarecida pelos dois quadros a seguir, sobretudo para estudos muito simples como os que constituem esta obra.

Domicílio, exaltação e queda dos planetas (165).

Não podemos terminar este estudo dos planetas sem mencionar as horas astrológicas e os decanatos obtidos pelos egípcios, ao dividir cada signo zodiacal em três partes, cada parte contendo dez dias para cada mês solar. Damos a seguir:

1) a tabela dos decanatos, com todas as correspondências astrológicas, horárias e mitológicas;

2) a estrela dos sete planetas, disposta dentro de um círculo na ordem astrológica, isto é, Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e a Lua.

Traçando-se uma linha reta entre cada um desses planetas, determinasse a sucessão dos dias da semana. Com efeito, a linha que parte de Saturno (sábado) termina no Sol (domingo); do Sol, a linha arremata na Lua (segunda-feira) e assim por diante, para todos os demais dias da semana.

Os 36 decanatos (166).

Planetas e dias da semana (167).

Segundo as tabelas analógicas, todo ser ou todo objeto terrestre corresponde, por um raio de força astral, primeiro, ao plano astral (planeta e signo do Zodíaco) e, a seguir, ao plano divino (letras sagradas, anjos e forças divinas); aí está a origem dessas tabelas de correspondência, tão famosas entre os antigos autores clássicos do hermetismo e que desempenharam um papel tão considerável em toda a tradição antiga. Para se ter uma idéia de todas essas correspondências, seriam necessários estudos aprofundados. Assim, daremos um quadro bastante resumido, que permite estabelecer as correspondências dos planetas e dos signos do Zodíaco com as pedras, as plantas e os animais, e com algumas outras adaptações. Este quadro será um resumo muito simples de tudo o que acabamos de dizer sobre a astrologia.

Existe um livro de astrologia que foi gravado inicialmente sobre lâminas de ouro e que servia ao ensino dos estudantes nos tempos antigos. Esse livro, gravado sobre folhas móveis, tem vários nomes; chama-se ora a Rota Astral (ROTA), ora o Livro das Leis Morais (TORÁ), ora o Livro das Combinações Numéricas (TARO). Qualquer que seja o seu nome, esse livro é uma das chaves mais importantes do Ocultismo em suas diversas manifestações. Ele é a origem de quase todos os nossos jogos e, em particular, dos jogos de cartas, trazidos para a Europa pelos boêmios. A esse estudo dedicamos duas obras: o Tarô dos Boêmios (estudo científico) e o Tarô Divinatório (estudo exotérico).

Correspondência dos planetas e dos signos do Zodíaco com as pedras, as cores, as plantas, etc.(168)

Figura na página 169.

A marcha do Sol nos signos do Zodíaco, o encontro do Sol e dos outros planetas, a ascensão e o declínio dos signos e das constelações constituem toda uma ciência chamada Astrosofia, à qual Dupuis dedicou dez volumes (*Origine de tous les cultes*), que apenas podemos mencionar.

Terminamos este capítulo fornecendo a situação das doze casas do horóscopo, que constituem uma introdução às aplicações práticas da astrologia antiga. Neste estudo, nos esforçamos por ser o mais claros possível. Porém, aconselhamos aos pesquisadores sérios que aprofundem particularmente esta seção, cujo conhecimento, repetimos, é fundamental para o entendimento tanto da cabala como da alquimia e da magia.

A astronomia desempenhou um papel considerável nos antigos mistérios e ainda é um dos fundamentos de qualquer estudo sério da Ciência Oculta.

Ora, a maior parte dos autores clássicos do Ocultismo negligencia o estudo do movimento dos astros e das relações das constelações com esses movimentos.

Figura na página 170.

Conseqüentemente, uma das partes mais importantes do hermetismo permanece totalmente incompreensível.

É curioso constatar que as explicações mais claras e mais verídicas sobre este ponto foram dadas por um autor materialista, o filósofo Dupuis, em sua obra *Origine de tous les cultes*.

Quando se fala deste autor, diz-se: "Ah, sim... o Mito solar!..." e nem se pensa em estudar os dez volumes de tão importante obra. Não está certo. Sem compartilhar das conclusões de Dupuis, é preciso reconhecer a sua grande erudição.

É indispensável, para as pesquisas ocultas, unir as explicações astronômicas com as explicações simbólicas.

Qualquer manifestação de uma força do plano divino sobre a Terra é acompanhada de um movimento adequado no céu visível. O céu físico não é, de fato, mais do que a sombra do céu verbal.

A Antiguidade, que sabia essas coisas, desmascarava de imediato os impostores. Era impossível dizer-se uma reencarnação do plano do Salvador ou do Enviado do Verbo Divino, se as posições do céu físico e visível não anunciavam o enviado desse plano. Não se trata aqui de astrologia nem de horóscopo, mas de verdadeiros movimentos astronômicos e de relações entre os signos e suas correspondências.

Figura na página 171.

Os ocultistas sérios devem, portanto, estudar cuidadosamente os elementos de astronomia, indispensáveis para entender a Ciência egípcia e para não se deixar enganar por auto-sugestionados que ignoram as verdadeiras leis que regem as relações do visível e do universo invisível.

O estudo precedente é um exemplo da aplicação da astronomia às pesquisas ocultas. Constitui o preâmbulo de um trabalho muito mais importante.

TEOGONIA

Embora a seção de estudos referentes à Terra, ao Homem e ao Cosmos fosse, em suma, acessível a muitos estudantes, nos Templos antigos, tudo quanto se referia à força divina constituía uma seção estritamente reservada a uma elite, mesmo entre os iniciados.

Efetivamente, nos grandes mistérios, não se tratava de dissertações filosóficas, mas de determinadas experiências, e a certeza da existência de Deus, do Deus único e absoluto, decorria da visão direta dos enviados desse plano e das misteriosas práticas que constituíam a Ciência do Princípio, com suas diversas modalidades de Teofania, Teurgia, Profecia, etc., etc.

Raras são, portanto, as obras sobre este assunto, e o pouco que nos foi transmitido está triplamente velado sob um complicado simbolismo, em que as visões astronômicas, as forças espirituais ou astrais, as formas dos futuros acontecimentos se misturam para despistar os profanos e cegar os profanadores.

E preciso um cérebro do quilate de um Newton para sentir que o Apocalipse de São João contém altas e positivas revelações, enquanto estas páginas parecem ser um aglomerado de palavras incompreensíveis para os cérebros dos adeptos dos estudos primários, e até dos superiores, que acreditam poder explicar e entender tudo. Os livros herméticos respondem bem a seus títulos e são triplamente *fechados*, para os representantes dos Primatas na Alta Ciência.

Lembro o espanto de um desses meio-eruditos, perguntando-me com autoridade se eu podia descrever-lhe a alma de um relógio, quando lhe fiz observar, então, que a elasticidade do aço da

mola do dito relógio é, em sua essência, tão difícil de ser definida quanto a vida de uma planta ou a força que, lentamente, faz crescer um mineral.

Essas pesquisas sobre a força divina requerem, portanto, um treinamento mental de preparação, e do mesmo modo que não se pode explicar os mistérios da geração a crianças de seis anos, não se pode falar desses mistérios diante de cérebros que ainda precisam de muitos anos até adquirirem a necessária maturidade.

O que podemos dizer, referindo-nos às antigas revelações, é que Deus era estudado:

1) Em sua ação como Criador *PRIMORDIAL* de todos os outros planos.

Isso constituía o estudo do Princípio que origina os *SEIS* planos de forças divinas, reflexos do Único Criador.

Aí estava a Gênese, geralmente dividida em cinco livros, o estudo das Adaptações do Y chinês, I-Ching, ou do Iod hebraico ou do I de Ishwa sânscrito, etc. (veja Saint-Yves, *Archéomètre*). Moisés disse: "o Centro diferenciado e refletido em Hexágono criou a Pluralidade das Forças Divinas."

Traduzimos morfológicamente a frase de Moisés, que Saint-Yves d'Alveydre analisou, letra por letra, em sua *Théogonie des Patriarches*.

Essa seção dos altos estudos constituía a base dos "Mistérios", representados perante os iniciados.

A ruptura do ovo de Brahma pelo Touro zodiacal, os Mistérios representados sob a direção do leve do Templo, tais como os descreve Lacour em seus "Aeloim", e um grande número de outras cerimônias isíacas, dionisíacas ou báquicas têm a mesma origem.

2) Além do estudo de Deus como criador, procurava-se também perceber a força divina em sua ação sobre a Natureza e sobre o Homem *após a criação*, e como princípio *CONSERVADOR* de toda a criação cósmica.

Nessa seção eram aprofundados os Mistérios da Encarnação do Salvador.

Estudavam-se, nessa mesma seção, os clichês astrais, sua marcha, suas possíveis transformações e sua aceleração.

A questão de saber como Deus era percebido pelo cérebro humano como polimorfo e a solução do Panteísmo em suas relações com a Unidade Divina era experimentalmente resolvida.

3) Enfim, uma terceira e última seção estudava os mistérios das forças de *TRANSFORMAÇÃO* que presidiam ao Nascimento, à Morte, às Reencarnações e a todas as mudanças do mundo criado.

A Serpente era o hieróglifo dessa seção e as forças estudadas eram muitas vezes realmente terríveis.

Em Frigia, o iniciado que subjuga o Touro zodiacal, e os símbolos que cercam esse quadro referem-se a esses mistérios, onde nos encontrávamos, pelo desdobramento astral, face a face com os poderes inversivos da Natureza.

Saber por que existem seres astrais e espirituais maus, como esses seres vivem fora da força criadora, porém com a sua permissão, perceber o efeito, sobre esses seres, das Palavras sagradas e um grande número de outras coisas, constituem estudos tão perigosos que muitos perdiam aí a razão, se não a vida física... Não insistamos.

Assim, a Unidade divina não pode ser percebida pelo prisma cerebral humano, senão sob três aspectos:

1) como *CRIADOR* (Brahma);

2) como *CONSERVADOR* (Vishnu);

3) como *TRANSFORMADOR* (Shiva).

Tomamos como exemplo a teologia dos hindus e a teologia exotérica, para não apavorar os cérebros do Ocidente.

Porém, as teologias egípcias, gnóstica ou mesmo pagã referem-se, todas elas, às mesmas chaves.

ISIS E A TRINDADE EGÍPCIA

A concepção da Divindade entre os antigos, particularmente os egípcios, resultava não somente de teorias filosóficas mas, sobretudo, de visões diretas no plano invisível.

A unidade da Divindade era ensinada em todos os templos e em todos os graus iniciáticos, mas as ações da Divindade única eram marcadas por um caráter especial que fazia considerar essa Divindade Una como polimorfa nas ditas manifestações.

Assim, jamais se conceberia a idéia de um cristão instruído considerar o Pai, o Filho e o Espírito Santo como deuses distintos e suscetíveis de opor-se um ao outro. Entretanto, essa é a idéia dos muçulmanos, que ensinam que os cristãos são politeístas e admitem vários deuses, enquanto eles, os muçulmanos, não aceitam mais do que um.

A concepção da Divindade Una, sob um aspecto triplo, resulta principalmente da conformação do cérebro do ser humano encarnado, que constitui um verdadeiro prisma, refletindo sob três aspectos qualquer visão mental simples. Além disso, o eco que toda impressão espiritual encontra nos três centros: o físico, com seu plexo solar; o astral, com seu plexo cardíaco; e o espiritual, com seu cérebro e seus anexos.

Portanto, é por um duplo ternário que toda idéia sintética se analisa na pessoa do homem, podendo-se, agora, entender o início da Gênese de Moisés: Bara-Shith: Ele criou *seis*, como demonstra Saint-Yves d'Alveydre em sua *Théogonie des Patriarches*.

Assim, o Setenário é, em sua verdadeira origem, "um duplo Ternário no meio do qual está a Unidade", como um rei sobre seu trono, dirá o *Sepher Jesirah*.

Em sua essência, portanto, a Divindade Una aparece tripla a qualquer iniciado nos Mistérios.

Dos três aspectos dessa divindade, refletida no prisma cerebral humano, concebemos:

1) Um aspecto criador, macho, dando a vida, de caráter rude e justiceiro, de fórmula impiedosa, pois o Tempo tudo arranjará.

A unidade das religiões (178)

2) Um aspecto conservador, de impressão feminina, multiplicando as formas da vida e conservando as espécies, colocando a multiplicidade das formas a serviço da vida formada.

Sendo rude o primeiro aspecto, o segundo é todo doçura, bondade, encorajamento, piedade. É o sustentáculo dos vencidos e dos desesperados.

3) Um aspecto de pura espiritualidade, dando a beleza às formas, a luz às palavras, as revelações puras às necessidades mentais. É a iluminação em todos os planos, a volta à síntese pela fé, após a análise das dúvidas.

É a chave de todas as compreensões, não só cerebrais, como também intuitivas e extáticas.

Esses três aspectos da Divindade Una foram percebidos por todos os grandes criadores de religiões e receberam diferentes nomes, de acordo com os povos a que esses nomes eram destinados.

Como esses nomes ocultam os mesmos princípios e os três princípios ocultam a mesma Unidade, é inculto e antiofensivo discutir fastidiosos detalhes, como o de saber se o terceiro aspecto é produzido antes ou após o segundo, ou se o aspecto da Piedade deve ser desdobrado em masculino e feminino, etc., etc.,

Alguns exemplos mostrarão melhor o que queremos dizer.

São João, o grande iluminado cristão, chama esses três aspectos:

Vita (o Pai);

Verbum (o Filho);

Lux (o Espírito).

A Vida, o Verbo, a Luz.

Não há no mundo uma definição melhor do que essa.

Recomendam-se os estudos de Lacuria para todos os que quiserem aprofundar este ponto.

É impossível, claro, fazer aqui uma análise dos três aspectos da Divindade Una em todas as religiões do mundo; vamos insistir apenas sobre as concepções do Egito Antigo para esclarecer o caráter de Ísis.

Para o Egito Antigo, o Deus Uno aparecia sob três aspectos: *Osíris*, correspondendo ao Pai e à Vida; *Ísis*, correspondendo ao Verbo e ao Filho; e *Horus*, correspondendo à Luz (o sol nascente em todos os planos) e ao Espírito.

Antes de prosseguir, impõe-se uma observação.

A força divina se caracteriza por agir sempre do mesmo modo em todos os planos.

Assim, a ação da força divina sobre a terra será caracterizada pela vida que circulará em todos os seres, que parecerá destruída, que será reconquistada e reconstituída pela Natureza sob uma nova forma, ao mesmo tempo que a luz do Sol multiplicará a beleza das formas.

Imagem na página 180.

No mundo planetário, o Sol (Rã) ou Osíris parecerá dever ser crucificado e morto nos signos inferiores do Zodíaco, enquanto a grande corrente da Virgem celeste virá ressuscitá-lo e levá-lo novamente até os signos zodiacais superiores, tendo a Lua como representação física.

Na própria história, como nos mostra Saint-Yves d'Alveydre em sua *Mission des Juifs*, a tradição primitiva ou de Osíris teria sido rasgada e despedaçada pelos profanos. A criação dos

mistérios de Ísis permite a reconstituição integral dessa tradição e, então, a esfinge Horus pode desenvolver todos os seus misteriosos sentidos.

O que procuramos explicar é -,que não há duas leis de manifestação para essa força divina. A manifestação é a mesma na evolução dos astros, na evolução dos órgãos humanos ou nas criações da Natureza, e o sábio, que descobriu as relações dessa força divina com a marcha do Sol, não está errado senão quando imagina que o mito solar é uma causa da criação dos mitos religiosos, quando, na verdade, é apenas um efeito da manifestação, em um plano, da força divina.

Se Cristo, em sua encarnação para a raça branca, nasceu no Natal e foi crucificado na Sexta-feira Santa para ressuscitar na Páscoa, é necessário que o Sol - nos céus, a palavra divina em representação física - nasça no Natal, pareça desaparecer para sempre alguns dias antes da Páscoa para renascer mais radiante ainda nessa época. "Os reis narram a glória de Deus", isto é, a própria palavra criadora está em todas suas manifestações.

Portanto, não há senão um só e único Deus, do qual o céu nos relata, por um lado, a constituição estática ou anatômica (com o perdão de tão rude expressão aplicada a tal assunto) e, por outro lado, a fisiologia.

Nas suas manifestações em relação aos diversos planos, a divindade única aparece-nos sob formas diversas. Deixaremos de lado os aspectos Osíris e Horus para tratar apenas de Ísis...

* * *

Ísis é o aspecto conservador da vida de caráter feminino.

No céu espiritual, é o verbo com sua qualidade de piedade que os católicos desdobraram em dois aspectos: o Cristo e a Virgem Maria. Os protestantes deram ao Cristo todas as qualidades femininas atribuídas à Virgem pelos católicos. Na unidade, todas as divisões são fictícias e falamos delas apenas para tentar pôr fim a muitas hostilidades.

No mundo astral, Reflexo é negativo do mundo divino; Ísis torna-se "sintetizante", a grande deusa das *águas celestes*, Maha Maya, a grande ilusão consoladora dos hindus, ou Magna Maria, o grande mar celeste de todos os fiéis, com a Lua como símbolo.

No plano físico, Reflexo em negativo do plano astral e, conseqüentemente, Reflexo em positivo do plano divino, Ísis é a Natureza de múltiplos nomes e formas, a deusa de muitos nomes que reconstitui seres novos com os membros esparsos da vida osíridiana destruída.

Apuleio a descreveu maravilhosamente, e essa descrição foi desenhada primeiramente por Kircher, em sua obra *Oedipus Aegyptiacus*, e depois por Lenoir, em seu livro sobre o Egito Antigo.

Apresentamos a reprodução de ambas as gravuras, feitas em épocas diferentes; observemos apenas que Kircher representa Ísis com um pé sobre o mar e um pé sobre a terra, assim como se representará, mais tarde, a Virgem Maria.

Basta comparar as duas gravuras com a descrição de Apuleio, para perceber o caráter de cada uma dessas representações.

Ísis

"Ela tinha uma espessa e longa cabeleira, com anéis ligeiramente encaracolados e disperses sobre seu divino pescoço, que pendiam com um mole abandono. Uma coroa formada por diversas flores prendia sua cabeleira no alto da cabeça. Acima da testa, tinha um círculo luminoso, parecido com um espelho, que projetava uma luz branca e indicava que era a Lua. À direita e à esquerda, sua cabeleira era presa, como que por faixas, por víboras que se levantavam e por espigas de trigo que

se balançavam acima de sua testa. Sua túnica, feita de linho de uma rara beleza, era de cor variável, matizava-se alternadamente do brilho intenso do albatroz, do ouro, do açafião, da cor-de-rosa. Porém, o que despertava mais vivamente minha atenção era um manto ofuscante, de tão perfeitamente negro, que se estendia sobre ela, descendo do ombro direito para o lado esquerdo como se fosse um escudo. Uma das extremidades pendia com mil pregas artisticamente dispostas, terminando em laços com franjas, as quais esvoaçavam de maneira muito graciosa. Toda a borda, assim como o fundo, cintilavam com inumeráveis estrelas, no centro das quais uma lua cheia lançava uma luz viva e radiosa. Isso não impedia que em todo o comprimento desse manto sem igual predominasse uma grinalda de bordado representando frutas e flores. A deusa portava vários e diferentes objetos: em sua mão direita um sistro de bronze, cuja estreita lâmina curva, em forma de boldrié, era atravessada por três varinhas, as quais, agitadas em conjunto pelo movimento de seu braço, produziam um tinido agudo. De sua mão esquerda pendia um vaso de ouro em forma de gôndola, do qual sobressaía, na parte mais saliente de sua alça, uma áspide de cabeça reta e pescoço desmesuradamente cheio. Seus pés divinos estavam recobertos por sandálias fiadas com folhas de palmeira, a árvore da Vitória."

Imagens nas páginas 183 e 184.

SÚPLICA DE LUCIUS A ÍSIS

"Rainha dos céus, seja como a benfazeja Ceres, a mãe e inventora das colheitas que, feliz por ter encontrado sua filha, ensinou aos homens a substituir o antigo cizirão, esse alimento selvagem, por mais doces alimentos, vós habitais os campos de Elêusis; seja como a Vênus celeste, que nos primeiros dias do mundo aproximou os diferentes sexos pelo sentimento de um amor inato e propagou por uma eterna fecundidade as gerações humanas, sois adorada na santa ilha de Pafos; seja como a divina Febo, que pelos preciosos auxílios que presta às mulheres grávidas e seus frutos, colocou tantos povos no mundo, sois hoje reverenciada no magnífico templo de Éfeso; seja como a terrível Proserpina dos urros noturnos, cuja tripla forma detém a impetuosidade dos espectros, que mantém fechadas as prisões da terra, que percorre os diversos bosques sagrados, sois a entrega favorável aos variados cultos; oh! vós que iluminais com vossa luz feminina todas as muralhas, que alimentais com vossos raios úmidos as sementes preciosas e que, substituindo o Sol, distribuis uma luz sem igual! sob qualquer nome, sob qualquer forma, com qualquer rito que seja permitido vos invocar, ajudai-me em minha extrema desgraça, fortalecei minha sorte cambaleante; concedei-me um momento de paz ou de trégua após tão rudes reveses. Basta com esses trabalhos, basta com essas provas".

RESPOSTA DE ÍSIS

"Venho a ti, Lucius, comovida pelas tuas súplicas. Eu sou a Natureza, mãe das coisas, proprietária dos elementos, origem e princípio dos séculos, soberana das divindades, rainha das almas dos mortos, primeira entre os habitantes do Céu, tipo comum dos deuses e das deusas. Sou eu que governo as luminosas abóbadas do Céu, os ventos salutares do Oceano, o lúgubre silêncio das trevas. Potência única, sou adorada por todo o universo sob mil formas, com diversas cerimônias e sob mil diferentes nomes: os frígios, primeiros habitantes da Terra, chamam-me Deusa de Pessinonte e Rainha dos Deuses. Os atenienses autóctones me denominam Minerva Cecropiana; sou Vênus de Pafos entre os habitantes da ilha de Chipre; Diana Dictina entre os cretenses hábeis atiradores de flechas; Proserpina Estigiana entre os sicilianos da ilha triangular; a antiga deusa Ceres entre os habitantes de Elêusis; entre uns, Juno, entre outros, Belona; entre esses, Hécate, entre aqueles, Rhamnusia. Mas só os primeiros a serem iluminados pelos raios divinos do sol nascente, os povos etíopes, arianos e os egípcios, tão admiráveis pela sua antiga sabedoria, honram me com a veneração que me agrada, só eles me chamam pelo meu verdadeiro nome: a rainha Ísis. Venho, emocionada pelos teus infortúnios, venho, favorável e propícia. Acaba desde já com teu pranto, cessa tuas lamentações, afugenta teu desespero: desde já, minha proteção faz luzir para ti o dia da Salvação." (Apuleio. *Les Métamorphoses ou l'Ane d'Or*, Livro XI)

Para representar as grandes cenas divinas, os egípcios costumavam desenhar magníficos quadros simbólicos nos muros dos templos. Um desses quadros representa o Triunfo de Ísis em todos os planos de manifestação. É, ao mesmo tempo, o triunfo da Virgem como signo celeste no Zodíaco, o triunfo da natureza no plano terrestre e da feminilidade divina no plano celeste ou espiritual. Essa pintura é conhecida pelo nome de Tábua Isíaca (Veja pp. 188-189). Inúmeras coisas foram vistas nela, tais como um Zodíaco especial, um horóscopo ou uma apologia a um faraó; o curioso é que tudo isso é verdade e, segundo as leis da analogia, essas diversas acepções podem ser atribuídas sem temor à Tábua Isíaca.

Escutemos Lenoir (Novo ensaio sobre a Tábua Isíaca, Paris, 1809):

"Ísis, ou a Virgem celeste, sob a figura de um vaso, que era chamado Canopo, o símbolo da Água, colocado frente ao animal do solstício, de um material notável, representa a expansão do Nilo sobre a terra e, conseqüentemente, a fecundação do Egito. O vaso egípcio com cabeça de mulher, coberto com chifres de bode, como observa Caylus, é exatamente a imagem do céu no solstício de verão, pois vemos então o Leão no Oriente, a Virgem no Zênite e o Capricórnio no Ocidente. Essa feliz fecundidade para o Egito, motivo de uma universal satisfação e de regozijos públicos, é neste ponto duplamente expressa pelo caule de junco, encimado por uma flor de lótus e uma folha de palmeira, e a cabeça da serpente de Eva, aquela cujo serpentário está armado, ambos os símbolos do equinócio de outono, colocados no Oriente do quadro, como se vê, no Ocidente ou no lado oposto, uma simples flor de lótus elevar-se paralelamente a outro junco."

Acima do Leão celeste, representou-se o disco do Sol com asas, cercado por uma serpente e dirigindo suas asas na direção da terra; provavelmente para exprimir que esse astro, após ter sucessivamente coberto de luz os signos do Leão e da Virgem, vai percorrer os signos inferiores.

O Vaso ou Canopo, do qual sobressai uma cabeça de mulher, era a imagem de Ísis, assim como aquele que os egípcios coroavam com uma cabeça de homem ou um gavião representava Osíris. Para eles, portanto, esse vaso sagrado era o *vaso espiritual*, considerado como o guardião da vida ou do sopro divino, com a ajuda do qual tudo respira.

A Deusa Ísis representava a Aurora dos dedos cor-de-rosa que, todas as manhãs, precede o levantar do astro brilhante que nos ilumina; os egípcios chamavam-na o orvalho celeste e benfazejo; vestiam-na com as cores do arco-íris. *Isis passeia toda a noite em sua carruagem*, nos diz Martial, e

assim anda até o levantar de seu esposo. Assim é que, para designar a força da mãe de Hórus, davam a ela, como a Cibele, uma torre de marfim e colocavam-na em um templo de ouro sobre um imenso arco, símbolo de sua união com a terra e os céus.

É impossível, portanto, perceber exatamente a grandeza da ciência antiga dos egípcios sem um perfeito conhecimento do seu sistema astronômico e astrológico.

Seus grandes quadros simbólicos têm todos uma referência astronômica, e é isso que explica a pobreza das revelações dos egiptólogos contemporâneos sobre esses quadros.

Com efeito, esses egiptólogos são eminentemente sábios tecnicamente falando. Lêem os hieróglifos como lemos um impresso, mas muito poucos entre eles estudaram a astrologia dos egípcios ou qualquer outra.

Por isso, foi necessário referir-se aos trabalhos dos pesquisadores do século XVIII no que tange a essa seção astrológica em suas relações com os quadros simbólicos.

Como tudo o que se relaciona com a antiga iniciação, essas observações não escaparam à sagacidade de nosso mestre Saint-Yves d'Alveydre, que sobre isso nos diz:

"Osíris era o deus de Abduh (Abydos); era ao mesmo tempo deus solar e funerário. É, por excelência, a múmia envolta em suas ataduras, tendo na mão as diversas insígnias da renovação. Isis, sua mulher, participa de sua essência; é a protetora dos mortos e a pranteadeira divina: seus traços são humanos e os artistas egípcios misturaram em seu cabelo o signo que serve para escrever o seu nome.

Figuras nas páginas 188 e 189.

Completando a tríade, Hórus quase sempre é representado com o corpo de um homem e a cabeça de um gavião: ele se confunde completamente com o deus Rã" (*Gayet, Itinéraire de la Haute-Egypte*, p.19).

* * *

Apresentamos um quadro representando o nascimento de Hórus. Observe os hieróglifos que explicam esse nascimento.

O nascimento de Hórus (190)

Pode-se ver todos os cinocéfalos e os deuses que fazem o sinal de magnetizar a nuca: o gesto de "Sã".

Nas épocas mais distantes mencionadas nos textos, a personalidade divina compreende três elementos e constitui uma verdadeira tríade, composta pelo deus, sua esposa e seu filho, que simbolizam os três elementos da renovação. Não sendo a segunda pessoa da tríade mais do que o reflexo da primeira, e a criança participando de ambos, chegou-se a pensar, sem maiores problemas, que o pai, a mãe e o filho, ao invés de serem três pessoas distintas, confundiam-se em uma única e mesma pessoa; e é assim que em Tebas, por exemplo, a tríade de Amon, Maut e Khonsou fundiu-se para dar lugar à personalidade de Amon; que em Mênfis, a tríade de Phtah-Sekhet e Imhotep deu lugar à personalidade de Phtahou; que em *To-Rer* (Denderah), a tríade de Hator, Hórus e Sam-Taouf resumiu-se na personalidade de Hator (Gayet, *Itinéraire*, p. 14).

No Egito, o trinitarismo de Christna também teve sua benfazeja influência na revelação da Trindade Osíris-Ísis-Hórus.

Porém, a política dos cismáticos, desde o ano 2705 a.C., relegou no mais profundo dos Templos a antiga síntese, a primeira hierarquia das Ciências, Osíris enfim, cujo nome, ao ser pronunciado, fará tremer Heródoto.

Então divulgou-se a lenda exotérica do desdobramento de O-Sir-Is, o senhor intelectual, o Deus da antiga aliança universitária e universal.

Mantendo em seus braços Hórus com sua auréola solar, a Deusa no crescente, Is-Is, a dupla intelectualidade, a Natureza metafísica e física, foi ela mesma recoberta, com todas suas ciências e todas suas artes, pelo véu de uma dupla iniciação: Pequenos Mistérios, Grandes Mistérios.

É dessa época, com efeito, que datam a prova moral e o juramento, aplicados em todos os graus do ensino e do conhecimento, a partir dos estudos secundários.

É dessa época que data, tanto no Egito como na Assíria, a substituição do hieróglifo do Touro pelo de Áries, do qual, no entanto, os Pontífices ortodoxos guardaram a imagem nos seus báculos.

A tradição diz que o equinócio da Primavera caía sobre os primeiros graus de Touro, quando começaram os Mistérios de Ísis.

Entretanto, a festa de Osíris manteve-se fixa no Natal, isto é, na época em que o Áries de Ram, quarenta e um séculos antes, coincidia com o começo do ano astronômico.

A própria data da abertura dos Mistérios de Ísis concorda com os primeiros levantamentos astronômicos feitos pelos letrados chineses.

Com efeito, estes indicam a estrela polar Yeu Tchu, o Pivô da direita, na constelação do Dragão, Alfa.

Portanto, esses fatos ocorreram há cerca de quarenta e seis séculos (Saint-Yves d'Alveydre, *mission des Juifs*, P. 310).

Poder-se-ia estender consideravelmente um estudo sobre Osíris. As várias páginas precedentes objetivam apenas dar a nossos leitores idéias muito gerais sobre esse assunto.

Perceberemos que, se as quatro formas da esfinge tornaram-se os símbolos dos quatro Evangelistas cristãos, a concepção de Ísis, agindo como uma das modalidades da força divina, muito influenciou em nossa concepção católica da Virgem. As aparições às videntes, as descrições dos extáticos, a consagração à piedade por ocasião da morte são apropriadas como imagem astral para as duas concepções.

É desnecessário dizer que coloco sobre uma mesma base a antiga deusa e a Virgem Maria, consoladora dos aflitos em todos os planos, Virgem de luz da Gnose.

O que eu gostaria de fazer entender é que o plano celeste ignora nossas pequenas discussões, que os princípios ali viventes viviam antes da encarnação terrestre de Cristo, como ainda vivem desde então, e que a palavra lançada no *Livro dos Espíritos* ainda é verdadeira:

Na Casa de meu Pai há muitas moradas.

Imagem na página 192.

FILOSOFIAS E RELIGIÕES

A CORRENTE MÍSTICA

Não se pode entender a diferença entre uma filosofia e uma religião, quando não se tem noção do plano mental e do plano espiritual. No plano mental, tudo é fictício, com raízes puramente cerebrais; no plano espiritual, pelo contrário, tudo é vivo, com raízes que se introduzem profundamente no plano invisível.

Sei muito bem que essa distinção fará com que os filósofos, amigos do mental, me classifiquem entre os místicos, o que, aliás, não me importa.

Daí que todo sistema filosófico só vale pelos seres humanos que a ele se ligam; é uma pequena egrégora sem raiz, um ser fictício que só possui, para sustentar a sua existência, as mentalidades puramente humanas de seus adeptos. Por isso, é preciso ver como os sistemas filosóficos aparentemente mais sólidos duram pouco, e como não sobrevivem, a não ser que se liguem a um sistema espiritual, isto é, religioso, tal como o neoplatonismo, por exemplo.

As religiões, ao contrário, possuem raízes em um outro plano que não o plano humano. Como existem no invisível seres maus e seres de luz, pode haver sistemas religiosos sustentados por influências de luz negra (permitam-me associar esses dois termos), assim como pode haver sistemas religiosos sustentados por influências verdadeiramente angélicas.

Por isso é que religiões aparentemente amorais, como aquelas que, na Antiguidade, tinham por base os sacrifícios humanos (astecas e druidas), ou certas seitas negras contemporâneas, puderam viver e prosperar por muito mais tempo que qualquer sistema filosófico. Com efeito, acredito que nenhum sistema filosófico durou realmente mais tempo que os dois séculos durante os quais a concepção de Raymond Lulle, com seu cérebro de roda de papel, dominou o ensinamento filosófico.

Em geral, o sistema religioso é desejado por um ser invisível e depende principalmente da união do espírito humano, liberado do corpo pela prece ou pelo êxtase, com uma influência do além, quase sempre angélica.

Na religião egípcia, as comunicações entre os dois planos eram permanentes e todo iniciado tornava-se um sujeito ativo, encarregado de unir o visível ao invisível; essa era até a única razão de ser da iniciação. Os filósofos modernos, teólogos ou leigos, seriam considerados por qualquer adepto dessas antigas iniciações como meros profanos, na presença de quem se faz necessário o silêncio no que se refere aos mistérios.

Na continuação da história religiosa, ainda vemos essas duas correntes, religião administrativa ou culto público e religião dos iniciados ou culto privado, andando juntas e constituindo um sistema realmente vivo.

Quando uma dessas correntes oprime a outra e uma religião, repentinamente e sem razão lógica, vê sua influência invisível diminuída, nascem cisões que indicam a direta retomada, pelo plano espiritual, das relações que se quisera interromper. Deixemos de lado a religião egípcia, da qual acabamos de falar, e tratemos rapidamente dos outros sistemas religiosos.

Na Pérsia, os caldeus, astrólogos de desdobramento astral, constituem os grupos de iniciados videntes que mais adiante, através das sociedades místicas frígias, exercerão tamanha influência sobre a redação do Apocalipse.

Em Israel, os Profetas e, mais tarde, os essênios constituem a manifestação dessa corrente mística em relação à qual os sacerdotes regulares e os fariseus sentem um horror especial. O violento assassinato dos Profetas leva o invisível à criação do Cristianismo.

Até nesse Cristianismo primitivo, o administrativo teria submergido completamente com São Pedro (Képhas) e seus doze colegas, ou substitutos, se o invisível não tivesse diretamente iluminado Saul (o futuro São Paulo) para fazer dele um transmissor da Lei divina entre os profanos ou gentios; com São Pedro, o Cristianismo se teria mantido puramente judeu; com São Paulo, tornou-se católico, isto é, universal; apesar disso, São Paulo sempre foi considerado pelos puros como um intruso na revelação normal.

Esse é um pouco o papel de todos os enviados diretos do invisível que constituem a igreja mística de Melquisedeque.

Encontramos essa mesma corrente, manifestada pela união direta com o plano divino, entre certos pitagóricos, entre os neoplatônicos e alguns gnósticos da escola de Alexandria e das sociedades leigas que perpetuaram suas tradições até Constantinopla.

Através do Sufismo, essa corrente passa pela religião de Mohammed, e os muçulmanos de hoje ainda têm seus grupos místicos, que são temidos e odiados pelo clero normal, tão pouco importante, aliás, no Islã. Os adeptos da Ioga hindu e seus *dwidjas*, que vivem em dois planos, bem como seus colegas chineses, serão apenas citados. Em todo sistema religioso, encontramos esse espírito de Deus que sopra diretamente sobre os santos e os extáticos do Cristianismo nas suas duas Igrejas, a romana ou a ortodoxa, assim como entre os anabatistas do Protestantismo, tanto é verdade que a palavra de Cristo ainda vive: "Na Casa de meu Pai há muitas moradas."

"Tudo isso ainda se lê com objetividade no *Archéomètre*. Procuremos, por exemplo, os três hierogramas da Ontologia humana. Veremos imediatamente todas suas correspondências no Duplo Universo, a começar pela Divina Trindade, seu Hexade e seu centro solar, o de *Lumen de Lumine* ou de qualquer Sol ou Coração astral de qualquer coro solar.

TEOGONIA

ANDROGONIA

Essência	IHOH	NiShaMaH	hebreu	HaM(n)SHIN	Vattan e veda
Existência	IPhO-lShO	NePheSh	-	ShaPhaN	-
Substância	ROuaH	ROuaH	-	HaOuR	-

Como sempre, é preciso eliminar as letras de pronúncia vulgar. As que aqui permanecem, no que precede, são comuns à Androgonia e à Teogonia (Saint-Yves d'Alveydre, *L'Archéomètre*, P. 84).